



Revista Latino-americana de **JORNALISMO**
ÂNCORA
Programa de Pós-graduação em **JORNALISMO UFPB**

IMPrensa E AUTORITARISMOS ONTEM E HOJE

Volume 11 | Número 2 | JUL-DEZ 2024 | ISSN 2359-375X



Editoras

Norma MEIRELES | Editora-chefe

Gloria RABAY | Editora-adjunta

Revista Latino-americana de Jornalismo - **ÂNCORA**

Volume 11 • Número 2 • jul./dez. 2024



ÂNCORA - Revista Latino-americana de Jornalismo é uma publicação acadêmica semestral, vinculada ao Programa de Pós-graduação em Jornalismo - PPJ | UFPB. Objetiva o fomento da produção acadêmico-científica na área do jornalismo e suas interfaces no campo comunicacional e em áreas afins. Seu foco de abordagem temática está direcionado para publicações de artigos, relatos profissionais, artigos-resenha e entrevistas que retratem, de forma transdisciplinar, os ambientes, processos, linguagens, tecnologias, produtos e processos do jornalismo. Avaliação CAPES: **Qualis B1** [Educação] e **Qualis B2** [Comunicação e informação]. **As informações, opiniões e conceitos expressos nos artigos, relatos profissionais, resenhas ou entrevistas são de inteira responsabilidade dos autores/autoras.**

A revista eletrônica está disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ancora>

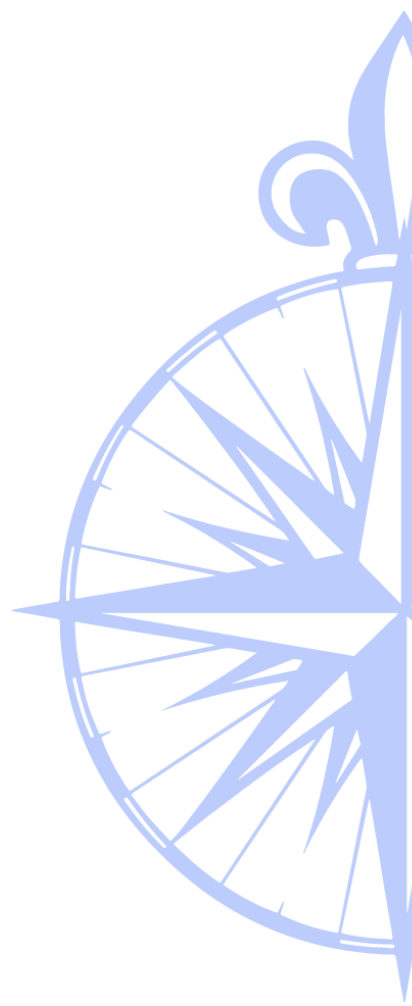


CATALOGAÇÃO NA FONTE

R454 Revista Latino-americana de Jornalismo - Âncora [recurso eletrônico] – Ano 11, v.11; n.2; (jul/dez. 2024) / João Pessoa: Editora do CCTA, 2024.
195 p.
Modo de acesso:
<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ancora>
Semestral.
ISSN: 2359-375X
1. Jornalismo. 2. Imprensa e autoritarismos. 3. Liberdade de imprensa. 4. Censura. 4. Ensino de jornalismo. 5. Discurso.

UFPB/BC

CDU: 070



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

EDITORAS

EDITORA-CHEFE

Profª. Drª. Norma Meireles

Universidade Federal da Paraíba | Brasil

EDITORA- ADJUNTA

Profª. Drª. Gloria RABAY

Universidade Federal da Paraíba | Brasil

CONSELHO EDITORIAL

Prof. Dr. Fernando Firmino da SILVA

Universidade Estadual da Paraíba | Brasil

Profª. Drª. Paula de Souza PAES

Universidade Federal da Paraíba | Brasil

Prof. Dr. Paulo Fernando de Carvalho LOPES

Universidade Federal do Piauí | Brasil

Profª. Drª. Sheila Mendes ACCIOLY

Universidade Federal da Paraíba | Brasil

Profª. Drª. Zulmira Silva NÓBREGA

Universidade Federal da Paraíba | Brasil

Editoração e revisão

Juliana Ferreira Cavalcanti | UFPB

Larissa Duarte Soares | UFPB

Luiz Felipe Bolis Rodrigues | UFPB

• Capa desta Edição •

Prof. Dr. Paulo Fernando de Carvalho LOPES

Profª. Drª. Norma Meireles

| [Latindex](#) - México | [Crossref](#) - USA/United Kingdom |
[OLCL WorldCat](#) - Estados Unidos | [Elektronische Zeitschriftenbibliothek](#) -
Alemanha | [MIAR](#) - Espanha | [REDIB](#) - Espanha | [DAIJ](#) - Indonésia | [SHERPA/RoMEO](#) -
Inglaterra | [ResearchBid](#) - Reino Unido | [Eurasian Scientific Journal Index](#) - República do
Cazaquistão | [UNIVERSAL IMPACT FACTOR](#) - Journal Impact Factor | [Crosscheck](#) | [Vérsila](#) -
USA | Brasil | [Directory of Research Journals Indexing](#) - Índia | [Journal TOCS](#) - Reino Unido
||| Brasil |||

DIRETÓRIOS, INDEXADORES E PLATAFORMAS DE AVALIAÇÃO

[Sumários.org](#) | [Diadorim](#) | [SEER](#) | [IBICT](#) | [REVIScom](#)
[Periódicos UFPB](#) | [LivRe](#) | [Biblioteke Virtual](#) | [Google Acadêmico](#)

Programa de Pós-graduação em Jornalismo

Centro de Comunicação, Turismo e Artes | Universidade Federal da Paraíba
Campus Universitário I | Cidade Universitária, 58059-900, João Pessoa – Paraíba
(83) 3260-0000 - Contato: revistaancoraufpb@gmail.com

CONSELHO CIENTÍFICO • PEER REVIEW

- Profª. Drª. Adelaide Alves DIAS**
Universidade Federal da Paraíba | Brasil
- Prof. Dr. Adilson Vaz CABRAL FILHO**
Universidade Federal Fluminense | Brasil
- Profª. Drª. Adriana Cristina Omena dos SANTOS**
Universidade Federal de Uberlândia | Brasil
- Prof. Dr. Adriano Duarte RODRIGUES**
Universidade Nova de Lisboa | Portugal
- Prof. Dr. Adriano Lopes GOMES**
Universidade Federal do Rio Grande do Norte | Brasil
- Prof. Dr. Afonso de ALBUQUERQUE**
Universidade Federal Fluminense | Brasil
- Prof. Dr. Alexandre Almeida BARBALHO**
Universidade Estadual do Ceará | Brasil
- Prof. Dr. Alfredo VIZEU**
Universidade Federal de Pernambuco | Brasil
- Profª. Drª. Aline do Amaral Garcia STRELOW**
Universidade Federal do Rio Grande do Sul | Brasil
- Prof. Dr. Álvaro Nunes LARANGEIRA**
Universidade Tuiuti do Paraná | Brasil
- Prof. Dr. Amarildo Batista CARNICEL**
Pontifícia Universidade Católica de Campinas | Brasil
- Profª. Drª Ana Carolina ESCOSTEGUY**
Universidade Federal do Rio Grande do Sul | Brasil
- Profª. Drª. Ana Carolina Rocha Pessoa TEMER**
Universidade Federal de Goiás | Brasil
- Profª. Drª. Ana Lúcia Medeiros BATISTA**
Universidade Federal da Paraíba | Brasil
- Prof. Dr. André BRASIL**
Universidade Federal de Minas Gerais | Brasil
- Prof. Dr. André VILLAS-BOAS**
Universidade Federal do Rio de Janeiro | Brasil
- Profª. Drª. Andréa França MARTINS**
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro | Brasil
- Profª. Drª. Ângela Cristina Salgueiro MARQUES**
Universidade Federal de Minas Gerais | Brasil
- Profª. Drª. Anita SIMIS**
Universidade Estadual Paulista | Brasil
- Prof. Dr. Antônio Francisco Ribeiro de FREITAS**
Universidade Federal de Alagoas | Brasil
- Prof. Dr. Antônio FAUSTO NETO**
Universidade do Vale do Rio dos Sinos | Brasil
- Prof. Dr. Arlindo Ornelas FIGUEIRA NETO**
Universidade de São Paulo | Brasil
- Prof. Dr. Armando Silva TELLEZ**
Universidad Externado de Colombia | Colômbia
- Profª. Drª. Beatriz BECKER**
Universidade Federal do Rio de Janeiro | Brasil
- Prof. Dr. Bruno CAMPANELLA**
Universidade Federal Fluminense | Brasil
- Profª. Drª. Cárilda EMERIM**
Universidade Federal de Santa Catarina | Brasil
- Prof. Dr. Carlos Arcila CALDERÓN**
Universidad de Salamanca | Espanha
- Prof. Dr. Carlos Eduardo FRANCISCATO**
Universidade Federal de Sergipe | Brasil
- Prof. Dr. Carlos Frederico de Brito D'ANDREA**
Universidade Federal de Minas Gerais | Brasil
- Prof. Dr. Carlos PERNISA JUNIOR**
Universidade Federal de Juiz de Fora | Brasil
- Profª. Drª. Christa Liselote Berger Ramos KUSCHICK**
Universidade do Vale do Rio dos Sinos | Brasil
- Profª. Drª. Claudia Irene de QUADROS**
Universidade Federal do Paraná | Brasil
- Prof. Dr. Cláudio Cardoso de PAIVA**
Universidade Federal da Paraíba | Brasil
- Profª. Drª. Cosette Espindola de CASTRO**
Universidade Católica de Brasília | Brasil
- Profª. Drª. Cremilda MEDINA**
Universidade de São Paulo | Brasil
- Prof. Dr. Danilo ROTHBERG**
Universidade Estadual Paulista | Brasil
- Prof. Dr. Demétrio de Azeredo SOSTER**
Universidade de Santa Cruz do Sul | Brasil
- Prof. Dr. Denis Porto RENÓ**
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho | Brasil
- Profª. Drª. Denise COGO**
Escola Superior de Propaganda e Marketing | Brasil
- Profª. Drª. Denise da Costa Oliveira SIQUEIRA**
Universidade do Estado do Rio de Janeiro | Brasil
- Profª. Drª. Denise Tavares da SILVA**
Universidade Federal Fluminense | Brasil
- Profª. Drª. Denize Correa ARAÚJO**
Universidade Tuiuti do Paraná | Brasil
- Profª. Drª. Dóris Fagundes HAUSSEN**
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul | Brasil
- Profª. Drª. Dulcília Helena Schroeder BUITONI**
Faculdade Casper Líbero | Brasil
- Prof. Dr. Edgard Patrício de ALMEIDA FILHO**
Universidade Federal do Ceará | Brasil
- Prof. Dr. Edônio Alves do NASCIMENTO**
Universidade Federal da Paraíba | Brasil
- Prof. Dr. Edson Fernando DALMONTE**
Universidade Federal da Bahia | Brasil
- Prof. Dr. Eduardo MEDITSCH**
Universidade Federal de Santa Catarina | Brasil
- Prof. Dr. Eduardo VICENTE**
Universidade de São Paulo | Brasil
- Prof. Dr. Edvaldo Pereira LIMA**
Universidade de São Paulo | Brasil
- Prof. Dr. Elias Machado GONÇALVES**
Universidade Federal de Santa Catarina | Brasil
- Prof. Dr. Eliseo VERÓN**
In memoriam
- Prof. Dr. Ericson SAINT CLAIR**
Universidade Federal Fluminense | Brasil
- Profª. Drª. Fernanda MARTINELLI**
Universidade de Brasília | Brasil
- Prof. Dr. Fernando Albano Maia de Magalhães ILHARCO**
Universidade Católica Portuguesa | Portugal
- Prof. Dr. Fernando Antonio CROCOMO**
Universidade Federal de Santa Catarina | Brasil
- Prof. Dr. Fernando Antônio Dias ZAMITH**
Universidade do Porto | Portugal
- Prof. Dr. Fernando Antônio RESENDE**
Universidade Federal Fluminense | Brasil
- Prof. Dr. Fernando Firmino da SILVA**
Universidade Estadual da Paraíba | Brasil
- Prof. Dr. Fernando GONÇALVES**
Universidade do Estado do Rio de Janeiro | Brasil
- Prof. Dr. Fernão Vítor Pessoa de Almeida RAMOS**
Universidade Estadual de Campinas | Brasil
- Prof. Dr. Flávio Antônio Camargo PORCELLO**
Universidade Federal do Rio Grande do Sul | Brasil
- Prof. Dr. Francisco de ASSIS**
Escola Superior de Propaganda e Marketing | Brasil
- Prof. Dr. Francisco Gilson Reboças PÔRTO JÚNIOR**
Universidade Federal do Tocantins | Brasil
- Prof. Dr. Francisco José Castilhos KARAM**
Universidade Federal de Santa Catarina | Brasil
- Prof. Dr. Francisco Laerte Juvêncio MAGALHÃES**
Universidade Federal do Piauí | Brasil
- Prof. Dr. Francisco Paulo Jamil Almeida MARQUES**
Universidade Federal do Paraná | Brasil
- Profª. Drª. Gabriela BORGES**
Universidade Federal de Juiz de Fora | Brasil
- Profª. Drª. Geane Carvalho ALZAMORA**
Universidade Federal de Minas Gerais | Brasil
- Prof. Dr. Gerson Luiz MARTINS**
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul | Brasil
- Prof. Dr. Gilberto ALEXANDRE SOBRINHO**
Universidade Estadual de Campinas | Brasil
- Profª. Drª. Giovana Borges MESQUITA**
Universidade Federal do Maranhão | Brasil
- Profª. Drª. Graça CALDAS**
Universidade Estadual de Campinas | Brasil
- Profª. Drª. Graziela Soares BIANCHI**
Universidade Estadual de Ponta Grossa | Brasil
- Prof. Dr. Guido Lemos de SOUZA FILHO**
Universidade Federal da Paraíba | Brasil
- Prof. Dr. Heitor Costa Lima da ROCHA**
Universidade Federal de Pernambuco | Brasil
- Profª. Drª. Irene MACHADO**
Universidade de São Paulo | Brasil
- Profª. Drª. Isabel Ferin CUNHA**
Universidade de Coimbra | Portugal
- Profª. Drª. Jacques Alkalai WAINBERG**
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul | Brasil
- Prof. Dr. Jairo FERREIRA**
Universidade do Vale do Rio dos Sinos | Brasil
- Prof. Dr. Jesús Miguel Flores VIVAR**
Universidad Complutense de Madrid | Espanha
- Prof. Dr. João Batista de ABREU JUNIOR**
Universidade Federal Fluminense | Brasil
- Prof. Dr. João CANAVILHAS**
Universidade Beira do Interior | Portugal
- Prof. Dr. João Carlos MASSAROLO**
Universidade Federal de São Carlos | Brasil
- Prof. Dr. João Guilherme BARONE Reis e Silva**
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul | Brasil
- Prof. Dr. João SOMMA NETO**
Universidade Federal do Paraná | Brasil
- Prof. Dr. Jorge Alejandro GONZÁLEZ**
Universidad Nacional Autónoma de México | México
- Prof. Dr. Jorge CARDOSO FILHO**
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia | Brasil
- Prof. Dr. Jorge Kanehide IJUIM**
Universidade Federal de Santa Catarina | Brasil
- Prof. Dr. Jorge Pedro Almeida Silva e SOUSA**
Universidade Fernando Pessoa | Portugal
- Prof. Dr. Jorge Trinidad Ferraz de ABREU**
Universidade de Aveiro | Portugal
- Prof. Dr. José Antônio Marques MOREIRA**
Universidade Aberta (UAb) | Portugal
- Prof. Dr. José Carlos MARQUES**
Universidade Estadual Paulista | Brasil
- Prof. Dr. Josenildo Luiz GUERRA**
Universidade Federal de Sergipe | Brasil
- Prof. Dr. Luciano de Sousa LACERDA**
Universidade Federal do Rio Grande do Norte | Brasil
- Profª. Drª. Juliana Colussi RIBEIRO**
Universidade Estadual de Ponta Grossa | Brasil

CONSELHO CIENTÍFICO • PEER REVIEW

- Prof. Dr. Juliano Maurício de CARVALHO**
Universidade Estadual Paulista | Brasil
- Prof. Dr. Júlio PINTO**
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais | Brasil
- Prof. Dr. Koldo MESO**
Universidad del País Vasco | Espanha
- Prof. Dr. Lauer Alves Nunes dos SANTOS**
Universidade Federal de Pelotas | Brasil
- Profª. Drª. Lídia Oliveira SILVA**
Universidade de Aveiro | Portugal
- Prof. Dr. Lionel Bossi GARAVAGLIA**
Universidad de Chile | Chile
- Profª. Drª. Lívia Cirne de Azevêdo PEREIRA**
Universidade Federal do Rio Grande do Norte | Brasil
- Prof. Dr. Lorenzo Vilches MANTEROLA**
Universidad Autónoma de Barcelona | Espanha
- Profª. Drª. Lorena Peret Teixeira TÁRCIA**
Centro Universitário de Belo Horizonte | Brasil
- Profª. Drª. Lúcia Helena Ventrúsculo POSSARI**
Universidade Federal de Mato Grosso | Brasil
- Profª. Drª. Lúcia SANTA CRUZ**
Escola Superior de Propaganda e Marketing | Brasil
- Profª. Drª. Luciana MIELNICZUK *In memoriam***
Universidade Federal de Rio Grande do Sul | Brasil
- Profª. Drª. Luciane Fassarella AGNEZ**
Instituto de Educação Superior de Brasília | Brasil
- Prof. Dr. Luciano GUIMARÃES**
Universidade de São Paulo | Brasil
- Prof. Dr. Luís Antônio Martins SANTOS**
Universidade do Minho | Portugal
- Prof. Dr. Luís Mauro Sá MARTINO**
Faculdade Cásper Líbero | Brasil
- Prof. Dr. Luiz Custódio da SILVA**
Universidade Estadual da Paraíba | Brasil
- Prof. Dr. Luiz SIGNATES**
Universidade Federal de Goiás | Brasil
- Profª. Drª. Magnolia Rejane Andrade dos SANTOS**
Universidade Federal de Alagoas | Brasil
- Profª. Drª. Malgorzata KOLANKOWSKA**
Escola Filológica de Wrocław | Polônia
- Profª. Drª. Manuela PENAFRIA**
Universidade da Beira Interior | Portugal
- Profª. Drª. Marcel Vieira Barreto SILVA**
Universidade Federal da Paraíba | Brasil
- Prof. Dr. Marcelo Didimo Souza VIEIRA**
Universidade Federal do Ceará | Brasil
- Prof. Dr. Marcelo KISCHINHEVSKY**
Universidade Federal do Rio de Janeiro | Brasil
- Prof. Dr. Marcelo Martínez HERMIDA**
Universidad de Santiago de Compostela | Espanha
- Profª. Drª. Marcia BENETTI**
Universidade Federal do Rio Grande do Sul | Brasil
- Profª. Drª. Márcia Gomes MARQUES**
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul | Brasil
- Profª. Drª. Márcia Guena dos SANTOS**
Universidade Estadual da Bahia | Brasil
- Profª. Drª. Marcília Gomes Costa MENDES**
Universidade Estadual do Rio Grande do Norte | Brasil
- Prof. Dr. Márcio Carneiro dos SANTOS**
Universidade Federal do Maranhão | Brasil
- Prof. Dr. Márcio Ronaldo Santos FERNANDES**
Universidade Estadual do Centro-Oeste | Brasil
- Prof. Dr. Marco Antonio BONITO**
Universidade Federal do Pampa | Brasil
- Prof. Dr. Marcos AMÉRICO**
Universidade Estadual Paulista | Brasil
- Prof. Dr. Marcos Silva PALACIOS**
Universidade da Beira Interior - Portugal | Universidade Federal da Bahia | Brasil
- Prof. Dr. Marcus RAMÚSYO**
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão | Brasil
- Profª. Drª. Maria Beatriz COLUCCI**
Universidade Federal de Sergipe | Brasil
- Profª. Drª. Maria Berenice da Costa MACHADO**
Universidade Federal do Rio Grande do Sul | Brasil
- Profª. Drª. María Constanza Mujica HOLLEY**
Pontifícia Universidad de Chile | Chile
- Profª. Drª. Maria Cristina GOBBI**
Universidade Estadual Paulista | Brasil
- Profª. Drª. Maria Elisabete ANTONIOLI**
Escola Superior de Propaganda e Marketing | Brasil
- Profª. Drª. Maria José BALDESSAR**
Universidade Federal de Santa Catarina | Brasil
- Profª. Drª. Maria Lúcia BECKER**
Universidade Estadual de Ponta Grossa | Brasil
- Prof. Dr. Mário CARLÓN**
Universidad de Buenos Aires | Argentina
- Profª. Drª. Marta Regina MAIA**
Universidade Federal de Ouro Preto | Brasil
- Prof. Dr. Mateus Yuri Ribeiro da Silva PASSOS**
Faculdade Cásper Líbero | Brasil
- Prof. Dr. Mauro de Souza VENTURA**
Universidade Estadual Paulista | Brasil
- Prof. Dr. Michele Goulart MASSUCHIN**
Universidade Federal do Maranhão | Brasil
- Prof. Dr. Michele NEGRINI**
Universidade Federal de Pelotas | Brasil
- Prof. Dr. Miguel WIÑAZKI**
Universidad de San Andrés | Argentina
- Profª. Drª. Mirian Estela Nogueira TAVARES**
Universidade do Algarve | Portugal
- Profª. Drª. Miriam Moema Filgueira PINHEIRO**
Universidade Federal do Rio Grande do Norte | Brasil
- Profª. Drª. Mirna TONUS**
Universidade Federal de Uberlândia | Brasil
- Profª. Drª. Monica MARTINEZ**
Universidade de Sorocaba | Brasil
- Prof. Dr. Muniz SODRÉ**
Universidade Federal do Rio de Janeiro | Brasil
- Profª. Drª. Natalia Raimondo ANSELMINO**
Universidad Nacional de Rosario | Argentina
- Profª. Drª. Nelia Rodrigues DEL BIANCO**
Universidade de Brasília | Brasil
- Profª. Drª. Patrícia Rebelo da SILVA**
Universidade do Estado do Rio de Janeiro | Brasil
- Prof. Dr. Paulo Eduardo Silva Lins CAJAZEIRA**
Universidade Federal do Cariri | Brasil
- Prof. Dr. Pedro Nunes Filho**
Universidade Federal da Paraíba | Brasil
- Profª. Drª. Pollyana Ferrari TEIXEIRA**
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo | Brasil
- Prof. Dr. Rafael de Luna FREIRE**
Universidade Federal Fluminense | Brasil
- Profª. Drª. Raquel RECUERO**
Universidade Católica de Pelotas | Brasil
- Profª. Drª. Regina GOMES**
Universidade Federal da Bahia | Brasil
- Profª. Drª. Regiane Miranda de Oliveira NAKAGAWA**
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia | Brasil
- Prof. Dr. Ricardo Ferreira FREITAS**
Universidade do Estado do Rio de Janeiro | Brasil
- Prof. Dr. Rodrigo do Espírito Santo da CUNHA**
Universidade Federal de Pernambuco | Brasil
- Prof. Dr. Rogério Luiz COVALESKI**
Universidade Federal de Pernambuco | Brasil
- Profª. Drª. Rosana Cabral ZUCOLO**
Centro Universitário Franciscano | Brasil
- Profª. Drª. Rosana de Lima SOARES**
Universidade de São Paulo | Brasil
- Profª. Drª. Rossana Viana GAIÁ**
Instituto Federal de Alagoas | Brasil
- Prof. Dr. Sebastião Carlos de Moraes SQUIRRA**
Universidade Metodista de São Paulo | Brasil
- Prof. Dr. Sebastião Faustino PEREIRA FILHO**
Universidade Federal do Rio Grande do Norte | Brasil
- Prof. Dr. Sérgio Arruda de MOURA**
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro | Brasil
- Prof. Dr. Sérgio Luiz GADINI**
Universidade Estadual de Ponta Grossa | Brasil
- Profª. Drª. Silvana LOUZADA**
Universidade Federal do Rio de Janeiro | Brasil
- Prof. Dr. Silvano Alves Bezerra da SILVA**
Universidade Federal do Maranhão | Brasil
- Profª. Drª. Simone Maria ROCHA**
Universidade Federal de Minas Gerais | Brasil
- Profª. Drª. Sonia Aguiar LOPES**
Universidade Federal de Sergipe | Brasil
- Profª. Drª. Sonia Virginia MOREIRA**
Universidade Estadual do Rio de Janeiro | Brasil
- Profª. Drª. Suely Maria Maux DIAS**
Universidade Federal da Paraíba | Brasil
- Profª. Drª. Suzana KILPP**
Universidade do Vale do Rio dos Sinos | Brasil
- Profª. Drª. Suzana Oliveira BARBOSA**
Universidade Federal da Bahia | Brasil
- Profª. Drª. Taciana de Lima BURGOS**
Universidade Federal do Rio Grande do Norte | Brasil
- Prof. Dr. Thiago SOARES**
Universidade Federal de Pernambuco | Brasil
- Prof. Dr. Valdecir BECKER**
Universidade Federal da Paraíba | Brasil
- Profª. Drª. Valquíria Aparecida Passos KNEIPP**
Universidade Federal do Rio Grande do Norte | Brasil
- Profª. Drª. Veronica STIGGER**
Fundação Armando Álvares Penteado | Brasil
- Profª. Drª. Virginia Pradellina da Silveira FONSECA**
Universidade Federal do Rio Grande do Sul | Brasil
- Profª. Drª. Viviane BORELLI**
Universidade Federal de Santa Maria | Brasil
- Profª. Drª. Zélia Leal ADGHIRINI**
Universidade de Brasília | Brasil
- Prof. Dr. Walter Teixeira LIMA JUNIOR**
Universidade Metodista de São Paulo | Brasil
- Prof. Dr. Washington José de SOUZA FILHO**
Universidade Federal da Bahia | Brasil
- Prof. Dr. Wellington José de Oliveira PEREIRA *In memoriam***
Universidade Federal da Paraíba | Brasil
- Prof. Dr. Wilson da Costa BUENO**
Universidade Metodista de São Paulo | Brasil
- Prof. Dr. Wilton GARCIA**
Universidade de Sorocaba | Brasil
- Prof. Dr. Yuji GUSHIKEN**
Universidade Federal do Mato Grosso | Brasil

IMPrensa e autoritarismos ontem e hoje: o jornalismo e suas práticas resistem

17 Censura e enquadramentos no jornalismo de guerra: a perspectiva das crônicas de Rubem Braga no Estado Novo

Censorship and framing in war journalism: the perspective of Rubem Braga's chronicles during the Estado Novo
Gisela CARDOSO TEIXEIRA

38 Direita Volver! Mídia local e a necropolítica ambiental em Sorocaba

Right turn! Local media and environmental necropolitics in Sorocaba
Carlos Carvalho CAVALHEIRO • Paulo Celso da SILVA

66 O Globo e o golpismo atávico: análise do discurso sobre golpes políticos na capa do jornal

O Globo and the atavistic coup: an analysis of the discourse on political coups on the cover of this newspaper
Luciano S.R. DIAS

89 "Mais de cem jornalistas foram agredidos nos últimos seis anos": uma análise crítica sobre a censura em Moçambique

"More than a hundred journalists have been attacked in the last six years": a critical analysis of censorship in Mozambique
Júnior RAFAEL • Aline Roes DALMOLIN

PAUTA LIVRE | Free Theme Journalism | Temas Libres en el Periodismo

109 Revisão integrativa para identificação e classificação de notícias espontâneas sobre a sífilis produzidas entre 2015-2019 no Brasil

Integrative review for identification and classification of the earned media on syphilis produced between 2015-2019 in Brazil
Rafael FOLETTO • Juliana Maria da Silva LYRA • Ana Cláudia Costa de ARAÚJO • Juciano de Sousa LACERDA



- 132** A desinformação e o aprofundamento da violência política de gênero
Disinformation and the deepening of gender political violence
Marinézia Gomes TONÉ • Laerte José Cerqueira da SILVA
- 150** Provocações para (re)pensar o ensino de acessibilidade comunicativa nos cursos de jornalismo
Provocations to (re)think the teaching of communicative accessibility in journalism courses
Felipe Collar BERNI
- 167** Invisíveis e solitários: o jornalismo investigativo praticado por jornalistas de rádios comunitárias no interior do Brasil
Invisible and alone: the investigative journalism made by journalists from community radios in the interior of Brazil
Matheus Dias Galdino SOARES • José Carlos FERNANDES
- 187** Sylvia Serafim e Albertina, reflexões sobre duas assassinas célebres: uma Resenha *Crime da Galeria de Cristal*, de Boris Fausto
Sylvia Serafim and Albertina, reflections on two famous murderers: a Review of *Crime da Galeria de Cristal*, by Boris Fausto
Sergio SCHARGEL





Norma **MEIRELES** - Glória **RABAY**
EDITORIAL

IMPRENSA E AUTORITARISMOS ONTEM E HOJE: o jornalismo e suas práticas resistem

***THE PRESS AND AUTHORITARISM IN THE PAST
AND TODAY: journalism and its practices resist***

A Revista Latino-americana de Jornalismo – **ÂNCORA** apresenta na sua vigésima quarta edição [vol. 11, nº 2], no segundo semestre de 2024, o dossiê temático *Imprensa e autoritarismos ontem e hoje*, em referência aos 60 anos do golpe militar de 1964 no Brasil, um período de ditadura que perdurou até 1985. Estamos, portanto, próximos de comemorar os 40 anos da redemocratização do país. No entanto, a luta pela democracia, pela liberdade de expressão e pelos direitos dos jornalistas são batalhas constantes, entre muitas outras que precisam ser enfrentadas ao buscarmos sociedades mais justas e igualitárias.

O jornalismo é impactado diretamente pela influência dos contextos sócio históricos hodiernos, assim como os autoritarismos, das épocas da ditadura ou não, se refletem na práxis do jornalismo de variadas formas (Albuquerque, 2019). A Âncora, ao propor o dossiê temático em tela, suscitou o debate em torno da temática sobre os modos de como o jornalismo tem silenciado, resistido, refletido ou aderido às frequentes ondas autoritárias no Brasil e na América Latina, para ajudar a compreender essas manifestações e os modos que elas afetam práticas e produtos jornalísticos. Entre as múltiplas possibilidades de abordagens teórico-metodológicas e históricas tivemos: a relação Estado *versus* Jornalismo, ataques a jornalistas (Melo, 2020), censura (Colegiado, 2024), resistências

EDITORIAL

Norma MEIRELES - Glória RABAY
EDITORIAL

(Christofoletti et al., 2023), adesões, modos de enquadramento, apagamento e invisibilização de grupos opositores e ou subalternos, entre outras possibilidades.

Materializam-se neste número parte das submissões recebidas (e fica aqui o nosso agradecimento a cada autor e autora que submeteu seu trabalho) para compor o eixo temático *Imprensa e autoritarismos ontem e hoje*. São artigos que envolvem olhares sobre o jornalismo no Brasil e em Moçambique, a partir de pesquisas de brasileiros em universidades nacionais e europeias e de moçambicano desenvolvendo pesquisa em universidade brasileira.

Desta forma, nossa segunda edição do ano de 2024, traz o dossiê temático *Imprensa e autoritarismos ontem e hoje*, além de artigos de temática livre, sendo um deles prata da casa e uma resenha. Ao todo são nove textos de pesquisadoras e pesquisadores de Instituições de Ensino Superior do Brasil e da França. Em nível nacional, estão representadas as regiões Norte, Nordeste, Sudeste e Sul. O panorama institucional nacional é composto por sete universidades públicas, sendo seis federais e uma estadual: Universidade Federal de Roraima, Universidade Federal da Paraíba, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Universidade Federal Fluminense, Universidade Federal de Santa Maria, Universidade Federal do Paraná e Universidade de São Paulo. E uma universidade privada: Universidade de Sorocaba. Quanto à instituição estrangeira, trata-se da Universidade de Aix-Marseille, na França. Vale salientar ainda que a capilaridade das pesquisas publicadas e atuação de pesquisadores envolvidos com as publicações proporcionam a circulação de saberes inter-regionais e intercontinentais.

Norma **MEIRELES** - Glória **RABAY**
EDITORIAL

O dossiê *Imprensa e autoritarismos ontem e hoje* é aberto com o **artigo** "CENSURA E ENQUADRAMENTOS NO JORNALISMO DE GUERRA: A PERSPECTIVA DAS CRÔNICAS DE RUBEM BRAGA NO ESTADO NOVO", de autoria de Gisela Cardoso Teixeira, da Universidade de Aix-Marseille, na França. A partir das noções de "silêncio fundante" e enquadramentos noticiosos a autora examina 15 crônicas de Rubem Braga sobre a participação da Força Expedicionária Brasileira - FEB na Segunda Guerra Mundial, apresentando o silenciamento no jornalismo de guerra e os efeitos de sentido produzidos pela censura no discurso jornalístico. O estudo revela como a censura, no Estado Novo, evidenciou o heroísmo brasileiro, silenciando baixas e falhas estratégicas. A autora mostra também a resistência criativa da interação entre literatura e jornalismo iluminando os impactos políticos e ideológicos do silenciamento nas narrativas de guerra.

Carlos Carvalho Cavalheiro e Paulo Celso da Silva, da Universidade de Sorocaba (UNISO), assinam o **segundo artigo**, intitulado "DIREITA VOLVER! MÍDIA LOCAL E A NECROPOLÍTICA AMBIENTAL EM SOROCABA", que aborda o comportamento da mídia diante da questão ambiental em Sorocaba tendo como foco o rio do mesmo nome que corta a cidade de sul ao norte. Analisa as políticas ambientais conservadoras do município nos últimos quatro anos, marcadas pela necropolítica que resultou no retorno da classificação do referido rio como poluído. Os autores realizaram uma busca na mídia local para entender os posicionamentos em relação ao poder público e as decisões de controle sobre a vida e a morte do patrimônio ambiental e apontaram para o respaldo da mídia conservadora local à necropolítica ambiental instaurada.

No **terceiro texto**, "O GLOBO E O GOLPISMO ATÁVICO: ANÁLISE DO DISCURSO SOBRE GOLPES POLÍTICOS NA CAPA DO JORNAL" Luciano S. R.

Norma **MEIRELES** - Glória **RABAY**
EDITORIAL

Dias, da Universidade Federal Fluminense, analisa o discurso jornalístico no suporte primeira página de *O Globo*. Parte de três teorias do jornalismo e, orientado pelos conceitos da Análise de Discurso de Pêcheux e Orlandi, refaz o percurso discursivo dos sentidos produzidos pela palavra “golpe”, de 1964 a 2023. Nesse trajeto, pela bússola da memória, da história e da linguagem, são revistas a disputa de fontes por espaço no discurso jornalístico. Observando o deslizamento dos sentidos da expressão “golpe” em condições de produção diversas, mostra que a não presença de ideologia no discurso do (sujeito) jornal é uma ilusão desse no campo jornalístico.

Júnior Rafael e Aline Roes Dalmolin, da Universidade Federal de Santa Maria, são o autor e a autora do **quarto artigo**, que encerra o dossiê temático. O texto “‘MAIS DE CEM JORNALISTAS FORAM AGREDIDOS NOS ÚLTIMOS SEIS ANOS’: UMA ANÁLISE CRÍTICA SOBRE A CENSURA EM MOÇAMBIQUE”, é também uma denúncia a respeito das condições de trabalho dos jornalistas naquele país, que segundo os autores, têm sido agredidos, ameaçados, intimados, criminalizados e silenciados, ou mesmo tiveram roubados seus instrumentos de trabalho. O artigo faz uma análise crítica da censura no país, interpelando as principais figuras que levam à repressão da imprensa, as implicações sociais, políticas e econômicas dessa política, para além da forma como os jornalistas têm se posicionado às pressões. A análise também explora o papel da legislação moçambicana e internacional na proteção da liberdade de expressão e a fragilidade das instituições democráticas no país em garantir um ambiente seguro para o jornalismo independente.

Dando prosseguimento à vigésima quarta edição, a Âncora apresenta a seguir quatro textos de pauta livre, que enumeramos aqui na sequência, portanto, o **quinto artigo** é “REVISÃO INTEGRATIVA PARA

Norma **MEIRELES** - Glória **RABAY**
EDITORIAL

IDENTIFICAÇÃO E CLASSIFICAÇÃO DE NOTÍCIAS ESPONTÂNEAS SOBRE A SÍFILIS PRODUZIDAS ENTRE 2015-2019 NO BRASIL”. Trata-se de pesquisa de Rafael Foletto, Juliana Maria da Silva Lyra, Ana Cláudia Costa de Araújo e Juciano de Sousa Lacerda, das Universidades Federal de Santa Maria e Federal do Rio Grande do Norte. O estudo revisou a mídia espontânea sobre sífilis durante o Projeto de Resposta Rápida à Sífilis e os resultados desta revisão integrativa mostram que a quantidade e a qualidade das notícias sobre sífilis publicadas no formato de mídia espontânea, são indicadores relevantes para medir a repercussão, o impacto e o sucesso das ações de comunicação desenvolvidas durante o período de cobertura do Projetos “Sífilis Não” e, portanto, com grandes chances de fortalecer-se na agenda pública da sociedade.

O **sexto texto**, “A DESINFORMAÇÃO E O APROFUNDAMENTO DA VIOLÊNCIA POLÍTICA DE GÊNERO”, de Marinézia Gomes Toné e Laerte José Cerqueira da Silva, da Universidade Federal da Paraíba é a prata da casa. O artigo analisa como a desinformação, com foco no gênero, aprofunda a violência política, um dos principais entraves para a participação feminina na política. A partir do debate a respeito dos conceitos utilizados, os autores recorrem a análise de conteúdo de três sites de jornalismo político da Paraíba, destacando dois fatos envolvendo uma deputada estadual e uma prefeita paraibana, para demonstrar como a desinformação de gênero no webjornalismo reforça a narrativa hegemônica de desqualificação das mulheres na política, causando danos não só a este grupo social, mas à democracia representativa.

Felipe Collar Berni, da Universidade Federal de Roraima, é o autor do **sétimo artigo**, intitulado “PROVOCAÇÕES PARA (RE)REPENSAR O ENSINO DE ACESSIBILIDADE COMUNICATIVA NOS CURSOS DE JORNALISMO” O

Norma MEIRELES - Glória RABAY
EDITORIAL

texto apresenta reflexões sobre a urgência de se pensar o ensino da acessibilidade comunicativa para pessoas com deficiência nos cursos de Jornalismo como pressuposto ético, cidadão e ontológico. Repercute, assim, a deficiência dos currículos e projetos pedagógicos que excluem e corroboram para com a pobreza informacional desse coletivo, em consonância com o projeto capacitista de sociedade que descarta e segrega o corpo deficiente. São sinalizados elementos reflexivos para a incorporação de práticas e recursos de acessibilidade comunicativa na práxis jornalística desde o ensino.

O **oitavo artigo**, "INVISÍVEIS E SOLITÁRIOS: O JORNALISMO INVESTIGATIVO PRATICADO POR JORNALISTAS DE RÁDIOS COMUNITÁRIAS NO INTERIOR DO BRASIL", de Matheus Dias Galdino Soares e José Carlos Fernandes, da Universidade Federal do Paraná, analisa como as rádios comunitárias ocupam um espaço abandonado pela grande imprensa na cobertura local em sintonia com os princípios do jornalismo cidadão. Trata-se de um estudo de caso que utilizou a entrevista com seis radialistas em atividade no interior do Paraná para a coleta de dados. O estudo mostra que o localismo situa os jornalistas das emissoras num processo de "frontalidade" com outras fontes e numa escala de tensões próxima das enfrentadas por quem faz jornalismo investigativo.

Nosso número dois do ano de 2024 encerra com a resenha (**nono texto**) "SYLVIA SERAFIM E ALBERTINA, REFLEXÕES SOBRE DUAS ASSASSINAS CÉLEBRES: UMA RESENHA CRIME DA GALERIA DE CRISTAL, DE BORIS FAUSTO". O autor Sergio Schargel, da Universidade de São Paulo, mostra como Fausto se apropria da micro história para trabalhar tônicas essenciais como jornalismo de sensações e o papel de gênero. Para o autor, o livro *O Crime da Galeria de Cristal* é uma excelente opção não

Norma MEIRELES - Glória RABAY
EDITORIAL

somente para os aficionados em *true crime* em geral, mas também àqueles interessados nas dinâmicas sociais e políticas que decorrem de crimes célebres. Por meio de uma comparação com outro caso conhecido, o de Sylvia Serafim, a intenção desta resenha foi destacar e trabalhar justamente alguns desses elementos que aparecem no livro, por meio de uma escrita que beira a prosa policial.

A Revista Latino-americana de Jornalismo oferece, em sua vigésima quarta edição, reflexões ancoradas pelo eixo temático - *Imprensa e autoritarismos ontem e hoje* - e que navegam por temas livres do jornalismo. São textos que abordam censura, necropolítica ambiental, discurso político, denúncia de violência contra jornalistas, saúde, desinformação, gênero, acessibilidade no ensino, rádios comunitárias. São olhares para práticas, produtos e processos jornalísticos para momentos históricos específicos do passado e da atualidade em diferentes suportes, a exemplo de jornal, site e rádio. A leitura proporciona navegar pelos jornalismo de guerra, ambiental, político, independente, de saúde, investigativo, radiojornalismo e *true crime*, bem como pelo ensino de jornalismo. O jornalismo e suas práticas resistem!

Boa leitura!

Norma MEIRELES | Editora-chefe

Glória RABAY | Editora-adjunta

Norma **MEIRELES** - Glória **RABAY**
EDITORIAL

Referências

ALBUQUERQUE, Afonso de. Protecting democracy or conspiring against it? Media and politics in Latin America: A glimpse from Brazil. **Journalism**, v. 20, n. 7, p. 906-923, 2019.

COLEGIADO da 6ª Turma Cível do TJDF mantém censura à reportagem da Agência Pública. **Agência Pública**. Disponível em: <https://apublica.org/2024/04/colegiado-da-6a-turma-civel-do-tjdf-mantem-censura-a-reportagem-da-agencia-publica/>. Acesso em: 27 maio 2024.

CHRISTOFOLETTI, Rogério; DE LEÓN, Salvador; RUELLAN, Denis. SOCIAL ACTIVISM, POLITICAL ACTIVISM, AND COMBAT JOURNALISM: contemporary thoughts. **Brazilian journalism research**, v. 19, n. 3, p. e1651-e1651, 2023.

DE MORAIS PINTO, R.; DE MEDEIROS VALENTIM, R.A.; FERNANDES DA SILVA, L. et al. Analyzing the reach of public health campaigns based on multidimensional aspects: the case of the syphilis epidemic in Brazil. **Bmc Public Health**, 21, 1632, 2021.

MELO, P. C. M. **A máquina do ódio**. Notas de uma repórter sobre fake news e violência digital. São Paulo: Companhia das Letras.

PINTO, R.; SILVA, L.; VALENTIM, R.; OLIVEIRA, C.; LACERDA, J.; SILVA, R.; PAIVA, J.; VIVEKANANDAN, K. "Assessing the impact of public health campaigns through epidemiological, communication and education indicators." In: **2020 Ieee 20th International Conference On Advanced Learning Technologies (Icalt)**, 2020, p. 147-149.

CENSURA E ENQUADRAMENTOS NO JORNALISMO DE GUERRA: A PERSPECTIVA DAS CRÔNICAS DE RUBEM BRAGA NO ESTADO NOVO

CENSORSHIP AND FRAMING IN WAR JOURNALISM: THE PERSPECTIVE OF RUBEM BRAGA'S CHRONICLES DURING THE ESTADO NOVO

Gisela CARDOSO TEIXEIRA¹
Universidade de Aix-Marseille | França

Resumo

Este artigo analisa o silenciamento no jornalismo de guerra, explorando os efeitos de sentido produzidos pela censura no discurso jornalístico. A partir das noções de "silêncio fundante" (Orlandi, 1997) e enquadramentos noticiosos (Gitlin, 1980; Entman, 1993), examinam-se 15 crônicas de Rubem Braga sobre a participação da FEB na Segunda Guerra Mundial. Destaca-se como a censura no Estado Novo evidenciou o heroísmo brasileiro, silenciando baixas e falhas estratégicas. Por meio da análise textual, o estudo revela a interação entre literatura e jornalismo como resistência criativa, iluminando os impactos políticos e ideológicos do silenciamento nas narrativas de guerra.

Palavras-chave

Jornalismo de guerra; Crônica de guerra; Censura; Enquadramentos; Rubem Braga.

Abstract

This article analyzes the act of silencing in war journalism, exploring the semantic effects produced by censorship in journalistic discourse. Based on the notions of *silêncio fundante* ("foundational silence", Orlandi, 1997) and news framing (Gitlin, 1980; Entman, 1993), it examines 15 chronicles by Rubem Braga on the participation of the Brazilian Expeditionary Force (FEB) in World War II. The study highlights how censorship during the Estado Novo emphasized Brazilian heroism while silencing casualties and strategic failures. Through textual analysis, it reveals the interaction between literature and journalism as creative resistance, shedding light on the political and ideological impacts of silencing in war narratives.

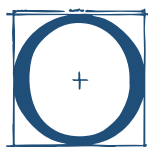
Keywords

War journalism; War Chronicle; Censorship; Framings; Rubem Braga.

RECEBIDO EM 24 DE JULHO DE 2024
ACEITO EM 17 DE DEZEMBRO DE 2024

¹ Doutoranda em Ciências da informação e da comunicação na Universidade de Aix-Marseille, na França. Membro do laboratório Instituto Mediterrâneo de Ciências da Informação e da Comunicação (IMSIC). E-mail: gisela.CARDOSO-TEIXEIRA@univ-amu.fr.

Introdução



o jornalismo de guerra, propriamente dito, trata da especialização jornalística referente à cobertura midiática de conflitos armados.

De acordo com Carvalho (2013), o correspondente de guerra é um cargo tão antigo quanto o próprio jornalismo, uma vez que, desde a antiguidade, era comum que relatórios fossem escritos durante e no fim dos conflitos. Considerada a forma mais perigosa de se fazer jornalismo, os riscos à sua integridade física não são os únicos desafios enfrentados pelos profissionais da imprensa nesse contexto.

Para Esquivel (2022)², a primeira vítima da guerra é a verdade³, uma vez que o controle da informação é tão essencial quanto as missões militares nos campos de batalha. Essa afirmação condiz com vários estudos realizados até então (McLaughlin, 2002; Allan e Zelizer, 2004; Knightley, 2004; Mercier, 2004; Carvalho, 2013), que alegam que a censura é uma característica recorrente nas coberturas jornalísticas de conflitos armados, uma vez que não são apenas as vidas de inocentes que estão em jogo, mas também os interesses econômicos, ideológicos e políticos das nações envolvidas.

Durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), o acesso à informação era rigidamente controlado por governos e autoridades militares (Allan e Zelizer, 2004; Knightley, 2004; Carvalho, 2013; Forner e Silva, 2017). Os correspondentes enfrentavam censura direta e autocensura para proteger segredos estratégicos ou para evitar desmoralizar as tropas e o público. Os “warcos”, como eram chamados os jornalistas autorizados a acompanhar as tropas⁴, estavam sujeitos a regulamentos rígidos, como

² Adolfo Pérez Esquivel é um arquiteto, escultor e ativista de direitos humanos argentino, agraciado com o Nobel da Paz de 1980.

³ A citação é geralmente atribuída a Ésquilo, Philip Snowden e Samuel Johnson, mas a sua verdadeira autoria é ainda desconhecida.

⁴ Tratava-se de um sistema semelhante ao “*embedded*”, que foi notório durante a Guerra do Iraque (2003), em que jornalistas credenciados eram “integrados” ao exército, com uma suposta proposta de ter um acesso direto aos acontecimentos na zona de guerra.

censura prévia de seus materiais, e protocolos estabelecidos pelos departamentos de guerra de seus países. De acordo com Knightley (2004), tanto os Aliados quanto os países do Eixo usaram a mídia como ferramenta de propaganda, influenciando a narrativa da guerra para justificar ações militares, intimidar o inimigo e moldar a opinião pública.

A cobertura jornalística da Segunda Guerra Mundial não foi diferente: segundo Kuhn (2005), a relação entre correspondentes e governo revela o duplo papel dos jornalistas: como narradores dos acontecimentos e como agentes que, conscientemente ou não, contribuíam para legitimar as ações do Estado e fortalecer a narrativa oficial sobre o conflito, tendo em conta a censura imposta naquele contexto. Garambone (2003) concorda também que a imprensa promoveu um patrulhamento ideológico no país, uma vez que o Brasil atuou diretamente na Segunda Guerra Mundial com o envio de tropas à Europa.

Ao analisar a censura sob um viés discursivo, Orlandi (1997) a considera uma “proibição do formulável”, que define aquilo que “não pode ser dito” com relação a um dado contexto histórico e social. Nessa perspectiva, o silêncio, o “dizer proibido”, é a manifestação do silenciamento. Ainda segundo a autora, o silêncio é fundante, possuindo um caráter político e uma progressão histórica. O silêncio, então, não deve ser reduzido a uma falta, pois ele possui significado, transmitindo efeitos de sentido. Essa ideia pode ser relacionada à evidenciação no discurso – isto é, um oposto ao silêncio, e até mesmo uma consequência desse silêncio.

De acordo com esse conceito, o artigo visa analisar o silenciamento no jornalismo de guerra, observando os efeitos de sentido produzidos a partir do silenciamento como censura, considerando aquilo que é evidenciado nas narrativas produzidas em zonas de guerra. Em conformidade com a noção de “silêncio fundante” proposta por Orlandi (1997), procura-se criar um diálogo teórico entre os conceitos acerca do silenciamento no discurso jornalístico

(Moreira, 2009) e dos enquadramentos noticiosos. Para Gitlin (1980) e Entman (1993), os enquadramentos baseiam-se na ênfase, seleção e exclusão dos fatos, o que conseqüentemente impacta na interpretação da realidade. Sendo assim, analisa-se o que “podia ser dito” e “o que não podia ser dito” na prática da correspondência de guerra ao longo de sua história, segundo algumas pesquisas desenvolvidas até o presente.

A censura, considerando-a como uma forma de silenciamento no discurso jornalístico, pode provocar efeitos de sentidos relacionados ao patriotismo, ao nacionalismo e a outros valores compartilhados socialmente. Nesse caso, há uma evidenciação no discurso como consequência dos valores visados com a prática da censura. A fim de propor uma melhor exemplificação, este trabalho pretende analisar 15 crônicas produzidas por Rubem Braga durante sua participação como correspondente na Segunda Guerra Mundial, integrado às tropas da Força Expedicionária Brasileira (FEB) na Europa. Além de seus escritos, são considerados também os relatos do autor no que se refere à questão da censura imposta à imprensa pelo governo do Estado Novo.

O período historicamente conhecido como Estado Novo (1937-1945) foi um regime ditatorial estabelecido por Getúlio Vargas, instituído em 10 de novembro de 1937. O controle sobre os meios de comunicação era exercido pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), que consistia em um instrumento de censura e propaganda governamental. Segundo Santos (2005), o DIP foi estruturado como uma máquina de propaganda governista e seus projetos eram baseados em uma construção da imagem de Vargas, do culto à sua personalidade e do controle da opinião pública por meio da censura. Assim, o DIP teve forte atuação junto a todos os meios de comunicação, especialmente o rádio, a imprensa escrita e o cinema⁵.

⁵ O DIP teve também uma atuação marcante nos cinejornais exibidos obrigatoriamente antes de cada sessão de cinema.

Ainda a respeito do contexto histórico, em 1941, Vargas chegou a um acordo com o presidente norte-americano Franklin Delano Roosevelt para a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, ao lado das Forças Aliadas contra os países do Eixo na Europa. Anos depois, o primeiro grupo de militares brasileiros chegou à Itália em julho de 1944. Ao todo, o Brasil enviou 25 mil homens da Força Expedicionária Brasileira (FEB) – conhecidos como “pracinhas” –, 42 pilotos e 400 homens de apoio à Força Aérea Brasileira (FAB) (Costa, 2018). Entre os “pracinhas”, estavam também os jornalistas brasileiros que foram encarregados de acompanhar as tropas ao longo do conflito, como o cronista Rubem Braga.

Conhecido como um dos mais importantes cronistas brasileiros, Rubem Braga foi enviado à Itália como correspondente de guerra para o jornal *Diário Carioca*. As crônicas produzidas durante esse período serviram para a composição do livro *Com a FEB na Itália*, publicado originalmente em 1945 – de onde, aliás, foi extraído o material que compõe o *corpus* de análise.

Para Marco Antônio de Carvalho (2007)⁶, Braga desempenhou um papel fundamental na consolidação da crônica como um gênero literário e jornalístico no Brasil, mesclando a essência do cotidiano com lirismo e profundidade, com uma habilidade de transformar eventos comuns em reflexões poéticas e filosóficas. Castello (2013) acrescenta que Braga utilizava uma linguagem simples, descritiva e com um apelo emocional, sendo o resultado de sua relação ambivalente com o jornalismo e a sua busca por liberdade pessoal e criativa.

⁶ Em sua obra “Rubem Braga: Um cigano fazendeiro do ar” (2007), Carvalho utiliza o termo “cigano” para se referir ao espírito livre de Rubem Braga, que nunca se casou e valorizava sua independência. Segundo o supracitado autor, Braga era conhecido por sua aversão a rotinas convencionais. Já a designação “fazendeiro do ar” reflete a conexão do cronista com a natureza e o prazer em contemplar a vida, especialmente a partir de sua cobertura no Rio de Janeiro.

Com relação ao seu trabalho como correspondente na Segunda Guerra Mundial, Batista (2014) alega que Braga, como um cronista, combinava os relatos jornalísticos (com um rigor factual) com a sua sensibilidade literária, capturando não apenas os fatos, mas também as emoções e os dramas humanos da guerra. Ao contrário de muitos correspondentes da época, Braga priorizou as histórias humanas, focando nos soldados brasileiros e em suas experiências no campo de batalha. Desse modo, Batista (2014) defende que Braga “humanizou a guerra” ao retratar o cotidiano dos combatentes, as suas dificuldades, as saudades e os medos.

A escrita de Rubem Braga corresponde aos conceitos acerca da crônica como um gênero híbrido, situado entre o jornalismo e a literatura (Sá, 1999; Keske, 2006; Teixeira, 2021). Mais especificamente, para Jorge de Sá (1999), a crônica capta o cotidiano de forma breve, reflexiva e, muitas vezes, poética, diferenciando-se assim de outros gêneros pela informalidade, pela proximidade com o leitor e pela valorização do efêmero⁷. Logo, o autor enfatiza o papel da crônica como um espelho do cotidiano e dos sentimentos da sociedade, capturando pequenos acontecimentos, comportamentos e mudanças culturais. Embora esse gênero se caracterize por aspectos provenientes do domínio literário, Keske (2006) defende que a crônica pode ao mesmo tempo informar o leitor, aproximando-se do gênero jornalístico. Aliás, como pontua Sodré (2012), o principal ponto em comum entre o jornalismo e a literatura está no texto narrativo, permitindo uma transição entre os dois campos.

Uma vez expostos os diálogos teóricos e a contextualização histórica que fundamentam esta pesquisa, espera-se apresentar o caráter político-ideológico do silêncio como censura e enquadramento nas narrativas sobre

⁷ No Brasil, a crônica se popularizou ao longo do século XIX e XX, especialmente com autores como Machado de Assis, Lima Barreto e João do Rio. Para Jorge de Sá, Rubem Braga, Paulo Mendes Campos, Carlos Drummond de Andrade e Clarice Lispector são alguns dos escritores que transformaram a crônica em uma forma de arte literária, indo além do jornalismo.

guerras, e como isso pode impactar o processo de significação do mundo – mais especificamente, a concepção da realidade dos campos de batalha.

Muito além do silêncio

O processo de significação do mundo, realizado pelo ser humano, ocorre por meio da linguagem. Os sentidos evoluem a partir de processos de interação social ao longo do tempo histórico, constituindo os diferentes campos do saber. A partir dessa ideia, Eni Orlandi afirma que o que preside esse movimento dos sentidos é o “silêncio fundante”, o que pode ser considerado um *continuum* absoluto, o real da significação e do discurso.

Segundo a autora, o silêncio é fundante e possui uma progressão histórica. Logo, o silêncio não é pensado como uma falta, uma vez que quanto mais falta, mais possibilidade de sentidos existe. Em outras palavras, o silêncio não deve ser reduzido a uma ausência, uma vez que ele produz as condições de significar, principalmente no que se refere às relações de poder. Dessa forma, Orlandi (1997) defende a ideia de que o ato do silêncio é o “não-dizer”, sendo portador de história e significado. A pesquisadora salienta também que “significar com o silêncio” é diferente de “significar com as palavras”, já que ele possui sua própria força e faz significar onde as palavras não podem, fazendo com que o sentido não pare, mas altere apenas seu trajeto.

É importante ressaltar também que Orlandi (1997) diferencia o silêncio fundante, o qual produz a condição de significar, da “política do silêncio”, que remete a duas formas de silenciamento: 1) o “silêncio constitutivo”, que se refere à ordem da produção de sentido e da linguagem, o que se relaciona com a noção de apagamento em uma dada situação; 2) o “silêncio local”, que diz respeito à interdição do dizer, o que tem como exemplo a censura propriamente dita.

Os efeitos de sentido gerados pelas formas de dominação, realizadas pelos silenciamentos no discurso, podem ser analisados a partir das relações do simbólico com o político, o que está presente em todo o discurso. “As relações de poder são simbolizadas no discurso e isso é o político” (Orlandi, *apud* Zandwais, 2011, p. 53). Desse modo, as formas distintas de silêncio podem construir apagamentos e até interdições de algumas Formações Discursivas (como no caso de uma ditadura, por exemplo). Logo, é possível dizer que o silêncio atua na delimitação de sentidos pelo mecanismo de apagamento (total ou até mesmo parcial). No caso da censura, ela pode ser tida como uma forma do silêncio – mais especificamente, do que é proibido dizer, levando em consideração sua materialidade linguística e histórica.

A censura não é um fato circunscrito à consciência daquele que fala, mas um fato discursivo que se produz nos limites das diferentes formações discursivas que estão em relação. [...] A censura estabelece um jogo de relações de força pelo qual ela configura, de forma localizada, o que, do dizível, não deve (não pode) ser dito quando o sujeito fala (Orlandi, 1997, p. 76-77).

Uma vez compreendidas as noções acerca do silenciamento no discurso, vale ressaltar que, para este estudo, serão considerados os conceitos sobre o silêncio constitutivo e o silêncio local, já que se pretende analisar os possíveis apagamentos nas narrativas das coberturas midiáticas de conflitos armados, principalmente as que foram produzidas durante o período do Estado Novo no Brasil. Nesse caso, é importante considerar a censura no jornalismo presente naquele contexto histórico, e quais efeitos de sentido podem ser observados a partir desse silenciamento.

Antes de analisar a questão do silenciamento na prática do jornalismo de guerra, é preciso expor a respeito do silenciamento no discurso jornalístico e sua possível relação com os enquadramentos noticiosos, especialmente no que se refere à produção de sentido atrelada à evidenciação, conforme será explicado na próxima seção.

Silenciamento, evidenciação e enquadramentos: para se pensar na censura no discurso jornalístico

O sociólogo Todd Gitlin define os enquadramentos como padrões de cognição, interpretação e apresentação, que envolvem a seleção, ênfase e a exclusão dos fatos do mundo. Assim, os enquadramentos são recursos que organizam o discurso por meio de práticas específicas – como a ênfase e a exclusão – e, conseqüentemente, constituem uma determinada interpretação dos fatos.

Os enquadramentos da mídia organizam o mundo para os jornalistas que escrevem relatos sobre ele, assim como, em um grau importante, para nós que recorremos às notícias. Os enquadramentos na mídia são padrões persistentes de cognição, interpretação e apresentação, de seleção, ênfase e exclusão, por meio dos quais os manipuladores de símbolos organizam o discurso, seja ele verbal ou visual, de uma forma rotineira (Gitlin, 1980, p. 7).

A partir dessa ideia, pode-se afirmar que os enquadramentos são uma atividade constitutiva, ou seja, um meio de “constituir simbolicamente a estrutura do mundo” (Reese, 2001, p. 11). Dessa forma, os enquadramentos podem estabelecer a naturalização do modo de pensar sobre determinada realidade.

Esses conceitos condizem também com os estudos do pesquisador Robert Entman (1993), para quem a noção de enquadramento aponta para a ideia de que a instância midiática costuma definir problemas, diagnosticar causas, sugerir julgamentos e possíveis soluções. Nesse caso, o enquadramento representa também uma atividade perceptiva, em que são salientados determinados fatos da realidade.

De acordo com essa perspectiva, pode-se dizer que o jornalismo, ao selecionar determinados fatos para serem transmitidos como notícia, utiliza certos recursos linguísticos (como adjetivos, expressões, por exemplo) que promovem uma abordagem que molda o acontecimento. Assim, alguns

aspectos da realidade são enfatizados enquanto outros são “ocultados” ao mesmo tempo.

É possível traçar uma relação dos conceitos acerca dos enquadramentos propostos por Gitlin (1980) e Entman (1993) com a questão do silenciamento e evidenciação no discurso jornalístico – uma vez que, a partir do momento em que a mídia salienta determinado fato do mundo em sua narrativa, outro fato é silenciado (ou “excluído”, segundo a definição de Todd Gitlin). Desse modo, é preciso analisar os possíveis efeitos de sentido produzidos a partir do silenciamento e da evidenciação enquanto enquadramentos discursivos e noticiosos.

Essa ideia de considerar o enquadramento operado por meio da exclusão – ou seja, do apagamento – uma forma de silenciamento no discurso condiz com as ideias de Moreira (2009, p. 111), que afirma que “*deixar de dizer, não mencionar, preterir, postergar, a verdade é uma política de silenciamento que não só impede a produção dos sentidos em certa direção, mas é uma política de poder de verdade*”. Considerando a dimensão política do silêncio, proposta por Orlandi (1997), essa noção pode ser associada à questão da censura no processo de produção de sentido do discurso jornalístico, o que indica um silenciamento.

Ainda segundo Moreira (2009, p. 112), com a censura, “o silenciamento se dá por uma imposição ideológica de poder político que atende a interesses específicos do Regime”. Logo, a censura se trata do “não-dito”, mais especificamente daquilo que “não pode ser dito”, de acordo com uma determinação ideológica.

É possível, no entanto, observar certos “rastros” desse silenciamento, especialmente por meio das “evidenciações” no discurso, e nos efeitos de sentido produzidos pelo discurso jornalístico sob a censura. A partir dessas concepções teóricas, este trabalho propõe utilizar os enquadramentos como uma forma de analisar o silenciamento/evidenciação no discurso jornalístico

em tempos de guerra, uma vez que interesses políticos e econômicos estão envolvidos nesse contexto. Na próxima seção, é observado como a censura tem sido imposta aos correspondentes de guerra inclusive em sociedades ditas democráticas, sendo utilizada como um instrumento de controle ideológico da opinião pública.

Para ilustrar essa concepção, a próxima seção deste artigo busca analisar algumas crônicas e testemunhos do correspondente brasileiro Rubem Braga na Segunda Guerra Mundial. Com base nos conceitos abordados até então, pretende-se observar quais os possíveis efeitos de sentido que puderam ser produzidos especialmente em relação ao contexto, considerando a censura como uma forma de silenciamento estreitamente ligada a um viés político-ideológico.

Os textos Rubem Braga na Segunda Guerra Mundial: exaltação da pátria e a competência de “nossa gente”

Uma vez explicada a questão do silenciamento presente nos textos noticiosos sobre guerras, é válido analisar os efeitos de sentido produzidos pelo silenciamento/evidenciação nas narrativas do conflito, levando em consideração a censura imposta pelo governo e seu respectivo exército naquele contexto histórico.

Já de início, pode-se observar uma evidenciação ao sucesso das tropas da FEB na Europa contra os nazistas, conforme pode ser visto no seguinte excerto da crônica intitulada *Confusões*, de Rubem Braga:

Foi, de resto, uma patrulha feliz: o sargento matou mais um alemão que ia lhe lançando uma granada, e o soldado Érico acertou uma granada no peito de outro alemão que ia saindo da casa com um fuzil na mão [...]. O sargento Pedro Rubim e o soldado José Xavier dos Santos, do outro grupo em que se dividira a patrulha, derrubaram um alemão com rajadas de metralhadora. O homem caiu, não se sabe se morto ou ferido – e depois disso *nossa* patrulha se retirou [...]. O soldado Érico, depois de sair na patrulha, notou que sua metralhadora estava engasgada – de fato

falhou – mas assim mesmo quis continuar levando apenas granadas de mão, e assim matou um tedesco. Érico foi ferido na perna, mas recusou-se a ser carregado pelos companheiros, voltando à posição andando. Seu ferimento não tem gravidade (Braga, 1996, p. 96-97; grifos da autora)⁸.

O jornalista enfatiza a bravura do Exército brasileiro, especialmente quando cita o soldado que, mesmo ferido e praticamente desarmado, continuou a lutar e conseguiu fazer com que a sua tropa saísse vitoriosa. É interessante observar também que o correspondente utiliza o pronome possessivo “*nossa*” para se referir àquela patrulha – isso pode ser relacionado às características do sistema dos “warcos”, dos jornalistas integrados às tropas (Allan e Zelizer, 2004; Knightley, 2004), o que pode transmitir um efeito referente ao companheirismo com os seus colegas soldados, enfatizando assim um coletivismo. Essa observação se aplica também na crônica *Nossa gente*, em que o desempenho das tropas brasileiras é exaltado, mesmo se tratando de brasileiros comuns.

Nossos homens têm, de modo geral, avançado. Às vezes são obrigados a parar, às vezes sofrem contra-ataques – e depois avançam outra vez – tudo isso lentamente, como não pode deixar de ser, em virtude da relação de forças e da natureza montanhosa do terreno. Esses homens que estão na frente não pretendem ser bichos sobrenaturais, nem pensam em derrotar os nazistas a grito ou a pelego. *Eles lutam. Não são muitos, mas lutam – e lutam honradamente, lutam direito, lutam de dia e de noite, ao frito e à chuva, uma luta penosa.* Não precisam que ninguém – aqui ou aí – exagerem o que fazem, em tralalás patrioteiros. Eles não são monstros: são lavradores, trabalhadores de vários ofícios, estudantes, moços de escritório, simples filhos de família – são rapazes brasileiros que foram mandados para aqui ou vieram como voluntários. E eles dão conta do seu recado (Braga, 1996, p. 73-74; grifos da autora)⁹.

Em nenhum momento, nos textos analisados, o jornalista cita as baixas do Exército brasileiro. Assim, observa-se por meio dos textos que compõem o *corpus* desta análise um silenciamento e evidênciação no

⁸ A crônica foi publicada originalmente no dia 1º de janeiro de 1945, no jornal *Diário Carioca*.

⁹ A crônica foi publicada originalmente em dezembro de 1944, no jornal *Diário Carioca*.

discurso jornalístico que visam a promover uma imagem vitoriosa do Exército brasileiro. Em contrapartida, ressalta-se certa superioridade das tropas da FEB diante do Exército alemão, em eficiência de desempenho, enquanto os alemães foram predominantemente enquadrados como o responsável pela destruição de cidades e mortes de civis.

Ainda em relação ao silêncio presente nas narrativas de Braga (1996), vale ressaltar que não há informações sobre as operações malsucedidas. Por exemplo, a Batalha de Montese¹⁰ é considerada o combate mais sangrento envolvendo forças brasileiras em território estrangeiro desde a Guerra do Paraguai, conforme afirma Oliveira (2008). No entanto, as perdas humanas e materiais da FEB foram silenciadas no discurso das crônicas de Braga (1996), ao passo que são evidenciadas as conquistas.

Para ilustrar esse fato, em seu livro *Crônicas da Guerra na Itália*, Rubem Braga publica a seguinte nota para explicar os acontecimentos narrados em seu texto intitulado *Em Barga*¹¹:

NOTA - Esta crônica, bastante truncada pela censura, refere-se ao ataque na frente de Barga, em 31 de outubro de 1944. Nossos homens conquistaram todos os objetivos, mas os alemães recuperaram suas posições, lançando um forte contra-ataque pela madrugada. As tropas em ação eram do 6º RI, que teve muitas baixas. No dia seguinte, os brasileiros foram substituídos naquele setor, sendo mandados para a região de Porretta, onde lutaram até a ofensiva final. No dia 1º de novembro foi proibido aos correspondentes ir ao front (Braga, 1996, p. 45).

Braga (1996) expõe a censura imposta pelo governo, que tentava silenciar aquilo que não podia ser dito: as baixas sofridas e o fracasso de

¹⁰ Segundo Oliveira (2008), a Batalha de Montese foi travada no final da Segunda Guerra Mundial, entre os dias 14 e 17 de abril de 1945, como parte da Ofensiva Final da Campanha da Itália. De acordo com o autor, após 3 dias de combate, Montese estava completamente arrasada: das 1.121 casas do burgo, 883 foram destruídas; cerca de 190 civis morreram durante o conflito. A vitória da Divisão Brasileira teve também um alto custo: foram aproximadamente 500 baixas, entre mortos, feridos, soldados aprisionados pelo inimigo e desaparecidos. No entanto, essas informações não foram noticiadas pelos jornais brasileiros da época.

¹¹ O texto foi publicado originalmente no dia 31 de outubro de 1944, no jornal *Diário Carioca*.

algumas operações militares. Outro exemplo interessante se refere à Batalha de Monte Castelo, considerada historicamente a mais importante vitória dos “pracinhas” na Segunda Guerra Mundial. Os textos do jornalista destacam o empenho e a bravura dos soldados brasileiros que nunca desistiam de lutar em nome de sua pátria e da liberdade dos povos. No entanto, em *Ataque ao Castelo*¹², o autor lembra que

esta crônica, escrita em 25 de novembro, também muito truncada, refere-se a um ataque contra o Monte Castelo. O PC que visitamos é o do Batalhão Silvano do 6º RI, em Bombiana. Sobre o grande ataque de 29 de novembro, que assistimos do começo ao fim, escrevemos uma crônica de mais de vinte páginas. Essa crônica nunca chegou à redação do jornal, sendo de notar que nessa ocasião nossas reportagens ainda sofriam a censura do DIP. Os correspondentes tinham sido avisados com antecedência desse ataque. O mesmo, porém, com o ataque, igualmente infrutífero, de 12 de dezembro. Nesse dia não conseguimos transporte para ir do QG ao front, sendo alegado que lá não haveria qualquer novidade. Essa negativa manteve-se mesmo quando chegaram até nós rumores de que o Castelo estava sendo atacado novamente. O fracasso desses ataques, que muitas baixas custaram, deprimiu de certa forma a moral de nossos homens, aparecendo críticas a algumas figuras do comando. Não estamos em condição de julgar a procedência dessas críticas. Só em fevereiro o Castelo pôde ser tomado (Braga, 1996, p. 56-57)¹³.

Como pode ser observado, o autor cita mais um caso da censura durante a cobertura jornalística brasileira da Segunda Guerra Mundial. O enquadramento da participação do Brasil na guerra é dado como ato heroico, bravo e vitorioso, o qual ajudou a derrotar o inimigo, geralmente representado como cruel e militarmente inferior.

Ao silenciar a ocorrência de vítimas e falhas, existe uma evidência das vitórias das forças brasileiras. Isso pode ser associado a um efeito de sentido ligado ao patriotismo, fazendo com que o público-leitor incentive a

¹² A crônica foi originalmente publicada em novembro de 1944, no jornal *Diário Carioca*.

¹³ De acordo com Oliveira (2008), a Batalha de Monte Castelo durou três meses – de 24 de novembro de 1944 a 21 de fevereiro de 1945 –, em que se efetuaram seis ataques com grandes baixas brasileiras. Ao todo, foram efetuados seis ataques, mas quatro não tiveram êxito devido a falhas de estratégias.

participação brasileira na guerra – além do fato de que, naquele contexto, a sociedade vivia sob a ditadura do Estado Novo. Sendo assim, tais narrativas colaborariam com a propaganda governamental.

Entre o jornalismo e a literatura: a crônica de guerra como relato, reflexão e drible à censura

Como mencionado, a crônica possui também a capacidade de informar, o que pode ser relacionado à sua definição de gênero híbrido, entre o jornalismo e a literatura (Sá, 1999; Keske, 2006). Embora as suas narrativas apresentem um estilo mais próximo ao literário, é possível ainda identificar certos aspectos do gênero jornalístico nas crônicas de guerra de Braga, principalmente quando o autor tenta relatar mais objetivamente determinado acontecimento, como pode ser observado nos dois parágrafos finais da crônica *Confusões*, citada anteriormente, e no texto *Bateria de 105*.

O canhão dá em média uns 40 tiros por dia – e no dia em que trabalhou mais deu 108 tiros. O tenente Adélio Conti, que é observador avançado e está ali no momento, me explica que a bateria (quatro canhões) é comandada por um capitão – no caso, o capitão Salomão Naslausuy; tem o tenente Aristides Simão, oficial de Manutenção, ele, tenente Conti, observador avançado, e um excedente, que é o segundo-tenente José da Mata Teixeira, que no momento está como observador avançado. Quem comanda os tiros é o comandante da linha de fogo, primeiro-tenente Aristides Simão. Ele diz pelo telefone ao sargento Antão: “Só a primeira peça. Explosiva meia dúzia instantânea. Vigilância esquerda um-dois-zero. Sítio 427. Por um. Alça 380”. (Braga, 1996, p. 110)¹⁴.

No trecho acima, o autor descreve o funcionamento do equipamento bélico de acordo com a explicação de um profissional – no caso, o tenente Adélio Conti. O uso de informações fornecidas por especialistas é uma prática corriqueira no jornalismo. Apesar de utilizar uma linguagem coloquial, Braga

¹⁴ A crônica foi originalmente publicada em janeiro de 1945, no jornal *Diário Carioca*.

tenta ainda relatar a situação presenciada de um modo mais factual (como por meio da transcrição do telefonema do primeiro-tenente).

Braga se atenta a identificar os personagens de suas narrativas, os quais são os “seus colegas” soldados. Nesse caso, é possível considerar uma intencionalidade do autor em querer enaltecer a figura do soldado brasileiro ao seu público, o que pode despertar certo sentimento de patriotismo no leitor – essa observação condiz com as características da cobertura jornalística da Segunda Guerra Mundial (Gambarone, 2003; Knightley, 2004; Kuhn, 2005). Por outro lado, como afirmam Carvalho (2007), Castello (2013) e Batista (2014), as crônicas de Rubem Braga se destacam pela sua sensibilidade literária, enfatizando o cotidiano, as emoções e as perspectivas de seus personagens.

Sendo assim, Braga selecionou e enfatizou histórias de indivíduos específicos, como pode ser observado, por exemplo, nas crônicas *O pracinha Juan*, *Enfermeiras*, *A menina Silvana*, *O tenente Trota*, *O cabo Clarindo* e *O Tenente Amaro*. Em *Mestre pracinha e a neve*, o cronista conta a experiência de um soldado em meio à neve, como também as suas primeiras impressões daquele cenário.

Mas um correspondente é, afinal, um turista. Sim, eu sou um boa-vida e posso confessar que no primeiro dia em que vi essas montanhas totalmente cobertas de neve, e as fontes que saltavam das pedras transformadas em faíscas de gelo – embora fosse um dia ruim em toda a frente, um dia de apreensões – fiquei incapaz de escrever qualquer coisa sobre a guerra. Voltei à minha infância, lembrei a primeira vez que vi o mar – e deixei um refúgio aquecido, inventando uma visita a uma bateria onde não tinha nada o que fazer, só para caminhar na neve funda, sob o céu esplêndido em que a lua crescia. A neve alva às vezes reflete as tonalidades do céu ao crepúsculo: via-a vagamente azulada... E ao luar essa terra de inverno esplende numa primavera branca, de sonho. É uma beleza assassina (Braga, 1996, p. 87-88)¹⁵.

Como pode ser observado no trecho acima, Braga descreve a paisagem com um lirismo evidente, por meio de imagens poéticas para

¹⁵ A crônica foi originalmente publicada em dezembro de 1944, no jornal *Diário Carioca*.

retratar a beleza da natureza em uma zona de guerra. O autor se afasta então do relato objetivo típico de um correspondente de conflitos armados, evitando a descrever diretamente a violência, o horror ou os acontecimentos da guerra. Nesse caso, o conflito é representado apenas como um pano de fundo, sugerido nas palavras “dia ruim toda a frente” e “beleza assassina”, mas sem detalhes específicos.

Já na crônica *Cristo Morto*, Braga utiliza uma metáfora – a imagem de um Cristo de massa decapitado – para se referir à destruição física e espiritual causada pela guerra. Como pode ser analisado no trecho a seguir, a descrição minuciosa da cena destaca o realismo, mas é também complementada por um lirismo que aproxima o leitor do sofrimento retratado.

Essa capela era um P.O. alemão que devassava incrivelmente as nossas linhas. Os americanos da 10ª Divisão de Montanha a ocuparam – mas antes disso a Capela recebeu fortes chacoalhadas de 105. Ficou completamente destruída, mas a santa foi encontrada intacta, com uma granada aos pés, uma granada que não explodira. Mas depois desse milagre, vi um não-milagre que me pareceu mais impressionante. Uma granada, não sei se nossa ou “deles”, atingira uma capelinha poucos quilômetros à direita do Monte Castelo, e um pouco mais ao norte. Apenas duas paredes ficaram de pé: o teto e as outras paredes ruíram. Havia uma tela com uma imagem de uma santa que não identifiquei: e no fundo havia uma grande cruz de madeira onde estava pregado um Cristo em tamanho natural – refiro-me ao tamanho de Cristo feito homem, naturalmente. A cruz, pintada de preto, não parecia ter sido atingida. Mas o Cristo, de massa cor de carne, fora decapitado por um estilhaço. A mão esquerda da imagem despregara-se do braço da cruz, e o braço caíra ao longo do corpo, que tombou para o lado direito. A mão direita continuava, entretanto, pregada, e os pés também. E aquele corpo sem cabeça, pendurado a uma só mão, com os joelhos curvados, parecia querer cair a qualquer momento sobre o monte de escombros. Entre as pedras e os tijolos alguém plantara, como legenda do quadro, um cartaz simples “Perigo – Minas” [...] De qualquer modo haverá guerra – e os bonecos serão outra vez arrebetados e estripados. E os homens subirão até as igrejas, não para ver a Deus, mas para ver os outros homens que eles precisam matar. E o Cristo de massa perderá a cabeça outra vez; e não perderá grande coisa, porque o Cristo-Deus, o Cristo-Rei, esse já a perdeu há muito tempo (Braga, 1996, p. 220-221).

Rubem Braga transcende então a descrição do campo de batalha e oferece uma análise profunda sobre a guerra e sua conexão com a condição humana, o que leva a um enquadramento da complexidade e da humanidade de um dos períodos mais sombrios do século XX. A seleção e a ênfase dessa temática em suas crônicas podem ser consideradas como uma forma de contornar a censura governamental, uma vez que os relatos das operações militares eram mais suscetíveis de serem manipuladas. Ou seja, ao focar na tragédia e na miséria humana, Braga evitava confrontos diretos com a censura, principalmente por meio do lirismo, mas ainda assim transmitia uma mensagem crítica e subversiva.

Considerações Finais

A censura presente na prática da correspondência de guerra se baseia em uma relação de poder nas narrativas de conflitos armados. Mais precisamente, trata-se de relações do simbólico com o político, uma vez que os efeitos de sentido transmitidos pelo que é evidenciado no discurso podem promover o patriotismo, o apoio da população à guerra, entre outros efeitos visados.

O silenciamento e a evidenciação no discurso jornalístico podem constituir uma determinada interpretação dos fatos, sendo uma forma de enquadramento que direciona o olhar do público para aquilo que diz ser verdadeiro, impactando então na constituição da realidade, da história dos acontecimentos relatados. Em outras palavras, trata-se de um processo de significação do mundo – no caso desta pesquisa, a concepção da realidade dos campos de batalha.

O silêncio nas narrativas jornalísticas sobre guerras é político, enquanto aquilo que é evidenciado procura transmitir um “efeito de verdade” que ajuda a reforçar as ideologias, os interesses econômicos e políticos por trás dos horrores e da destruição da guerra. A censura nas páginas dos

jornais possui a capacidade de omitir e transformar ao mesmo tempo a realidade do front de batalha.

No caso das crônicas de Rubem Braga, que mesclam elementos literários (como a metáfora, o lirismo e a subjetividade) e jornalísticos (descrições detalhadas e testemunhos diretos), a coragem e a vitória da FEB foram enfatizadas, representando a participação brasileira no conflito como vitoriosa, enquanto as baixas e falhas estratégicas eram omitidas de acordo com a censura imposta pelo Estado Novo. Mais especificamente, a censura restringia fortemente a liberdade de imprensa, especialmente no que dizia respeito a críticas ao regime, ao esforço de guerra e à exposição de conteúdos que pudessem gerar desmoralização ou descontentamento.

Nesse contexto, a introspecção e o destaque dado aos elementos subjetivos ou descritivos da cena podem ser vistos como uma forma de driblar a censura, enquanto ainda expressam, de maneira sutil, os sentimentos de desconforto e alienação causados pelo cenário político e pela guerra. Por meio desse enquadramento, Braga, portanto, equilibra o lirismo com uma crítica velada, mostrando como o aspecto literário da crônica pode ser usado para resistir de forma criativa em tempos de repressão.

Referências

ALLAN, S.; ZELIZER, B. **Reporting War: Journalism in Wartime**. London: Routledge, 2004.

BATISTA, J. G. **Rubem Braga com a FEB na Itália**. Brasília: Editora Prisma, 2014.

BRAGA, R. **Crônicas da Guerra na Itália**. Rio de Janeiro: Record, 1996. 3ª ed.

CARVALHO, E. S. **Jornalismo de Guerra: O caso da Imprensa Portuguesa**. 2013. 117 f. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Instituto Artes e Letras, Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2013. Disponível em: <https://ubibliorum.ubi.pt/handle/10400.6/1599>. Acesso em 23 jul. 2024.

CARVALHO, Marco Antônio de. **Rubem Braga: um cigano fazendeiro do ar**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

CASTELLO, José. **Na cobertura do Braga**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

COSTA, Renata. Como foi a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial? **Nova Escola**. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/319/como-foi-a-participacao-do-brasil-na-segunda-guerra-mundial>. Acesso em 23 jul. 2024.

ENTMAN, R. M. Framing: toward clarification of a fractured paradigm. **Journal of Communication**, New York, v. 43, n. 4, p. 51-58, 1993. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1460-2466.1993.tb01304.x>. Acesso em 23 jul. 2024.

ESQUIVEL, A. P. A primeira vítima da guerra é a verdade. **Brasil de Fato**. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/03/26/artigo-a-primeira-vitima-da-guerra-e-a-verdade>. Acesso em 11 dez. 2024.

FORNER, O. M. C.; SILVA, M. A. R. A mídia como arma de guerra durante a Segunda Guerra Mundial. **Revista Temática**, v. 13, n. 7, p. 1-14. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tematica/article/view/35358/18032>. Acesso em 11 dez. 2024.

GARAMBONE, Sidney. **A Primeira Guerra Mundial e a imprensa brasileira**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

GITLIN, T. **The Whole World is Watching: Mass Media and the Making and Unmaking of the New Left**. Berkeley: University of California Press, 1980.

KESKE, H. I. O new journalism entre o factual e o ficcional: das aproximações entre literatura e jornalismo. **Animus**. Santa Maria, v. 5, n. 1, p. 133-150, jan./jun., 2006.

KNIGHTLEY, Phillip. **The First Casualty: The War Correspondent as Hero and Myth-Maker from the Crimea to Kosovo**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2004.

KUHN, A. S. A história dos correspondentes brasileiros de guerra e sua relação com o poder estatal e militar. Encontro Nacional de História da Mídia, 3. 2005, Novo Hamburgo. **Anais do 3º Encontro Nacional da Rede Alcar**. UFRGS: Porto Alegre, 2005.

McLAUGHLIN, Greg. **The War Correspondent**. London: Pluto Press, 2002.

MERCIER, Arnaud. Guerres et médias : permanences et mutations. **Raisons politiques**, v. 1, p. 97-109, 2004. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-raisons-politiques-2004-1-page-97.htm>. Acesso em 23 jul. 2024.

MOREIRA, C. B. **Produção, circulação e funcionamento da censura na ditadura militar brasileira e no fascismo italiano: a censura na ordem do discurso**. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal Fluminense (UFF), Rio de Janeiro, 2009. Disponível em <https://app.uff.br/riuff/handle/1/18544>. Acesso em 23 jul. 2024.

OLIVEIRA, Dennison de. **Os Soldados Alemães de Vargas**. Juruá Editora, 2008.

ORLANDI, Eni. **As formas do silêncio. No movimento dos sentidos**. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

REESE, S. D. Framing Public Life: A Bridging Model for Media Research. In: REESE, Stephen D.; GANDY JR., Oscar; et al. (Org.). **Framing Public Life: Perspectives on Media and Our Understanding of the Social World**. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates Publishers, 2001.

SÁ, Jorge de. **A crônica**. São Paulo: Ática, 1999.

SANTOS, Marco Cabral dos. Departamento de Imprensa e Propaganda: A censura no Estado Novo. **Uol Educação**. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia-brasil/departamento-de-imprensa-e-propaganda-a-censura-no-estado-novo.htm>. Acesso em: 02 jul. 2024.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

TEIXEIRA, G. C. Jornalismo e literatura nos tempos da Segunda Guerra Mundial: Uma análise dos textos de George Orwell e Rubem Braga. **Revista Humanidades e Inovação**, v. 8, n. 56, p. 286-296. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/612>. Acesso em: 11 dez. 2024.

ZANDWAIS, Ana; ROMÃO, Lucília Maria Souza (Org.). **Leituras do Político**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

DIREITA VOLVER! MÍDIA LOCAL E A NECROPOLÍTICA AMBIENTAL EM SOROCABA

RIGHT TURN! LOCAL MEDIA AND ENVIRONMENTAL NECROPOLITICS IN SOROCABA

Carlos Carvalho CAVALHEIRO¹

Paulo Celso da SILVA²

Universidade de Sorocaba | Brasil

Resumo

Este artigo aborda a mídia e a questão ambiental em Sorocaba tendo como foco o rio do mesmo nome que corta a cidade de sul ao norte. Nosso objetivo é analisar a situação atual das políticas ambientais uma vez que nos últimos quatro anos, com o descaso da política conservadora do município, o rio volta a ser considerado poluído. A metodologia envolve uma busca na mídia local e seus posicionamentos coniventes ou não com o poder público e as decisões de controle sobre a vida e a morte do patrimônio ambiental, constituindo-se em necropolítica ambiental na qual a relação entre o poder político e a degradação ambiental também tem respaldo da mídia conservadora local e isso afeta diferentes grupos sociais e comunidades.

Palavras-chave

Direita Política; Meio Ambiente; Rio Sorocaba; Mídia Local; Necropolítica.

Abstract

This article addresses media and environmental issues in Sorocaba, focusing on the river of the same name that runs through the city from south to north. Our objective is to analyze the current situation of environmental policies, given that over the past four years, due to the negligence of the municipality's conservative policies, the river is once again considered polluted. The methodology involves an examination of local media and its positions, whether complicit or not, with public authorities and the decisions regarding the management of the environmental heritage, constituting an environmental necropolitics where the relationship between political power and environmental degradation is also supported by the local conservative media, affecting different social groups and communities.

Keywords

Right-Wing Politics; Environment; Sorocaba River; Local Media; Environmental Necropolitics.

RECEBIDO EM 03 DE AGOSTO DE 2024
ACEITO EM 18 DEZEMBRO DE 2024

¹ Historiador e Doutorando no PPG Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba. Bolsista CNPq no Projeto do Observatório de Desenvolvimento da Região Metropolitana de Sorocaba. Email: carlosccavalheiro@gmail.com

² Professor e Coordenador do PPG Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba Email: paulo.silva@prof.uniso.br

Introdução

Em 2018, o Brasil viveu seu momento de retorno às políticas de extrema direita, as quais experienciou em diversos momentos da sua história republicana, com a chegada ao poder do candidato Jair Bolsonaro, do *Partido Social Liberal (PSL)*, à presidência, eleito com cerca de 10% a mais dos votos válidos que o candidato Fernando Haddad, do *Partido dos Trabalhadores (PT)*. Naquele momento, o candidato representava a vitória da extrema direita internacional na América do Sul, ao mesmo tempo em que correspondia ao interesse do que, anteriormente, chamamos do último suspiro do capitalismo tradicional (2022), ou seja, essa direita internacional representava e representa aqueles interesses econômicos e políticos para os quais, o meio ambiente e as políticas sociais, são empecilhos para o desenvolvimentismo linear que compreende desde a natureza como matéria prima infinita até a garantia e manutenção de tradicionalismos patriarcais e misóginos defendidos por setores das elites locais, descontentes com suas representações políticas e econômicas.

A chegada ao poder federal do, então, candidato do *Partido Social Liberal (PSL)*, desencadeou um efeito dominó nas várias escalas territoriais do país, abrindo espaço para a conformação de câmaras de vereadores, deputados e senadores com propostas, discursos e atitudes no mínimo questionáveis ou condenáveis para os papéis assumidos de representantes do povo.

Assumimos a orientação teórica da necropolítica proposta por Mbembe (2016) a nos ensinar que o conceito elucida a maneira pela qual o poder político exerce sua autoridade sobre a existência e o destino das populações, particularmente em cenários caracterizados por episódios de violência extrema, conflitos armados e regimes opressores. Por meio deste

conceito, ele se propõe a examinar as estruturas e métodos que viabilizam a utilização da violência pelo Estado como meio de controle e sujeição das populações, traçando uma conexão triádica, porém macabra, entre política, poder e mortalidade impondo seu domínio e eliminando resistências.

Neste trabalho, a cidade de Sorocaba é um dos atores envolvidos nas práticas ambientais. A cidade está situada na região sudeste do Estado de São Paulo, a 100 km da capital paulista e conta com uma população de 723.682 pessoas, conforme o censo 2022 do IBGE, sendo a sede da Região Metropolitana de Sorocaba. Aplicamos o conceito de necropolítica para analisar o descaso com o rio Sorocaba e, por extensão, com a vida da população local, uma vez que o rio corta a cidade e afeta a vida dos moradores. Descaso esse que se constitui tanto como programa de governo como políticas públicas. A metodologia adotada implica em uma análise da cobertura midiática local, com o intuito de examinar suas posturas alinhadas ou não com as políticas governamentais e as medidas de regulamentação concernentes à preservação e à destruição do patrimônio ambiental. Para a análise da cobertura midiática, detectamos, a partir de consulta à versão *online* do jornal *Cruzeiro do Sul*, as ocorrências (notícias, matérias, editoriais, cartas de leitores...) com o termo "SAAE", referente a Serviço Autônomo de Água e Esgoto, autarquia municipal responsável pelo tratamento da água em Sorocaba. Após esse levantamento, selecionamos as ocorrências nos meses de julho e agosto de 2023, época em que ocorreram as denúncias sobre o despejo de esgoto *in natura* (sem tratamento) e analisamos o comportamento do veículo de comunicação em relação à "repoluição" do rio Sorocaba.

Necropolítica Sorocabana: a direita política e a redução à unidade

A redução à unidade é um dos mecanismos sociais utilizados pelas práticas políticas consideradas como extremas, e que alimenta o que Leon Festinger (1957) vai teorizar como 'dissonância cognitiva' de seus seguidores, ou seja, um conflito psicológico que ocorre quando a pessoa confronta duas crenças ou ideias que estão em desacordo entre si. A saída encontrada para resolver a complexidade do conflito é simplificando e unificando tudo em uma ideia ou conceito únicos, daí a conceituação antropológica denominada 'redução à unidade'.

Em termos práticos do cotidiano, a primeira crença ou ideia está relacionada à discriminação contra àqueles que são vistos pelo grupo como 'diferentes', seja pela cor, raça, etnia, gênero, sexo, região ou país de onde vieram ou pela religião a qual professam, enquanto a segunda crença ou ideia, aquela que é conflitiva, pois indica a luta contra a discriminação e a igualdade como práticas mais abrangentes e aceitas socialmente. Um exemplo da dissonância cognitiva pode ser verificado na reprodução de uma fala, na manifestação "bolsonarista" em 25 de fevereiro de 2024, em São Paulo, na qual, conforme o jornal de direita *Poder 360* (2024) a "ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro fez uma oração na abertura dos discursos. Na prece, ela pediu por vingança divina contra os inimigos políticos de Bolsonaro e a absolvição de seu marido".

Aqui vemos a prática, uma vez que ela aconteceu, de uma "oração" para pedir vingança contra os "inimigos do marido", ou seja, a "oração" foi para vingar e não para agradecer, louvar, conectar-se espiritualmente com o divino, buscar orientação, conforto, perdão, como comumente essa ação é

entendida pelas diversas crenças. Temos assim a dissociação pelo conflito entre o messianismo religioso desse grupo encabeçado pela senhora e a realidade investigativa de uma tentativa de golpe na democracia brasileira pelo ex-presidente. Entretanto, a solução nessa crise psicológica é dada pela opção a primeira proposta: orar para vingar.

Nesse contexto descrito, a redução à unidade volta-se contra os “comunistas”, isto é, estar ou ser contra as propostas e práticas do ex-presidente é ser comunista e, portanto, inimigo. A dissonância dessa ala da direita brasileira inclui uma fusão de temas, aparentemente, díspares como a defesa das posições de Israel na guerra contra a Palestina, por ser uma nação “cristã contra o comunismo” (2024).

Figura 1 - Apoiadoras de Bolsonaro em manifestação: “Somos cristãs como Israel”.



Fonte: https://youtu.be/XJBxOKSS7vE?si=DDC_JJDYbM4vC_c5. Acesso em: 2 jun. 2024.

Percebe-se de imediato que a complexidade da guerra ou da tentativa de golpe na democracia brasileira fica reduzida a ser ou não comunista e/ou cristão e, socialmente, a solução está posta. Não por acaso é o grupo que mais reclama o conceito de pátria e família para si, pois entendem que a primeira é a ampliação da segunda, na qual os valores são compartilhados e

reforçados entre os iguais. No passado, especificamente na década de 1930, o Brasil viu surgir o modelo tupiniquim de fascismo chamado de Integralismo, cujo lema era “Deus, Pátria e Família”, o mesmo que hoje é reapropriado pela facção que idolatra o Messias Bolsonaro. Vale destacar, como analisam Teixeira da Silva e Schurster (2023), que o bolsonarismo é representativo do radicalismo da direita, trazendo em seu bojo características fascistas, conservadoras e os movimentos que dele resultam são enraizados em setores civis e militares do Brasil.

Entretanto, as práticas do ex-presidente, seus aliados e seguidores durante os anos de governo, em especial ao tratamento dado a todo processo que envolveu o Covid-19³, mas não apenas a ele, nos motiva a pensar em seus desdobramentos, ou seja, aqueles processos políticos ainda em curso nas escalas regional e local no Brasil. Recortamos para a cidade de Sorocaba, a qual é governada no atual mandato (2021–2024) pelo grupo político “bolsonarista”, incluindo prefeito, secretários e a 17 dos 20 vereadores. Consideramos os vereadores alinhados a esse grupo aqueles que assim se declaram ou os que, apesar de não se declararem abertamente, votam comumente com as pautas desse grupo. Esses vereadores estão representados pelos partidos: *Republicanos*, *Agir*, *PL*, *Podemos*, *PP*, *PSD*, *PRD*, *União* e *PSB*. Desses partidos, o de maior representação é o *Republicanos*, com seis vereadores (Legislatura 2021 – 2024).

Optamos pela análise baseada nas propostas de Mbembe (2016) com o conceito de necropolítica, que nas palavras do autor responde “as formas contemporâneas que subjagam a vida ao poder da morte (necropolítica)”, mas podemos incluir nessa perspectiva os conceitos de ecopolítica e

³ “Infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global” (Brasil, 2024). A Covid-19 tornou-se uma pandemia, causando danos graves na saúde das pessoas, mas, também, atingindo todos os setores da vida humana. No Brasil, de acordo com pesquisas, a ineficiência do governo federal, aliado a um negacionismo, foram cruciais para que o Brasil tivesse um dos piores desempenhos no combate à pandemia (Teixeira, 2023).

ecogovernamentalidade que, na proposta de Gomes (2015, p. 101) nos indica que:

A compreensão dos conceitos de ecopolítica e de ecogovernamentalidade passa pela construção do novo conceito de meio ambiente e pela forma e motivação de sua eleição como objeto das políticas de gestão da vida. A construção desse conceito contemporâneo de meio ambiente e sua definição como objeto de biopolíticas depende, por sua vez, da constituição de saberes científicos e da criação de verdades. Esses saberes e verdades criam e legitimam discursos sobre o meio ambiente, os quais são utilizados como base para a criação de técnicas, mecanismos, normas, entre outros dispositivos de ecogovernamentalidade, para a gestão da vida em todo o planeta.

Contudo, no caso do presente artigo, os saberes e verdades científicos são negados pelo poder público em prol da representatividade de grupos, localmente hegemônicos, que ao defenderem o desenvolvimentismo irracional e o tradicionalismo colocam em xeque o viver urbano presente e futuro. Podemos afirmar que é a necropolítica aliada a negação da ecopolítica e ecogovernamentalidade do capitalismo tradicional.

Entendendo com Milton Santos (1996, p. 18) que a noção de “espaço é o conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações” aceitamos aqui, como mídias locais, o sistema de comunicação e informação espacialmente demarcado no município de Sorocaba, o qual vai cobrir e divulgar assuntos e temas de interesse local, além da prestação de serviço e a participação no desenvolvimento de uma identidade comunitária.

Entretanto, não podemos deixar de dizer que ocorre um movimento dialético entre a mídia local e as mídias das demais escalas geográficas (regional, nacional, internacional), potencializando o sistema de comunicação e informação com interesses, posicionamentos e identidades relevantes para os grupos hegemônicos externos, os quais passa a representar.

Tais escolhas da mídia local tem consequências diretas na vida cotidiana, uma vez que são e estão espacializadas, ou seja, partem de um

posicionamento específico, escolhido para informar os sistemas de ações em curso do poder público ou dos grupos.

Dessa forma, ao assumir e defender posições baseadas na necropolítica, participam, ativamente, para subjugar a vida ao poder da morte, efetiva ou simbólica. Confirmando o que Leonardo Boff (2015, p. 2) vai definir como povo, em sua perspectiva histórico sociológica: “‘povo’ é cooptado como ator secundário de um projeto formulado pelas elites e para as elites”. Nesse movimento, a elite assume o papel principal, enquanto o povo fica em posição secundária, subordinado a ela. E os meios de comunicação locais são responsáveis por disseminar seus valores.

A seguir passamos a apresentar nosso levantamento das opções necropolíticas na escala da comunicação local.

A hegemonia do *Cruzeiro do Sul* e sua opção pela extrema-direita

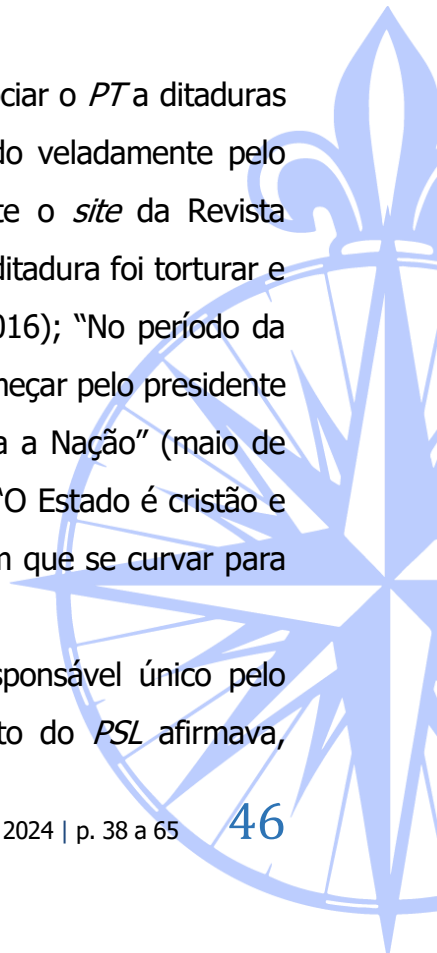
Desde a década de 1960, época em que passou a ser mantido pela Fundação Ubaldino do Amaral, o jornal *Cruzeiro do Sul* vez ou outra tomou posições que revelam o conservadorismo e até mesmo o retrocesso. Em 1964, por exemplo, como confirma o historiador José Aleixo Irmão, o jornal apoiou o Golpe Civil-Militar (Aleixo Irmão, 1996, p. 247-248). Naquele mesmo ano, esse órgão de imprensa despediu um articulista “por suas ideias contrárias” aos princípios da Fundação Ubaldino do Amaral (Aleixo Irmão, 1996, p. 248).

O veículo de comunicação mais antigo da cidade de Sorocaba ainda em atuação é o jornal *Cruzeiro do Sul*. Fundado em 12 de junho de 1903, pelos João e Joaquim de Camargo Pires, família ligada ao Partido Republicano Paulista, no contexto do coronelismo da Primeira República. Depois de passar pelas mãos de alguns proprietários, no início da década de 1960, o jornal foi adquirido pela Fundação Ubaldino do Amaral,

representante da maçonaria sorocabana. Desde então, o jornal serve como veículo de divulgação da visão de mundo da maçonaria sorocabana.

No ano de 2018, o jornal *Cruzeiro do Sul* surpreendeu os sorocabanos ao publicar um editorial, de página inteira, em sua capa, atacando o Partido dos Trabalhadores como “fomentador” de discurso de ódio de classe e de raça. Além disso, associou o governo do PT ao retrocesso de governos da América Latina e da África, além de aprimorar a corrupção no país. Ao fim, o editorial termina dizendo que “devemos refletir sobre a possibilidade de outro candidato e propostas. Está em nossas mãos escolher entre avançar com governo que se possa começar diferente ou retroceder e aceitar um modelo desastroso” (*Cruzeiro do Sul*, 29 set 2018, p. 1).

Ocorre que, na mesma edição, o jornal anunciava que dois candidatos teriam chances reais de chegar ao 2º turno: Jair Bolsonaro do *PSL* (28% dos votos) ou Fernando Haddad do *PT* (22%). Assim, ao dizer para seus eleitores escolherem “outro candidato”, o jornal estava, desse modo, sugerindo o voto em Jair Bolsonaro.

Apesar do editorial do jornal *Cruzeiro do Sul* associar o *PT* a ditaduras como “Cuba e Coreia do Norte”, o candidato defendido veladamente pelo periódico se tornou célebre por frases como repercutiu o *site* da Revista *ISTOÉ*, edição de 24 de setembro de 2018: “O erro da ditadura foi torturar e não matar” (entrevista à rádio *Jovem Pan*, junho de 2016); “No período da ditadura, deviam ter fuzilado uns 30 mil corruptos, a começar pelo presidente Fernando Henrique, o que seria um grande ganho para a Nação” (maio de 1999, declarações difundidas pela *TV Bandeirantes*); e “O Estado é cristão e a minoria que for contra, que se mude. As minorias têm que se curvar para as maiorias” (encontro na Paraíba, fevereiro de 2017)”. 

A despeito de o jornal dizer que o *PT* era responsável único pelo discurso de ódio racial e de classe, o então candidato do *PSL* afirmava,

segundo o mesmo *site* da Revista *ISTOÉ* (2018): “Eu fui num quilombo em Eldorado Paulista. Olha, o afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas. Não fazem nada! Eu acho que nem para procriador ele serve mais. Mais de R\$ 1 bilhão por ano é gasto com eles” (Em palestra no Clube Hebraica, abril de 2017); e “Eu tenho pena do empresário no Brasil, porque é uma desgraça você ser patrão no nosso país, com tantos direitos trabalhistas. Entre um homem e uma mulher jovem, o que o empresário pensa? ‘Poxa, essa mulher tá com aliança no dedo, daqui a pouco engravida, seis meses de licença-maternidade...’ Bonito pra c..., pra c...! Quem que vai pagar a conta? O empregador” (Entrevista ao *diário Zero Hora*, em dezembro de 2014).

Assim, o jornal *Cruzeiro do Sul* deixava de lado a sua pretensa “neutralidade” e defendia um candidato que proclamava a exclusão de grupos sociais, defendia o autoritarismo e o extermínio de opositores políticos. Não se tratava, então, de escolher entre um governo “diferente” e um “modelo desastroso”. O fato é que o jornal optou pelo mesmo posicionamento tomado em 1964.

Apoio ao governo municipal

Pouco tempo antes, jornalistas já haviam denunciado arbitrariedades cometidas pelo Conselho Consultivo da Fundação Ubaldo do Amaral. O jornalista Deda Benetti, em sua página “*ODedaQuestão*”, datada de 2 de maio de 2017, denunciou um episódio que ele classificou como um dos mais tristes da história do jornal.

No mês de abril de 2017, segundo a publicação, o Promotor Público Antônio Domingues Farto Neto, um dos diretores do Conselho Consultivo da Fundação Ubaldo do Amaral, adentrou a redação do jornal e, não estando presentes o diretor-presidente e o editor-chefe, exigiu que os jornalistas da redação estampassem como manchete do dia seguinte a frase: “Greve prejudica trabalhadores”. De fato, a manchete do jornal, no dia 29 de abril

de 2017 foi a seguinte: “Paralisação prejudica população sorocabana”. Nesse dia, a greve geral foi assunto de 4 páginas do jornal: A5, A6, A7 e A8.

Instado a responder ao jornalista Deda Benetti sobre o episódio, o diretor do Conselho da FUA limitou-se a responder: “deliberações estratégicas de Conselho Superior ou de Conselho de Administração de qualquer empresa séria, como é o caso de nosso centenário jornal, não podem nem devem ser discutidas fora do âmbito interno”.

Na mesma página, foi publicado o manifesto do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo (SJSP) que, em certo trecho, afirmou:

[...] conforme informações levantadas pelo SJSP-Regional Sorocaba, o promotor Farto Neto esteve na redação no dia 28 de abril acompanhado alguns integrantes dos conselhos da FUA, entre eles Francisco Antônio Pinto (Chicão), Valdir Euclides Buffo Junior, César Augusto Ferraz dos Santos, Tiberany Ferraz dos Santos, diretores da Vila dos Velinhos de Sorocaba e o presidente da FUNDEC, Luiz Antônio Zamuner. Também estavam presentes ao fatídico episódio o coronel Antônio Valdir Gonçalves Filho, comandante do Comando de Policiamento do Interior (CPI/7), e o atual secretário de Segurança e Defesa Civil da prefeitura de Sorocaba, José Augusto de Barros Pupin.

Segundo informações, o promotor Farto Neto, em sala fechada e na presença desse conjunto de autoridades, passou a agredir de forma destemperada os profissionais de imprensa, com direito a gritos, ofensas e ameaças. Dessa forma intimidatória, o promotor afirmou que o êxito da greve geral era responsabilidade da manchete do jornal *Cruzeiro do Sul* da sexta-feira, 28, e que era preciso “limpar o desserviço feito” e criar uma “agenda positiva” e, para isso, era primordial engrandecer o trabalho da Polícia Militar e da Guarda Civil Municipal. Segundo relatos, a manchete publicada no dia 29 “Paralisação prejudica o trabalhador sorocabano” foi ditada por Farto Neto, e o comandante do CPI-7 e o secretário Pupin foram entrevistados na presença de pessoas do grupo acima mencionado, mais uma forma de intimidação aos jornalistas.

Portanto, conclui-se que o objetivo de tamanha agressão era impor uma linha editorial que contemplasse apenas um posicionamento, o do interesse das pessoas que estavam junto ao promotor, nas matérias relacionadas à greve geral, deixando de lado até então o compromisso do centenário jornal *Cruzeiro do Sul* com a cobertura ética, imparcial e objetiva, ouvindo todos os lados da história como a sociedade espera de um veículo de imprensa. (Odedaquestão, 2017)

Em abril de 2018, o jornal anunciou a troca do editor-chefe José Carlos Fineis:

Romeu-Sérgio Osório passa, a partir de hoje, a responder pela linha editorial definida por sua mantenedora, a Fundação Ubaldino do Amaral, para o jornal *Cruzeiro do Sul* que há 115 anos faz parte do dia a dia da população de Sorocaba e região (Cruzeiro do Sul, 22 abr. 2018, p. A-7).

Essa troca de editor, colocando à frente alguém escolhido pela mantenedora do jornal, parece refletir uma mudança de linha editorial que passa a se aproximar do conservadorismo e do extremismo de direita. Com isso, o jornal de grande circulação e abrangência, com uma história de mais de cem anos, alcança a hegemonia, praticamente como única voz – ou ao menos a mais potente – dentro do jornalismo escrito.

E sua adesão ao modelo político chamado – a nosso ver com um pouco de equívoco – de “bolsonarismo” se tornou patente nas publicações entusiásticas sobre o governo do presidente e seus aliados em todas as esferas (federal, estadual e municipal). Pensamos ser equivocado o termo “bolsonarismo” porque, em verdade, a pessoa a quem esse nome alude não desenvolveu nenhuma teoria política e, como atesta Lincoln Secco, seria mesmo incompetente para tal realização. De acordo com esse autor:

A ideologia de Bolsonaro era um conjunto de ideias bizarras apoiado em *youtubers* sem reconhecimento acadêmico, mas por isso mesmo hauria sua força numa postura antielitista. Não havia uma visão coerente do mundo e sequer um programa de governo, por isso o astrólogo Olavo de Carvalho foi uma peça importante na construção de uma técnica discursiva para o bolsonarismo que permitiu manipular racionalmente os sentimentos irracionais dos seus adeptos (Secco, 2021, p. 116).

Em outro momento, o autor afirma que “Bolsonaro não tinha pretensão intelectual alguma e o ‘filósofo’ de seu movimento não merecerá futuramente nenhuma análise salvo como um documento de barbárie” (Secco, 2021, p. 111).

Em 2020, foi eleito em Sorocaba o prefeito Rodrigo Manga (*Republicanos*) que nunca escondeu seu alinhamento a Bolsonaro e ao “conservadorismo liberal” de seus partidários. Era de se esperar, portanto, que o jornal *Cruzeiro do Sul* também apoiasse o prefeito. O quanto esse veículo de comunicação estaria disposto a “apoiar” o prefeito? Há indícios de que o jornal tem se comportado de maneira a não dar publicidade a alguns fatos que possam macular a imagem do prefeito.

Dessa maneira, esse órgão de imprensa pode estar, uma vez mais, colaborando com a necropolítica (Mbembe, 2020) da cidade de Sorocaba. Utilizaremos aqui de alguns exemplos sobre o despejo de esgoto *in natura* no rio Sorocaba, fato esse que deu motivo a ação proposta pelo Ministério Público, mas que praticamente passou despercebido pelo jornal *Cruzeiro do Sul*, sendo denunciado por outro órgão da imprensa *online*, o Portal *Porque*.

O despejo de esgoto no rio Sorocaba representa o retorno a níveis inaceitáveis de poluição, prejudicando o montante de recursos anteriormente disponibilizados para a despoluição, e, ainda, prejudicando o lazer e a alimentação de dezenas ou mais de pescadores que se utilizam desse curso d’água em sua área urbana.

Além disso, existe a captação de água do rio para tratamento e consumo da população. O despejo de esgoto, portanto, consome mais recursos para o tratamento e pode até inviabilizar o uso dessa mesma água caso os níveis de poluição atinjam os níveis do inaceitável.

Por tudo isso, as ações de despejo de esgoto são consideradas como necropolítica. A imprensa deveria cumprir o seu papel social de informar a população acerca dos fatos que atingem diretamente a sua vida. Quando ela não cumpre esse dever, deixa de ser uma imprensa livre e se torna uma mera empresa de propaganda.

Portal Porque e uma nova proposta de mídia local

Diante da hegemonia do jornal *Cruzeiro do Sul*, a cidade ressentiu-se de um contraponto que trouxesse ao leitor outro ponto de vista para os fatos ocorridos na cidade. Não se tratava da defesa desse ou daquele “partido” ou mesmo de uma perspectiva ideológica, mas uma outra versão que possibilitasse ao leitor o exercício da síntese e da formação de sua própria opinião.

Em 2021, surgiu um portal de notícias na internet intitulado *Porque*. Como o nome induz, o portal teria como objetivo buscar a causa e a resposta das inúmeras indagações que surgem quando um fato vem à tona.

O Portal *Porque* (2024), em sua sessão *Sobre*, se apresenta com o slogan “o jornalismo que faltava” e em sua página na internet explicita sua linha editorial e seu compromisso com o jornalismo:

Fundado em 15 de agosto de 2021, o **Portal Porque** nasceu em Sorocaba com o compromisso de praticar um jornalismo sério e independente, com foco nos temas sociais, nas causas humanitárias e nos assuntos que fazem diferença na vida das pessoas.

Nossa proposta de trabalho é ocupar os espaços esquecidos por parte da imprensa sorocabana nos esforçarmos para cumprir, sem concessões e com a máxima honestidade editorial, a proposta sintetizada em nosso slogan, de praticar “o jornalismo que faltava”.

Mas que jornalismo é esse? É o jornalismo voltado para os temas que realmente importam. Um jornalismo útil à sociedade; responsável, democrático e comprometido, prioritariamente, com o propósito de dar espaço a quem não tem espaço, de permitir que vozes historicamente ignoradas ou abafadas sejam ouvidas.

Na lista dos “valores” do Portal *Porque* aparecem, entre outros, os seguintes: “Defesa intransigente dos direitos humanos e constitucionais, da democracia, da liberdade e da igualdade; [...] Combate incansável ao fascismo e à corrupção”. O Portal *Porque*, na mesma sessão *Sobre*, esclarece ainda que “desde a sua estreia, assumiu-se progressista. Isso não significa que sejamos atrelados a partidos políticos ou candidatos. Antes, o que nos move são as causas do povo humilde, das minorias, dos explorados, dos

excluídos – hoje relegados ao abandono pelas políticas públicas ou pela ausência delas”.

Por essas diretrizes, percebe-se imediatamente que o Portal *Porque* surge como um contraponto ao jornal *Cruzeiro do Sul*. Além de jornal impresso, o *Cruzeiro do Sul* mantém página *online*, além de disponibilização de suas edições em formato de imagens (acervo digital) para os assinantes. Mantém, ainda, uma estação de rádio, a *Cruzeiro FM* e perfis em redes sociais (*Facebook* e *Instagram*). O Portal *Porque* mantém uma versão *online* (página na internet) e perfis em redes sociais. Não possui jornal impresso e nem outro veículo de comunicação como rádio ou TV. Fatos como a intervenção do promotor Farto Neto na formatação da notícia sobre a Greve Geral, ditando até como deveria ser a manchete do jornal, e o ataque explícito a uma agremiação política que concorria a uma eleição demonstram o compromisso do jornal com uma visão específica de mundo e não com a informação em si.

O jornal pode – e, muitas vezes, deve – emitir sua opinião. Para isso existe o editorial. Porém, quando a manchete de uma notícia induz à formação de uma opinião – como a de associar um instrumento legítimo de luta dos trabalhadores, a greve, permitido por lei como um estorvo para a sociedade, o jornalismo deixa de ser honesto e passa a emitir opiniões próprias no intuito de desmerecer a mobilização social.

Sobretudo quando essa manchete e essa matéria, de acordo com o que foi apurado pelo jornalista Deda Benetti, não foi produzida pelos repórteres do jornal, mas por um diretor do Conselho Consultivo da Fundação mantenedora daquele órgão de imprensa.

Com o surgimento do Portal *Porque* começaram a surgir alguns contrapontos e revelação de silêncios que denotam a violência da necropolítica.

A (re)poluição do rio Sorocaba

A história da despoluição do rio Sorocaba é extensa e conta com episódios de luta e mobilização de pessoas e entidades. Desde meados do século XIX os vereadores da cidade se preocupavam com a qualidade das águas e por meio de posturas tentavam impedir que elas fossem poluídas com substâncias como “animas mortas, lixo, ou outra qualquer imundíce nos rios e agoadas” (Código..., 1852).

No século XX, com a intensa industrialização da cidade, o rio começa a receber os rejeitos industriais, além do esgoto sem tratamento. Na década de 1970, a poluição atinge seu auge e a mortandade de peixes evidencia a péssima qualidade das águas do rio.

Na década de 1980, inicia-se uma mobilização para a despoluição do rio Sorocaba. Essa mobilização culmina em 1990 com a aprovação do parágrafo 2º do artigo 178 da Lei Orgânica do Município que garantia o início do processo de despoluição do nosso principal corpo d’água. Essa inserção na Lei Orgânica se deveu, em grande parte, a luta do ambientalista Francisco Moreira de Campos, conhecido como Chico do Rio, que convenceu diversos vereadores da importância de se garantir em lei os recursos para a despoluição do rio Sorocaba.

Entre os anos 2000 e 2016, com investimento de mais de R\$ 180 milhões, a partir de recursos do município e, também, federais, o Serviço Autônomo de Água e Esgoto de Sorocaba (SAAE) anunciou a finalização do Programa de Despoluição do Rio Sorocaba, com tratamento completo do esgoto.

O rio Sorocaba voltou a ser frequentado por pescadores e notícias de pesca de peixes grandes ganharam as manchetes dos jornais e outros veículos de comunicação. Apesar de ainda ser um rio com alguma poluição, a qualidade das suas águas, na área urbana de Sorocaba se tornou de boa qualidade o que permitiu o retorno de variadas espécies animais, além dos

peixes, como aves diversas, cágados, ratões do banhado, capivaras entre outros.

Essa complexa biodiversidade só se tornou possível diante da melhoria da qualidade das águas a partir do processo de despoluição. A cidade de Sorocaba foi destaque em noticiários e na obtenção de prêmios por conta da despoluição promovida no rio Sorocaba.

No ano de 2023, no entanto, uma denúncia de funcionários do SAAE (Serviço Autônomo de Água e Esgoto) revelou que há dez anos – portanto, nas quatro últimas administrações – estão sendo instalados tubos extravasores que despejam esgoto sem tratamento nas águas dos córregos e outros cursos d’água afluentes do rio Sorocaba.

Essa denúncia foi publicada pelo Portal *Porque* em 31 de julho de 2023 em matéria assinada pelo jornalista José Carlos Fineis. Esse mesmo jornalista foi editor-chefe do jornal *Cruzeiro do Sul*, dispensado de suas funções no exato momento em que o jornal assumia uma postura de defesa explícita do conservadorismo.

De acordo com a matéria publicada pelo Portal *Porque*:

O projeto de despoluição do rio Sorocaba e seus afluentes localizados em território sorocabano, iniciado no ano 2000 e que projetou a cidade internacionalmente como exemplo de boas práticas ambientais, vem sendo sabotado há cerca de dez anos pelo próprio Saae (Serviço Autônomo de Água e Esgoto), com a instalação clandestina de centenas de extravasores (drenos) em pontos da rede coletora que já não comportam o volume de esgoto gerado, devido ao crescimento da cidade e ao adensamento populacional.

Esses drenos clandestinos despejam diuturnamente, em córregos e galerias de águas pluviais (água da chuva), grande parte do esgoto doméstico que havia sido retirado da natureza pelo programa de despoluição do rio Sorocaba, com a instalação de milhares de metros de interceptores, coletores-tronco, duas dezenas de estações elevatórias e Estações de Tratamento de Esgoto (ETEs), num dos maiores programas municipais de despoluição já realizados no Brasil.

A denúncia, acompanhada de dezenas de fotos, vídeos, mapas e endereços, foi feita com exclusividade ao **Portal Porque** por um grupo de funcionários do Saae, inconformados com o retrocesso

representado por essa prática — que se soma a outras dificuldades, como falta de equipamentos de proteção individual e materiais para trabalhar.

Segundo eles, o uso de extravasores vem sendo adotado de maneira sistemática para evitar entupimentos em pontos de saturação da rede. “Em vez de fazer o certo, que seria trocar a tubulação por uma de diâmetro maior, o Saae passou a instalar essas gambiarras por toda a cidade”, disse um dos funcionários.

Ao longo de mais de um mês, a reportagem do **Portal Porque** visitou pontos onde extravasores foram instalados, apurou uma lista (feita de memória pelos funcionários) de boa parte dos locais onde esses drenos permanecem ativos, entrevistou a Cetesb (Companhia Ambiental do Estado), a Ares-PCJ (agência reguladora do Saae), e questionou três ex-prefeitos e três ex-diretores da autarquia, que estiveram à frente do governo municipal e do serviço de água e esgoto nos últimos dez anos. Todos negaram conhecer a prática, que definiram como criminosa. (Fineis, 2023)

Apesar de não ter se iniciado na atual administração, do prefeito Rodrigo Manga, a prática continua sendo executada e o serviço do SAAE sucateado por falta de equipamentos e insumos básicos, conforme a publicação do Portal *Porque*. Ademais, sempre que questionada pelo Portal *Porque* a Prefeitura prefere não responder, negando ao cidadão o direito à informação.

Os funcionários do SAAE também denunciam o favorecimento da empresa Rochaforte, que presta serviços à autarquia e que, de acordo com as denúncias, despeja esgoto sem tratamento em córregos da cidade. A empresa é licitada para a prestação desses serviços, mas, ao que consta, não foi interpelada por essa prática.

Conforme a denúncia, é por causa dos extravasores que, apesar do programa de despoluição do rio Sorocaba, o esgoto corre a céu aberto em diversos córregos da cidade, provocando queixas frequentes da população relativas ao mau cheiro.

É graças aos extravasores do córrego da Barcelona que uma crosta de fezes, acompanhada de manchas de gordura, se forma todos os dias no lago do Parque dos Espanhóis, localizado em Pinheiros.

Motivo de reclamações constantes, o esgoto a céu aberto do Parque dos Espanhóis tem sido remediado pelo Saae com a contratação de uma empresa que, por meio de caminhões-bomba, suga os dejetos que boiam no lago e, depois, joga água limpa para lavar os pontos onde as fezes haviam se acumulado.

Apesar disso, o mau cheiro predomina no parque, como o **Portal Porque** constatou em reportagem publicada no dia 29 de junho,

em que frequentadores do local, moradores próximos e comerciantes lamentaram a poluição permanente do lago.

A empresa contratada para limpar o lago do Parque dos Espanhóis é a Rochaforte Saneamento, a mesma que, também segundo denúncias dos funcionários do Saae, recolhe esgoto com seus caminhões em serviços de limpeza de rede (entre outros) e os despeja diretamente no córrego Itanguá, por meio de uma tubulação construída dentro da Estação de Tratamento de Esgoto daquele bairro.

A denúncia foi publicada no dia 7 de junho. Na ocasião, em resposta ao **Portal Porque**, a Rochaforte não confirmou nem desmentiu as informações, limitando-se a alegar que despeja os dejetos “em locais orientados pelo Saae, conforme contrato”. Já a administração municipal, que adotou a política do silêncio, também preferiu calar a respeito, embora tivesse sido questionada pelo portal. (Finéis, 2023)

Tais denúncias motivaram a vereadora Iara Bernardi, do *Partido dos Trabalhadores*, a entrar com uma representação no Ministério Público para apurar o decaimento das condições ambientais do rio Sorocaba. Como parte das provas elencadas pela vereadora, estão as reportagens realizadas pelo *Portal Porque*.

Outro documento citado pela vereadora é uma matéria publicada pelo jornal *Cruzeiro do Sul* em 23 de março de 2022. Nessa matéria, com o título de “Qualidade da água cai para ruim, afirma Cetesb”, a reportagem confirmou o relatório da CETESB sobre a péssima qualidade da água do rio Sorocaba. No entanto, o jornal entrevistou um professor de hidrologia e recursos hídricos da UNESP (Universidade Estadual Paulista) que afirmou que essa poluição era de origem difusa, ou seja, “É aquela que não se sabe de onde vem, que vem da agricultura, da indústria, da própria cidade, quando chove” (*Cruzeiro do Sul*, 23 mar 2022, p. 7).

A reportagem fez questão de salientar que o SAAE realizou com eficiência todas as ações de saneamento básico. Em nenhum momento, a responsabilidade pela situação da poluição do rio foi atribuída ao órgão ou ao Poder Executivo. Pelo contrário, a população foi responsabilizada por suas ações: “As pessoas continuam poluindo o rio, jogando lixo, garrafas, papel,

tudo na rua, que, quando chove (o lixo) vai para o rio”. Ademais, ficou patente a defesa da administração local ao salientar que “os outros municípios da região pelos quais o manancial passa também devem se preocupar em limpá-lo e preservá-lo”, dando a entender que a administração pública de Sorocaba preservava o trecho do rio que passa pela cidade.

Durante os meses de julho e agosto o jornal *Cruzeiro do Sul*, por sua vez, publicou as seguintes matérias contendo citações ao SAAE. Essa busca foi realizada no acervo digital do jornal, com buscador próprio:

Tabela 1: Levantamento de ocorrências com o termo SAAE no acervo digital do jornal *Cruzeiro do Sul*

Data	Título da Matéria	Assunto
01 jul. 2023, p. 8	Vereadores questionam sobre empréstimos e repasses	Vereador solicita informações sobre implementação de programa de controle de perda de água pelo SAAE.
04 jul. 2023, p. 4	Casas vizinhas a depósito que pegou fogo são interditadas	SAAE colaborou com bombeiros fornecendo caminhão pipa.
08 jul. 2023, p. 1	Mau cheiro em córrego	Vazamento em córrego do Jardim Mathilde deixa a água verde. SAAE detectou vazamento em local de difícil acesso.
09 jul. 2023, p. 3	Substituição	Realização de obras de substituição de mais uma travessia sobre o córrego Piratininga.
09 jul. 2023, p. 2	Um dia na História	Coluna de memória do jornal, relembra edição de 1980 sobre falta de água.
12 jul. 2023, p. 5	Bebedouros são instalados na ciclovia da 'Dom Aguirre'	Fala sobre a instalação que o SAAE realizou de bebedouros ao longo da ciclovia.
12 jul. 2023, p. 5	Prefeitura quer outro empréstimo	Sessão extraordinária da Câmara vota autorização de empréstimo para obras de saneamento e infraestrutura.
13 jul. 2023, p. 3.	Câmara analisa projeto de reestruturação do SAAE	Prefeitura envia projetos de reestruturação administrativa do SAAE e empréstimo para obras.
19 jul. 2023, p. 3	SAAE fará manutenção preventiva na zona norte neste sábado	Realização de manutenção e intervenções nos Centros de Distribuição da Vila Barão e Herbert de Souza.
21 jul. 2023, p. 6	Prefeitura responde a questões da Câmara	Vereador solicita informações sobre defasagem no número de funcionários do SAAE. Prefeitura diz que abrirá concurso em 2023.

21 jul. 2023, p. 1 e 3	Começa a construção do RDC no Parque dos Italianos	Anúncio da construção de Reservatório de Detenção de Cheias
23 jul. 2023, p. 3.	Erramos	Nota desmente que Prefeitura queira privatizar o SAAE, como o jornal publicou.
28 jul. 2023, p. 3	Prefeitura receberá prêmio nacional pelos avanços em saneamento básico	Sorocaba foi incluída no painel “Melhores evoluções no ranking de Saneamento” e recebeu da FGV o 7º Prêmio Casos de Sucesso & ESG
02 ago. 2023, p. 3	“De curto a médio prazo, já somando a ETA do Vitória Régia, uma independência em algo acima de 50%”	Declaração do diretor-geral do SAAE, Tiago Suckow, sobre construção de nova estação de tratamento de água e esgoto.
08 ago. 2023, p. 1 e 6	Dique maciço integrará sistema de RDC	Divulgação de obra de construção de muro de contenção que compõe o futuro Reservatório de Detenção de Cheias (RDC)
10 ago. 2023, p. 3	Córrego de Brigadeiro recebe manutenção	Divulgação do serviço de limpeza e manutenção de córrego do bairro de Brigadeiro Tobias
11 ago. 2023, p. 3	Desassoreamento do rio aguarda licitação de SP	Informação das obras de desassoreamento do rio Sorocaba, aguardando trâmites licitatórios do Governo de São Paulo.
17 ago. 2023, p. 6	Apagão impactou quinze cidades da RMS	Informa que “apagão” ocorrido no Brasil prejudicou momentaneamente o abastecimento de água em Sorocaba
17 ago. 2023, p. 5	Córrego do Piratininga tem nova intervenção	Notícia de obras de substituição de travessia sobre o córrego do Jardim Piratininga
18 ago. 2023, p. 4	Cheiro forte incomoda o Vista Bárbara	Denúncia de cheiro de esgoto nas proximidades da ETE do Parque Vista Bárbara. SAAE diz que as altas temperaturas e estiagem potencializam a liberação de odores.
18 ago. 2023, p. 4	Reunião de prefeitos vai definir a “Cetesb Regional”	Matéria sobre a criação de agência para agilizar licenciamento ambiental de empresas. SAAE de Sorocaba disse que a iniciativa conta com o apoio da Prefeitura de Sorocaba
23 ago. 2023, p. 5	SAAE Sorocaba faz manutenção em unidades da Zona Norte	Divulgação de manutenções preventivas do SAAE em Centros de Distribuição da Toyota e Santana
26 ago. 2023, p. 6	Cetesb avisa que vai atuar o SAAE	Irregularidades nos equipamentos da ETE do Itanguá resultaram na emissão de odores, provocando reclamações.
27 ago. 2023, p. 3	Do Leitor: Cetesb anuncia que vai atuar SAAE	Carta de leitor com o seguinte texto: “O cidadão sorocabano que é prejudicado por serviços caros e medíocres não tem direito a

		ressarcimento? ...”.
30 ago. 2023, p. 5	Manutenção da barragem leva a CBA a alterar a liberação de água em Itupararanga	Reportagem sobre a alteração da liberação de água devido a manutenção de barragem. De acordo com a CBA, o “SAAE Sorocaba e a Águas de Votorantim participaram da fase de planejamento desse trabalho...”.
30 ago. 2023, p. 1	CBA começa manutenção na represa	Matéria de capa da reportagem acima

Fonte: dos autores, 2024

Como se verifica pela tabela acima, não somente os casos de despejo de esgoto *in natura* não foram motivo de matéria no jornal *Cruzeiro do Sul* nos meses de julho e agosto de 2023, como, ainda, as reportagens em que o SAAE aparece comumente são voltadas a mostrar um trabalho eficiente e que merece até prêmio nacional. Uma das únicas reportagens que alude a uma autuação do SAAE pela Cetesb refere-se apenas a emissão de odores por irregularidades no funcionamento dos equipamentos da Estação de Tratamento de Esgoto.

Em outra matéria referente a odores de esgoto, o SAAE atribuiu o fato ao clima de estiagem que teria potencializado a emissão desse mau cheiro pelo bairro próximo à Estação de Tratamento de Esgoto (ETE). Quanto à manifestação de um leitor sobre os serviços “caros e medíocres” do SAAE, não houve repercussão. Além disso, a publicação foi feita na coluna Do Leitor, em letras miúdas, juntamente com manifestações diversas sobre outros assuntos, contribuindo para a invisibilidade do texto.

Considerações Finais

A proposta teórica da necropolítica, quando aplicada para as questões ambientais locais, nos dá uma mostra do descaso com o presente. O projeto político destruidor de crescer sem desenvolver compromete, diretamente, a vida cotidiana. Buscando o sentido mais simples de pro-jetar como atirar(-se)

à distância; arremessar(-se), lançar(-se), parece certo afirmar que a política atual sorocabana está se lançando para futuras dificuldades ambientais.

Deliberadamente, destruir o rio em nome de um progresso questionável para os padrões atuais da vida no planeta e que representa interesses do capital tradicional e do lucro imediato, mas não a qualquer custo, uma vez que esse custo é pago pela população, é confirmar que o povo é um ator secundário, nesse projeto de cidade que deveria ser coletivo e no qual os representantes eleitos legislassem pela manutenção da vida no município, uma vez que a administração dos recursos naturais e da ecologia é realizada de maneira que exerce influência sobre uma variedade de grupos sociais e comunidades. Este processo frequentemente se caracteriza por cooptar a população como um agente secundário em um empreendimento delineado e dirigido pelas classes privilegiadas para elas mesmas, conforme destacado anteriormente por Boff (2015, p. 2). Neste contexto, a elite desempenha um papel preponderante, enquanto a população é relegada a uma posição subordinada em relação a ela.

Essa prática contraria a Jürgen Habermas (2023) quando conceitua esfera pública (*Öffentlichkeit*, em alemão) como um sistema de sensores sensíveis a toda sociedade que, ao perceber os problemas sociais, não pode apenas se limitar a identificá-los, é preciso problematizá-las e discuti-las a ponto de serem assumidos e elaborados pelo complexo parlamentar, pois em um contexto permeado por informação e desinformação é fundamental, sob um imperativo constitucional, preservar uma infraestrutura midiática que fomente a inclusividade da esfera pública e promova um processo deliberativo na formação da opinião e da vontade coletiva. Habermas (2023, p. 79) vai afirmar que:

Um sistema democrático como um todo é prejudicado quando a infraestrutura da esfera pública não puder mais chamar a atenção dos cidadãos para as questões relevantes que exigem a tomada de decisão e não for mais capaz de garantir a formação de opiniões

públicas concorrentes, ou seja, opiniões qualitativamente filtradas. Certamente, se tivermos em mente os complexos pré-requisitos para a existência de democracias capitalistas inerentemente propensas à crises, é óbvio que uma perda de função da esfera pública política pode ter razões mais profundas. Mas isso não nos dispensa de procurar por razões mais óbvias.

Entretanto, neste tema da participação popular nas decisões dos representantes na esfera pública, os números são ínfimos. Nas pesquisas desenvolvidas por Soares (2019, p. 90) acerca da participação cidadã nas audiências públicas em Sorocaba, vemos que no ano de 2018, na Câmara Municipal de Sorocaba, foram realizadas 44 audiências públicas, envolvendo um total de 1.783 participantes, com uma média de 40,5 pessoas por evento, sendo as áreas mais debatidas: saúde pública e economia, finanças, orçamento e parcerias, enquanto temas como agricultura, abastecimento e nutrição, e segurança Pública não foram objeto de discussão em nenhuma audiência. Destaca-se a iniciativa da Vereadora Iara Bernardi (*PT*), que liderou 11 eventos ao longo do ano, inclusive a audiência pública com maior presença em 11 de setembro de 2018, com 125 participantes, discutindo problemas na educação municipal. Por outro lado, algumas audiências tiveram uma presença mínima, mobilizando apenas 9 pessoas cada. Esses dados refletem tanto as iniciativas dos vereadores quanto o interesse da população em participar de debates públicos sobre questões locais. Sobressai, entretanto, a informação do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), apresentado por Soares (2019, p. 14) de que o número de eleitores na cidade soma 458.457 pessoas e o auditório da Casa de Leis comporta 170 participantes.

Concluem os estudos de Soares (2019) que os setores competentes do Legislativo Sorocabano, responsáveis pela divulgação das audiências públicas e outras formas de participação popular nessa Casa de Leis é feito de maneira apropriada pelos canais de TV, rádio, redes sociais digitais, jornais e ainda, canais educacionais como, por exemplo, a Escola do Legislativo para os ensinos fundamental e médio.

Analisando os dados oferecidos anteriormente da participação da mídia local e os dados da comunicação do Legislativo, podemos inferir que a pouca participação cidadã nas decisões de seus representantes eleitos também é influenciada pela mídia local conservadora que, ao apoiar incondicionalmente as decisões do Executivo e do Legislativo conservador em suas páginas, rádio, *site* e redes sociais, está a indicar que tudo na cidade acontece de maneira perfeita e dentro das leis e qualquer crítica às decisões é infundada e são apenas vozes dissonantes.

Estamos diante de uma “batalha informativa e interpretativa” na qual a verba pública é destinada a divulgar os trabalhos, eventos e atividades pelo setor de comunicação do Legislativo e o Executivo e as mídias locais conservadoras a dar “a sua versão” ou a sua interpretação dos fatos. Parece acertado dizer que, de 2018 até este momento em 2024, a mídia local conservadora tem deixado de lado o seu papel enquanto veículo de comunicação e informação para se converter em um veículo de propaganda governamental.

Referências

BOFF, Leonardo. Em busca de um conceito de povo: de ator secundário a protagonista. **O Tempo**, Belo Horizonte, p. 1-5, 6 fev. 2014. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/opiniaio/leonardo-boff/em-busca-de-um-conceito-de-povo-de-ator-secundario-a-protagonista-1.989503>. Acesso em: 23 jun. 2024.

BRASIL. **Ministério da Saúde**. Assuntos. Covid-19. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/covid-19>. Acesso em: 16 dez. 2024.

CÓDIGO DE POSTURAS DA CIDADE DE SOROCABA, 1852. **Acervo ALESP**. Disponível em: https://www.al.sp.gov.br/repositorioAH/Acervo/Alesp/Imperio/Falp_275/CP5_2_016.pdf. Acesso em: 10 mar. 2024.

FESTINER, L. **A Theory of Cognitive Dissonance**. Stanford University Press, 1957.

FINEIS, José Carlos. Funcionários do Saae denunciam drenos clandestinos de esgoto por toda a cidade. **Porque**. Sorocaba e região. Publicado em 31 jul. 2023. Disponível em: <https://www.portalporque.com.br/sorocaba-regiao/funcionarios-do-saae-denunciam-drenos-clandestinos-de-esgoto-por-toda-a-cidade/>. Acesso em: 27 mai. 2024.

GOMES, F. C. F. **Propriedade, meio ambiente e Michel Foucault: limitações socioambientais como dispositivos de ecogovernamentalidade**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Ouro Preto. Núcleo de Pesquisas e Pós-Graduação em Recursos Hídricos. Mestrado Profissional em Sustentabilidade Socioeconômica Ambiental, 2015. Disponível em: <http://www.repositorio.ufop.br/jspui/handle/123456789/5061>. Acesso em: 07 jun. 2024.

HABERMAS, J. **Uma nova mudança estrutural da esfera pública e a política deliberativa**. Tradução: Denilson Luís Werle. São Paulo: Editora Unesp, 2023.

ISTOÉ. Frases de Bolsonaro, o candidato que despreza as minorias. **Istoé**, 24 de setembro de 2018. Disponível em <https://istoe.com.br/frases-de-bolsonaro-o-candidato-que-despreza-as-minorias/>. Acesso em: 25 mai. 2024.

JORNAL CRUZEIRO DO SUL. Cruzeiro do Sul tem novo Editor-Chefe a partir deste domingo. **Jornal Cruzeiro do Sul**, 22 de abril de 2018. Disponível em: <https://www2.jornalcruzeiro.com.br/materia/879868/cruzeiro-do-sul-tem-novo-editor-chefe-a-partir-deste-domingo>. Acesso em: 25 mai. 2024.

JORNAL CRUZEIRO DO SUL. Qualidade da água do rio Sorocaba cai para ruim, indica Cetesb. **Jornal Cruzeiro do Sul**, 23 de março de 2022. Disponível em: <https://www.jornalcruzeiro.com.br/sorocaba/noticias/2022/03/690635-qualidade-da-agua-do-rio-sorocaba-cai-para-ruim-indica-cetesb.html>. Acesso em: 27 mai. 2024.

MBEMBE, A. **Necropolítica**. Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. São Paulo: n-1Edições, 2020.

MBEMBE, A. Necropolítica. **Revista Arte & Ensaios** n. 32, dezembro 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993>. Acesso em: 8 jun. 2024.

ODEDAQUESTÃO. Após divergência entre jornalistas e diretoria do Cruzeiro do Sul sobre o teor do noticiário da greve geral, diretor (que também é promotor público) lidera censura ao noticiário e coloca em dúvida este momento da história de 115 anos do jornal. **Odedaquestão**, 02 de maio de 2017. Disponível em: <https://odedaquestao.com.br/apos-divergencia-entre-jornalistas-e-diretoria-do-cruzeiro-do-sul-sobre-o-teor-do-noticiario-da-greve-geral-diretor-que-tambem-e-promotor-publico-lidera-censura-ao-noticiario-e-coloca-em-duvida-est/>. Acesso em: 25 mai. 2024.

PODER 360. Veja vídeos e fotos do ato de Bolsonaro com milhares na Paulista. **Poder 360**, 25 de fevereiro de 2024. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/brasil/veja-videos-e-fotos-do-ato-de-bolsonaro-com-milhares-na-paulista/>. Acesso em: 10 jun. 2024.

PORTAL PORQUE. **Quem somos**. Disponível em: <https://www.portalporque.com.br/sobre/>. Acesso em: 27 mai. 2024.

SECCO, L. Fascismo no Brasil: o Bolsonarismo. In RODRIGUES, Julian., FERREIRA, Fernando Sarti (Orgs). **Fascismo ontem e hoje**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo: Maria Antônia, 2021.

SANTOS, Milton. **A natureza do Espaço**. Espaço tempo razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

SILVA, P. C. Brasil e o último suspiro do capitalismo tradicional – a força da boniteza no território vivido. **Transregiones** - Revista de Estudios Sociales y Culturales, año 2, nº. 4, julio-diciembre 2022. Disponível em: <https://revistatransregiones.com/web/index.php/tr/article/view/48/36>. Acesso em: 07 jun. 2024.

SOARES, F. B. **Audiências públicas na Câmara Municipal de Sorocaba**: uma análise comunicacional. Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da Uniso, 2019. 130 f. Disponível em: <https://uniso.br/mestrado-doutorado/comunicacao-e-cultura/dissertacoes/2019/fernanda-brugnerotto-soares.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2024.

TEIXEIRA, Carmen Fontes. Análise estratégica da atuação do governo federal brasileiro na pandemia de Covid-19: 2020-2021. **Ciência & Saúde Coletiva**. v. 28, n 5, maio 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/9NCRSRDmrctK5GhPjybtgxb/>. Acesso em: 16 dez. 2024.

TEIXEIRA DA SILVA, F. C.; SCHURSTER, Karl. Un domingo que sacudió la Democracia: el Golpe de Estado en Brasil. **Anuario em Relaciones Internacionales**. Disponível em:

<https://www.iri.edu.ar/index.php/2023/09/15/un-domingo-que-sacudio-la-democracia-el-golpe-de-estado-en-brasil-por-francisco-carlos-teixeira-da-silva-y-karl-schurster/>. Acesso em: 16 dez. 2024.

UOL. Apoiadoras de Bolsonaro em manifestação: “Somos cristãs como Israel”. **UOL (Canal no YouTube)**, 25 de fev. de 2024. Disponível em: https://youtu.be/XJBxOKSS7vE?si=DDC_JJDYbM4vC_c5. Acesso em: 2 jun. 2024.

VIEIRA, Rogich. **Sorocaba não esperou o 13 de Maio**. Sorocaba: FUA, 1988.

O GLOBO E O GOLPISMO ATÁVICO: ANÁLISE DO DISCURSO SOBRE GOLPES POLÍTICOS NA CAPA DO JORNAL¹

O GLOBO AND THE ATAVISTIC COUP: AN ANALYSIS OF THE DISCOURSE ON POLITICAL COUPS ON THE COVER OF THIS NEWSPAPER

Luciano S. R. DIAS²
Universidade Federal Fluminense | Brasil

Resumo

O presente artigo analisa o discurso jornalístico no suporte primeira página de O Globo. Parte de três teorias do jornalismo e, orientado pelos conceitos da Análise de Discurso de Pêcheux e Orlandi, refaz o percurso discursivo dos sentidos produzidos pela palavra "golpe" de 1964 a 2023. Nesse trajeto, pela bússola da memória, da história e da linguagem, são revistas a disputa de fontes por espaço no discurso jornalístico. Observando o deslizamento dos sentidos da expressão "golpe" em condições de produção diversas, tentamos mostrar que a não presença de ideologia no discurso do (sujeito) jornal é uma ilusão desse no campo jornalístico.

Palavras-chave

Discurso jornalístico, Análise de Discurso, Teorias do jornalismo, Ideologia, Memória.

Abstract

This article analyzes the discourse of journalism on the front page of O Globo. It starts from three theories of journalism and, guided by the concepts of Discourse Analysis by Pêcheux and Orlandi, retraces the discursive path of the meanings produced by the word "coup" from 1964 to 2023. In this journey, through the compass of memory, history and the language, we review the dispute between sources for space in journalistic discourse. By observing the sliding of the meanings of the expression "coup" in different conditions of production, we try to show that the non-presence of ideology in the discourse of the newspaper (subject) is an illusion in the journalistic field.

Keywords

Journalistic discourse, Discourse Analysis, Theories of journalism, Ideology, Memory.

RECEBIDO EM 01 DE OUTUBRO DE 2024
ACEITO EM 26 DE DEZEMBRO DE 2024

¹ Artigo sobre o mesmo tema e objeto foi apresentado no Alaic Nacional 2024

² Mestre e doutorando do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano da Universidade Federal Fluminense (PPGMC-UFF). Graduado em jornalismo e cinema pela UFF.

Introdução

As teorias do jornalismo estruturalista e interacionista sublinham, em grau maior ou menor, o poder de fontes em influenciar na construção da notícia. Cultura e ideologia são conceitos aplicados por Nelson Traquina (2005) para colocar as duas teorias em oposição à visão instrumentalista da notícia. A maneira com essas teorias “micro e macro-sociológicas” veem o enquadramento dos acontecimentos por meio de seleção, exclusão e acentuação como um processo de reconstrução da realidade na produção de notícias também é ressaltada pelo autor estadunidense. No trabalho de delimitar as ideias dos estruturalistas e dos interacionistas, Traquina as põem em linha com a pesquisa de Warren Breed (1955), identificado-as, em parte, com a teoria organizacional, e apontando o processo de sujeição, por “osmose”, dos novos jornalistas às regras definidas pelo jornal como perspectiva comum às três³.

Esses traços das três teorias pincelados servem para aproximá-las da pesquisa do autor deste artigo que, se debruçando sobre o método e a teoria da Análise de Discurso (doravante AD) de linha francesa, tenta compreender os dizeres jornalísticos para além da transparência da linguagem do discurso. O recorte espacial do estudo é o principal espaço de notícia do jornal: a primeira página impressa. Ao apontar agentes internos e externos como construtores de notícias, seja pela força que possuem ou por “osmose”, essas três teorias abrem espaço para incluir a ideia de ideologia no processo. As reflexões de Adelmo Genro Filho (1987) ao pensar teorias do jornalismo pelo prisma marxista auxiliam na pavimentação do caminho percorrido por este artigo. Em “O segredo da

³ Traquina (2005, p. 173), porém, afirma que teorias estruturalista e a interacionista são transorganizacionais pois defendem a perspectiva de que o jornalista iniciante “se integra por um processo de osmose não só numa organização, mas numa comunidade profissional”.

pirâmide”, o autor enxerga a ideologia e o político agindo na construção da notícia, sem deixar de reconhecer uma certa independência do jornalismo.

Embora o jornalismo expresse e reproduza a visão burguesa do mundo, ele possui características próprias enquanto forma de conhecimento social e ultrapassa, por sua potencialidade histórica concretamente colocada, a mera funcionalidade ao sistema capitalista (Genro Filho, 1987, p. 47).

A ideologia da qual Genro Filho se baseia difere, porém, das reflexões de Louis Althusser sobre o conceito. Na releitura do marxismo, o filósofo franco-argelino trabalha com as ideias de produtividade e materialidade na conceitualização de ideologia, essenciais na estruturação da Análise do Discurso feita por Michel Pêcheux. Assim, ao pensar o discurso como uma forma material da ideologia, que, ao mesmo tempo, interpela o sujeito (linguístico) e os constitui, Althusser prepara o terreno para Pêcheux construir uma das bases da AD.

A teoria e os métodos da AD e a série de conceitos desenvolvidos por Pêcheux foram usados por Dias (2021) em estudo das primeiras páginas de O Globo do dia 1º de abril, edição seguinte à efeméride do 31 de março, data oficial do golpe civil e militar de 1964, entre 1964 e 2019. A proposta é ampliar o olhar no tempo com análise do processo que resultou na queda de Dilma Rousseff, o governo de Jair Bolsonaro e o 08 de janeiro de 2023, data da invasão das sedes dos Três Poderes.

Esses fatos mais recentes são capítulos da história da República brasileira, coalhada de rupturas no processo político. O registro de golpes começa já na queda do Império para instalação da Primeira República, em 1889, e continua nas primeiras décadas deste século. As constantes quebras de regras constitucionais alimentam a hipótese da existência de um “golpismo atávico” (Napolitano e Ribeiro, 2017) no Brasil. “Utopias

O GLOBO E O GOLPISMO ATÁVICO: ANÁLISE DO DISCURSO SOBRE GOLPES POLÍTICOS NA CAPA DO JORNAL

autoritárias” e “valores elitistas” e antidemocráticos são, segundo esses autores, elementos na composição do combustível usado por golpistas para ultrapassar os limites definidos pela Constituição. Na materialidade histórica da linguagem, a série de rupturas políticas também provoca abalos, deslizamentos de sentidos, seja pelo silenciamento ou pela substituição contextual. O sentido de golpe (e tentativa de) dado aos três acontecimentos – Golpe de 1964, Impeachment de 2016 e 08 de Janeiro de 2023 – no discurso sobre “golpismo atávico” (o discurso da Ciência Política) sofre deslizamento com uso de outras palavras. Na lista de Napolitano e Ribeiro, expressões como “proclamação”, “intentona”, “revolta”, “impeachment” e “revolução” surgem em disputa narrativa em discursos materializados nas capas do jornal.

Percurso metodológico

Os três acontecimentos da história política brasileira (Golpe de 1964, Impeachment da Presidenta Dilma Rousseff e 08.01.2022) recortam e constroem o percurso narrativo deste artigo cujo objetivo é, a partir das análises do discurso do jornal, verificar como esses discursos, atravessados por memória (discursiva) de golpes, se constituem e produzem sentido no deslocamento do sujeito (jornal), interpelado por ideologia, em dada temporalidade-espaco-social.

Nesse sentido, acompanhar a presença, o silenciamento e as substituições da palavra “golpe” no recorte entre as edições de abril de 1964 e janeiro de 2023 é parte do desenho metodológico deste artigo. O contorno ganha materialidade no corpus, formado por sequência de dizeres (e não dizeres) nas chamadas de capas do Jornal O Globo, escolhidas estrategicamente a partir de ampla pesquisa no acervo do periódico aberto a

assinantes do jornal⁴. A abordagem qualitativa (na seleção dos textos) e a interpretativa adotada, fundamentada nos princípios teóricos de Michel Pêcheux e nos estudos de Eni Orlandi, busca tornar visível a historicidade do texto e observar a relação de sentidos que aí se estabelece, em função do efeito de unidade do discurso (Orlandi, 2007, p.173).

As teorias e as ideologias

Entre as teorias do jornalismo, duas delas, a estruturalista e a interacionista, se aproximam ao mostrar como o poder de fontes oficiais influencia no processo de construção de notícias (Traquina, 2005). A força de atuação do sujeito outro (fonte) e a intensidade da interferência separaram as duas e as fazem correr por leitões distintos. Enquanto a teoria estruturalista se caracteriza pelo “determinismo excessivo”, ao defender a existência de controle quase total dos “definidores primários” sobre as redações e uma relação unidirecional da fonte para o jornalista, a interacionista reconhece a lógica própria do campo jornalístico e o vê como espaço (e tempo) alvo de estratégia de fontes na tentativa de se impor à agenda jornalística e “fazer passar os seus enquadramentos na luta simbólica em torno do processo de significação” (Traquina, 2005, p. 200).

Respeitando a densidade de cada uma das duas teorias, há uma brecha para afirmar que a disputa em torno do processo de significação é ideológica (e regida por ideologias). Em outras palavras, quanto mais o discurso da fonte for simétrico ideologicamente à política da redação mais facilmente será a interação entre ela e o jornalista. Nesse sentido, as teorias estruturalista e interacionista desaguam na subjetividade dos fatos. Um mar no qual os fatos, como afirma Genro Filho (1987, p. 49), “por pertencerem à dimensão histórico-social, *não são puramente objetivos*” (grifos do autor).

⁴ Acervo O Globo. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/acervo,8555063,66>. Acesso em: 17 dez. 2024.

O GLOBO E O GOLPISMO ATÁVICO: ANÁLISE DO DISCURSO SOBRE GOLPES POLÍTICOS NA CAPA DO JORNAL

Ao ocupar a função (o lugar) do jornalista dentro de um jornal, o profissional será submetido a regras da política da instituição (Breed). Uma política “velada”, definida “como uma orientação mais ou menos consistente mostrada por um jornal, não apenas em seu editorial, mas também em suas colunas de notícias e manchetes, em relação a questões e eventos selecionados” (Breed, 1955, p. 327, tradução nossa)⁵. No estudo seminal de Breed, observa-se que o assujeitamento às regras da redação é feito sutilmente de maneira que, no entender dos jornalistas entrevistados pelo pesquisador, as regras são interiorizadas por “osmose”. O processo de incorporação e aprendizagem de políticas ocorre, segundo o sociólogo estadunidense, diante de condições específicas⁶ que contribuem para o conformismo. A pesquisa de Breed, que serve de base para a teoria organizacional, apresenta o controle social com função dupla. Ao mesmo tempo que cristaliza o aprendizado prevê e pune com a “delicadeza” os possíveis desvios.

As teorias do jornalismo elencadas detectam um controle interno e/ou externo sobre o fazer jornalismo, seja pelo “*publisher*”, por “definidores primários” ou pela “ideologia dominante”. Ou seja, o sujeito do discurso jornalístico (e do discurso do jornal) é interpelado pela ideologia de sujeitos específicos (jornal ou fonte) ou da ideologia (dominante) do Estado. Nesse sentido, a relação entre a ideologia dominante e as diversas ideologias especializadas (das fontes e do jornal) no processo de construção de notícias percebidas por pelo menos uma dessas teorias é um dos pontos principais

⁵ “Policy” may be defined as the more or less consistent orientation shown by a paper, not only in its editorial but in its news columns and headlines as well, concerning selected issues and events.

⁶ 1- autoridade institucional e sanções; 2 - sentimentos de obrigação e estima para com os superiores; 3 - aspirações de mobilidade; 4 - Ausência de grupos de lealdade em conflito (Breed se refere ao sindicato NewsGuild-CWA, que, segundo o autor, por mais que deseje, não interfere em assuntos internos, como política); 5 - O prazer de realizar a atividade; e 6 - a notícia torna-se um valor (Breed, 1955, p. 329-331)

das ideias de Louis Althusser (1980) e seu grupo, pensadas a partir da releitura do marxismo.

O filósofo argelino-francês formulou uma série de ideias sobre a ideologia nas quais Michel Pêcheux aplicou no desenvolvimento de conceitos da Análise de Discurso. Segundo Althusser, o Estado é uma combinação de um aparelho do Estado e de um conjunto de Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE). O primeiro é de caráter repressivo e dominado pela classe que detém o poder do Estado, o lugar da ideologia dominante. O AIE é um conjunto de “instituições distintas e especializadas”, a exemplo da imprensa, da família, das igrejas etc (Althusser, 1980, p. 45). Desse modo, existem a ideologia dominante do aparelho do Estado e as ideologias que são realizadas nos AIE, que são o lugar e o meio da disputa de classes.

A ideologia, para Althusser, tem uma existência material que se manifesta em ato e práticas materiais, em síntese, numa multiplicidade de modos. O sujeito humano descentrado, interpelado pela ideologia é outra ideia central de Althusser que, para construir sua teoria, acessou também conceitos da psicanálise freudo-lacaniana. A noção de imaginário, tomado de empréstimo à psicanálise lacaniana, vai provocar o deslocamento em relação à sua concepção no interior da tradição marxista. Althusser vai dar à ideologia um caráter positivo, comparada a definição “negativa” dada pelo marxismo. Na leitura que faz de *A ideologia alemã*, o autor identifica a concepção de ideologia de Marx como “pura ilusão, puro sonho, isto é, nada” (Althusser, 1980, p. 72). Ideologia para Althusser é tida como construtora daquilo que cada sujeito toma para si enquanto realidade. Em outras palavras, uma realidade produzida pela ideologia no imaginário do sujeito.

A AD

A simetria entre os conceitos da AD e as ideias althusserianas é ampla e perpassa o tripé teórico da própria teoria pecheutiana: a linguística

O GLOBO E O GOLPISMO ATÁVICO: ANÁLISE DO DISCURSO SOBRE GOLPES POLÍTICOS NA CAPA DO JORNAL

(língua), o materialismo histórico (história e ideologia) e a psicanálise (inconsciente). A ideologia como construtora da realidade do sujeito e a descentralização desse sujeito (linguístico), afetado, sem o seu controle, pelo real da língua e da história (Orlandi, 2015, p. 18), são fundamentais para AD e dentro da proposta de aproximar a análise de discurso jornalístico (e do jornal) e as teorias do jornalismo destacadas deste artigo. Ser interpelado pela ideologia e afetado pelo real da língua e pelo real da história, porém, não põem o sujeito subjugado a um “determinismo excessivo”.

Apreender até o seu limite máximo a interpelação ideológica como ritual supõe reconhecer que não há ritual sem falhas; enfraquecimento e brechas, “uma palavra por outra” é a definição da metáfora, mas é também o ponto que o ritual se estilhaça no lapso [...] (Pêcheux, 2014, p.277).

Pêcheux (2014) ao ver a ideologia como um ritual e por isso ter falhas, considera impossível o assujeitamento perfeito. As “quebras de rituais” que rompem “círculos de repetição” podem ser lidas como espaço de resistência dentro do campo (linguístico) jornalístico. São brechas para o sujeito jornalista tentar impor seu discurso ou mesmo ser relevante na construção do discurso jornalístico materializado em suportes dos media. Conceitos da AD sustentam a argumentação:

Condições de produção: As condições de produção, segundo Orlandi (2015), compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação, sendo que em sentido estrito remetem para as condições de enunciação, ou seja, o contexto imediato. “Em sentido amplo, as condições de produção incluem o contexto sócio-histórico, ideológico.” (Orlandi, 2015, p. 28).

Formação Discursiva: A FD se define como aquilo que numa Formação Ideológica (FI) dada determina o que pode ser dito. Segundo Orlandi (2015), as FDs são constituídas pela contradição, são heterogêneas nelas mesmas e suas fronteiras são fluidas, configurando-se e reconfigurando-se continuamente em suas relações. É através das FDs que compreendemos os

diferentes sentidos de uma palavra, como “golpe”. Uma mesma expressão pode ter significados distintos conforme a FD que está inscrita.

Silêncio: Orlandi (2007, p. 81) afirma que há duas formas de silêncio: o fundador, “que pode ser pensado como a respiração da significação, lugar de recuo necessário para que se possa significar” (...) um silêncio que “faz com que o dizer signifique”; e o silenciamento (política de silêncio). Esse se divide em dois: o “silêncio constitutivo, pois uma palavra apaga outras palavras” (se digo “terrorismo” ou “golpismo” não digo “golpe”); e o “silêncio local, que é a censura, aquilo que é ‘proibido dizer em uma certa conjuntura”.

Análise do Discurso das capas do Globo

Teoria e método, para Pêcheux, são inseparáveis, não sendo possível construir um método sem uma teoria. Desse modo, as pesquisas de AD são essencialmente qualitativas-interpretativas. O presente artigo, porém, analisa discursos sobre o golpe em recortes que mapeia a presença do termo “golpe” se referindo ao fato do 31 de março de 1964 nas capas do jornal O Globo entre 1964 e 2023: as edições de 1º de abril de 1964 a 2022; processo oficialmente designado “impeachment” de Dilma Rousseff; o governo de Jair Bolsonaro (2019-2022); e o 8 de janeiro de 2023. Nos três últimos períodos (Dilma Rousseff, Jair Bolsonaro e 08 de janeiro) foram pesquisadas todas as primeiras páginas. Nesse sentido, o corpus do artigo é o percurso da palavra “golpe” - ou o seu silenciamento - no espaço primeira página de O Globo em recortes de tempo marcados por fatos históricos e memórias desses com relevância para ocupar a capa do jornal.

No acervo do jornal, há uma página branca com um texto sobre o motivo da não-edição: “Na noite de 31 de março de 1964, O Globo foi invadido por fuzileiros navais comandados pelo Almirante Cândido Aragão,

O GLOBO E O GOLPISMO ATÁVICO: ANÁLISE DO DISCURSO SOBRE GOLPES POLÍTICOS NA CAPA DO JORNAL

do “dispositivo militar” de Jango, como se dizia na época. O jornal não pôde circular em 1º de abril...” (O Globo, 01 abr. 1964, p. 1) . Na edição do dia 2 de abril, o jornal se posiciona favorável à “revolução” e silencia o termo “golpe” na manchete “Fugiu Goulart e a democracia está sendo restabelecida”, na chamada “Castelo Branco advertira os comandos: As Forças Armadas São Para Defender a Lei e Não a Baderna” e no editorial “Ressurge a democracia”. Os discursos são das mesmas formações discursivas de defesa do golpe, relacionadas à mesma formação ideológica (FI), com o discurso militar em heterogeneidade mostrada na segunda chamada. Ou seja, no discurso do jornal e do militar, nota-se a mesma “visão de mundo de uma determinada classe social, isto é, um conjunto de representações, de ideias que revelam a compreensão que uma dada classe tem do mundo” (Fiorin, 2011, p. 22).

A análise de Dias (2021) considera que a harmonia entre o discurso do sujeito jornal e do sujeito militar ocorre em conjuntura política cravada pelo maniqueísmo da Guerra Fria. Estados Unidos e União Soviética, duas potências nucleares e econômicas, dividiram o planeta entre capitalismo e comunismo. A ideologia das Forças Armadas materializada no discurso militar na capa do jornal reproduz a tensão entre os dois blocos.

O silêncio na primeira página se manteve mesmo após o fim da ditadura. A efeméride do aniversário do golpe, constante durante o regime militar, foi suprimida da capa de 1º de abril entre 1985 e 1995. Durante esse hiato, os sujeitos dos discursos em defesa do golpe militar foram se posicionando diante de uma nova conjuntura sócio-histórica dada após o fim do quinto governo militar. A presença da palavra “revolução” foi filtrada, em conjuntura representada pelo governo de Fernando Henrique Cardoso, em uma FI democrática e liberal. O termo “golpe” não ocupou espaço na principal página do jornal em edições seguintes à efemeridade. Naquele momento pós regime militar, O Globo preferiu expressões com sentido superficialmente “imparcial”, na mesma FI do governo. Em 1995,

um número fez o sentido do 31 de março deslizar do efeito “positivo” de “revolução” para o “neutro”: “**Militares** não comemoram **1964** em atenção a FH (página 3)” (O Globo, 1º abr. 1995, p. 1, grifo nosso).

Somente em 2004, pela primeira vez após 1964, a capa do jornal da edição de em edição de 1º de abril traz o termo “golpe” dando sentido de ato inconstitucional ao fato ocorrido em 31 de março de 1964. O eco das quatro décadas de silêncio é parte do dizer do discurso do sujeito jornal legitimando o discurso do sujeito militar (Dias, 2021). A ressalva do silêncio local (Orlandi, 2007), provocado pela imposição de uma censura, a princípio, pode criar a ilusão de que o discurso, durante os 21 anos de ditadura, é formulado apenas pelo sujeito militar, com o *definidor primário*, na perspectiva da teoria estruturalista. O silêncio constitutivo de dizer a palavra “revolução”, “1964” ou “movimento” e apagar a expressão “golpe” ou silenciá-la não materializando discurso com a versão reconhecida pelo discurso da História⁷ retira parte do peso da ditadura como sujeito *definidor primário*.

O termo “golpe”, em 2004, surge na capa do jornal com sentido histórico em decorrência de fatores, a começar pelo trabalho jornalístico sobre um fato externo determinante na deposição de Goulart, o apoio dos Estados Unidos à ação dos militares. O discurso do sujeito jornalista, revelando a falha no assujeitamento, ocorre, porém, em condições de produção distintas na história do país. O Estado, no primeiro governo do presidente Luís Inácio Lula da Silva, estava sob nova conjuntura política e econômica, além do fato do golpe estar completando 40 anos.

Golpe de 64: Casa Branca ofereceu ajuda por telefone – **Documento** obtido pelo Globo mostra que no dia do **golpe militar de 1964** o presidente Lyndon Johnson, dos Estados Unidos, ouviu um relato por telefone sobre a **movimentação**

⁷ Em 1985, foi publicada em livro e relatório a pesquisa “Brasil: nunca mais”, a mais ampla já realizada pela sociedade civil sobre a tortura política no país durante a ditadura militar. <https://bnmdigital.mpf.mp.br/pt-br/>

O GLOBO E O GOLPISMO ATÁVICO: ANÁLISE DO DISCURSO SOBRE GOLPES POLÍTICOS NA CAPA DO JORNAL

dos militares brasileiros e quis saber quantos governadores estavam aderindo. “Devemos estar preparados para qualquer coisa que precisamos fazer [...] Não podemos aceitar isto (a derrota **da revolução**)”, concluiu Johnson. [...] O **presidente Lula** disse ontem que considera o golpe de 64 uma etapa encerrada e que seu desafio é consolidar a **democracia**. (O Globo, 1º abr. 2014, p. 1, grifos nossos).

Em 2006, a tensão entre dois discursos, favorável e contrário ao 31 de março, traz para manchete o aniversário do fato histórico, pela primeira vez desde 1984: “**Comandante exalta golpe de 1964 e ministro reage: “Equívocos fazem parte da História”, diz Pires, novo titular da Defesa**” (O Globo, 2006, p. 01, grifos meus). O choque ideológico entre o discurso militar e o discurso do governo é colocado aparentemente de forma equilibrada na tentativa do (discurso do) jornal se pôr de forma “isenta”. O discurso do jornal abre espaço para o dizer militar e o dizer do governo, esse um *definidor primário*, de FI de esquerda, e põe, atravessado pela (própria) memória, o discurso militar como notícia e o discurso do governo como reação. A formulação do dizer também está em confluência com a memória revista e reconstruída no discurso da História ao usar “golpe de 1964” para definir o quê “o comandante exalta”.

Na década seguinte⁸, dois eventos provocam o ressurgimento da palavra *golpe* na capa de O Globo associada ao 31 de março de 1964. A efeméride das cinco décadas da derrubada de Goulart é o tema da série de reportagens com o selo “50 ANOS DO GOLPE”: publicada em 16, 22, 23, 24, 26, 30 de março e primeiro, 2 e 3 de abril⁹ de 2014. Seis meses antes do cinquentenário do golpe e três meses após os protestos de

⁸ Anteriormente, em 1º de abril de 2011, o discurso sobre o golpe fica restrito à ironia da charge de Chico Caruso menciona o fato histórico de 31 de março de 1964 e ressuscita a palavra “revolução”: “Em comemoração à revolução de 64, uma pausa nas pilhérias: o chargista saiu de férias”. A ambiguidade da ironia será discutida mais à frente.

⁹ A expressão está também em duas outras primeiras páginas, não como marca editorial, mas diluída no texto, nos dias 17 e 26 de abril de 2014. (Dias, 2021, p. 217).

Junho de 2013¹⁰, o *Projeto Memória*, lançado em primeiro de setembro de 2013 com três destaques em chamada no alto da primeira página, materializa o deslocamento do (sujeito) jornal para a posição “crítica” já ocupada pelo discurso da História. Um deles trata do apoio do jornal ao golpe e aos governantes militares: “ERROS – Apoio editorial ao golpe foi um equívoco: À luz da História, as Organizações Globo concluíram que foi um erro aquele apoio”.

Em 2016, com processo para destituir Dilma Rousseff da Presidência, a palavra “golpe” ganha novo sentido em disputa pela discursividade. Entre novembro de 2015 e setembro de 2016¹¹, o termo passa a ser usado em oposição à “impeachment”, um como sentido de legalidade (impeachment) e outro de ilegalidade (golpe) do processo que resultou na queda de Dilma e na posse do vice-presidente, Michel Temer. A nova conjuntura e o descolamento dos sujeitos nesse novo cenário, de crise econômica e política, o termo “golpe”, usado pelo governo para desqualificar o processo contra Dilma Rousseff, emerge na capa com o mesmo efeito de sentido de ilegalidade dado ao fato histórico de 31 de março de 1964. Se a censura, imposta pelo governo militar, legitimou o silenciamento do termo durante 21 anos na primeira página e deu ares de local ao silêncio que também era constitutivo, a posição de *definidor primário* do sujeito governo (fonte) em 2016, cujo discurso tenta desqualificar o processo reconhecido pela oposição e pelo Supremo Tribunal Federal (STF) como legal, mesmo sendo interpelado por ideologia

¹⁰ Junho de 2013 foi marcado por uma série de protestos envolvendo milhares de pessoas nas principais cidades do país. As manifestações começaram por causa de aumento de passagens do transporte público, ganharam espaço nas ruas e nas redes sociais e foram tomados por pautas difusas, permeadas pelo sentimento antiestablishment.

¹¹ O processo começou em 2 de dezembro de 2015, quando o presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha, acolheu um dos pedidos de impeachment contra Dilma Rousseff, e terminou dia 31 de agosto de 2016, com o Senado Federal aprovando o pedido de impeachment e afastando definitivamente a presidente do cargo. A pesquisa se estendeu um mês antes do início e um mês após o fim do processo.

O GLOBO E O GOLPISMO ATÁVICO: ANÁLISE DO DISCURSO SOBRE GOLPES POLÍTICOS NA CAPA DO JORNAL

distinta a do (sujeito) jornal, vai abrir espaço para o dizer “golpe” na capa. O discurso do jornal materializado na primeira página vai visibilizar o discurso de Dilma e de aliados, calcado na ilusão da isenção, sentidos que acredita produzir para o (seu) leitor. Ou como afirma Orlandi (2015, p. 49-50) , se levarmos em conta a ideologia na produção de sentidos, apreendemos que a ilusão “está na base do estatuto primitivo da literalidade” e que o sentido “é produto histórico, efeito de discurso que sofre as determinações dos modos de assujeitamento das diferentes formas-sujeito na sua historicidade e em relação às diferentes formas de poder.”

Então, sob a ótica da AD, o sentido de ilegalidade que a expressão “golpe” dá ao processo é, no discurso impresso na primeira página (suporte) (ver Figura 1), deslizado para a própria ideia de “impeachment” ser ilegal. O discurso de ironia, que usa ambiguidade como estratégia (Benetti, 2007), é uma das formas de desidratar a tese de golpe. A figura de linguagem está em legenda de charge de Chico Caruso¹² e nas chamadas editoriais¹³ e das colunas de Zuenir Ventura¹⁴ e Artur Xexéo¹⁵. Discurso feito diretamente para leitor, na condição de sujeito simétrico ao jornal, condição para o efeito de sentido acontecer.

O sentido (da expressão irônica) não reside “na palavra”, e sim é construído na ação dos sujeitos que participam da práxis discursiva. A formação dos sentidos depende, portanto, do que constitui esses sujeitos em termos de imaginário, ideologia, posicionamento e inscrição histórica, cultural e social. [...] Estamos imersos em uma ilusão de literalidade, e o jornalismo é um dos campos em que a linguagem mais exerce essa ilusão. (Benetti, 2007, p, 40).

¹² “Não vai ter golpe!”; “Então vai ter o quê?” ; “E eu sei?” (O Globo, 01 abr. 2016, p. 01)

¹³ “As duas faces de Dilma em NY” (O Globo, 23 abr. 2016, p. 01); “Ela (Dilma) só fala no impeachment (O Globo, 02 abr. 2016, p. 01). Em ambos os casos, a palavra “golpe” surge no texto da chamada.

¹⁴ “Só aqui golpe tem acordão” (O Globo, 01 set. 2016, p. 01)

¹⁵ “A democracia, o tal golpe e os artistas” (O Globo, 01 abr. 2016, p. 01)

Luciano S. R. DIAS

Figura 01: O Globo, 1º abr. 2016



Fonte: Acervo de O Globo.

A próxima vez que a palavra-objeto ressurgiu na capa do jornal no dia 1º de abril é em 2019, no governo de Jair Bolsonaro. A chamada de pé de página destaca discurso favorável ao golpe militar compartilhado por canal de comunicação da presidência com a imprensa: “Planalto divulga vídeo que exalta Golpe de 1964”¹⁶. Durante os quatro anos da era Bolsonaro, além dessa primeira citação, outras 22 capas trazem “golpe” em chamadas relacionadas à política nas primeiras páginas de O Globo. Em 12 delas, a palavra aparece em chamada de coluna. Em duas edições, “golpe” está exclusivamente em discurso de humor: em charge de Chico Caruso¹⁷ e na chamada da coluna “Sensacionalista”¹⁸. Duas

¹⁶ Planalto divulga vídeo que exalta **Golpe de 1964 - No aniversário** do Golpe de 1964, o **Palácio do Planalto** compartilhou ontem um vídeo segundo o qual o **Exército, naquela ocasião, “salvou” o Brasil**. O material foi encaminhado a **jornalistas**, via aplicativo de celular, por um telefone da **Secretaria de Comunicação da Presidência**. (O Globo, 01. abr. 2019, p. 1, grifos nossos).

¹⁷ Charge do Chico Caruso mostra 14 “Bolsonaros” marchando de terno e gravata azuis e camisa branca, com a legenda: “Entreouvados na marcha dos acontecimentos. *Pode ser golpe de vista, mas esse exército é golpista!*” (O Globo, 28 maio 2021, p. 01, grifo do autor).

¹⁸ SERVIÇO PATRIÓTICO: O que abre e o que fecha no golpe de 7 de setembro (O Globo, 29 ago. 2021, p. 01)

O GLOBO E O GOLPISMO ATÁVICO: ANÁLISE DO DISCURSO SOBRE GOLPES POLÍTICOS NA CAPA DO JORNAL

edições de 1º abril, além da capa de 2019, trouxeram “golpe” na primeira página: 2021¹⁹ e 2022²⁰.

No período do governo de Bolsonaro, o deslocamento do sujeito jornal ocorre em compasso com nova conjuntura política-econômica, iniciada pela mudança no comando do Executivo com a posse do vice-presidente Michel Temer, político filiado ao PMDB, partido de direita (Scheeffer, 2018) e por medidas liberais na área econômica. A mudança de posições continua com o próprio deslocamento do sujeito militar, que volta a assumir a posição de governo e vai trazer para si o discurso da liberdade de expressão para legitimar tanto o 31 de março de 1964 quanto o novo regime comandado, no Executivo, por dois militares da reserva: o presidente Jair Bolsonaro e o vice Hamilton Mourão, com patentes de capitão e general, respectivamente. Um lugar entre a tensão do golpe de 1964 e o “não golpe” de 2016, o primeiro como memória materializada em discurso da História, sendo atacada para ser revista, e o segundo ainda em disputa (“golpe” x “impeachment”). Essa resgata simbolicamente para o presente uma posição do jornal nos anos 1960, 1970 e 1980 revista oficialmente pelo jornal em 2013.

Entre as 22 citações, 15 sugerem, de alguma forma, a construção de um golpe, sentido materializado em títulos e frases, a exemplo de: “Míriam Leitão: Que democracia permite ao governo celebrar um golpe militar?” (O Globo, 01 abr. 2021, p. 1); Chico Caruso: “Pode ser golpe de vista, mas esse exército é golpista!” (O Globo, 28 maio 2021, p. 1); “Merval Pereira: Assombração esquerdista não justifica golpe” (O Globo, 06 jun. 2021, p. 1); “A chance de o gesto dos chefes militares ser lido como risco de golpe, respondeu: “Homem armado não ameaça. Não vamos ficar aqui ameaçando²¹” (O Globo, 09 jul. 2021, p.1); “SERVIÇO

¹⁹ Que democracia permite ao governo celebrar um golpe militar?”(O Globo, 01 abr. 2021, p. 01), da coluna de Míriam Leitão.

²⁰ MPF pede remoção de nota com elogios ao Golpe de 64”(O Globo, 01 abr. 2021, p. 01)

²¹ O autor da frase é o então comandante da Aeronáutica, Carlos Alberto Baptista Jr.

PATRIÓTICO: O que abre e o que fecha no golpe de 7 de setembro” (O Globo, 29 ago. 2021, p.1); “Malu Gaspar: Campanha está com um olho na urna e outro no golpe” (O Globo, 27 out. 2022, p. 1).

Nesse mesmo sentido, Dias e Mendes (2021) defendem que a construção do “golpe” dentro do governo Bolsonaro começou antes pelas redes e foi oficialmente anunciado na “memoração” do ato de 1964, em 2019, mais especificamente no vídeo divulgado por perfil do Planalto²².

‘O Exército nos salvou. O Exército nos salvou.’ A frase repetida duas vezes em tom enfático tem a função de solidificar a mensagem de que o Exército foi heroico. ‘Não há como negar’. E amarra a ideia central com uma mensagem que se antecipa a opiniões contrárias: ‘E tudo isso aconteceu num dia normal como o de hoje, um 31 de março. Não dá para mudar a história’. O discurso volta a costurar a história vivida no cotidiano, por meio do depoimento de quem a testemunhou, à História concreta (ciência). E cola o 31 de março do passado com o vivido 55 anos depois, no governo Bolsonaro (Mendes e Dias, 2021).

A invasão das sedes dos três poderes em Brasília fez emergir a palavra “golpe” na capa do jornal, sob nova conjuntura política: fim do governo de extrema direita de Bolsonaro e início do terceiro governo de Lula. Período com divisão profunda entre eleitores do PT e antipetistas e bolsonaristas²³, que configura uma nova Guerra Fria, na perspectiva de militares²⁴ (Pinto, 2019) e de parte dos eleitores²⁵. O termo “golpe” está

²² O vídeo divulgado pelo perfil do WhatsApp do Palácio do Planalto está em plataformas digitais. Casa da Democracia. Governo envia vídeo em defesa do golpe de 1964. Youtube, 31 mar. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WhNGEt3CWGM&t=2s>. Acesso em: 23. fev. 2023.

²³ Os números finais das eleições presidenciais de 2022 traduzem a divisão entre eleitores de Lula e de Bolsonaro, com 50,90% e 49,10% dos votos válidos, segundo dados finais do Tribunal Superior Eleitoral. **100% das seções totalizadas**. TSE, 2022. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2022/Outubro/100-das-secoes-totalizadas-confira-como-ficou-o-quadro-eleitoral-apos-o-2o-turno>. Acesso em: 25 fev. 2023

²⁴ No texto de discussão assinado por Eduardo Costa Pinto, professor do Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), ideias do general Sérgio Augusto de Avellar Coutinho, fortemente influenciadas pelos neoconservadores dos EUA e pela “teoria da guerra revolucionária”, influenciaram o presidente Bolsonaro (e o vice Hamilton Mourão), seus ministros ditos ideológicos e núcleo militar. Coutinho em seus

O GLOBO E O GOLPISMO ATÁVICO: ANÁLISE DO DISCURSO SOBRE GOLPES POLÍTICOS NA CAPA DO JORNAL

em chamada de três das sete capas na semana analisada, de 09 a 15 de janeiro. Dos três discursos com o termo “golpe”, um surge na heterogeneidade marcada²⁶ materializada na manchete: “Polícia prende 1.500 e investiga financiadores de ato golpistas; Chefes dos Poderes e governadores endossam intervenção; **'Golpe não vai ter'**, diz Lula” (O Globo, 10 jan. 2023, p.1, grifo nosso). O discurso do (sujeito) governo no mesmo “lugar” de 2016, de alvo, mas em outra conjuntura sócio-histórica dada que o retira do isolamento. De FDs distintas vem o dizer do sujeito jornal materializado em títulos de duas outras edições: na manchete “RASCUNHO DO GOLPE: PF apreende na casa de ex-ministro da Justiça minuta de intervenção no TSE” (O Globo, 13 jan. 2023, p.1), “Lula crê que golpistas tiveram acesso facilitado” (O Globo, 13 jan. 2023, p.1); e na charge de Chico Caruso que mostra homem segurando placa onde está escrito “GOLPE”, identificado como “O ex-ministro da Justiça Anderson Torres”, por legenda dentro da imagem (O Globo, 14 jan. 2023, p.1)

A distinção entre as três chamadas está relacionada ao conceito de repetição histórica de Orlandi (2015), que historiciza o dizer e o sujeito. O repetível faz parte da memória constitutiva do sujeito. A frase de Lula é uma repetição do processo contra Dilma. Em 2016, os apoiadores da chefe do Executivo e políticos do PT usaram a expressão “Não vai ter golpe”. Parte dos chamados “golpistas” e/ou “terroristas” que invadiram a

livros defende que o comunismo não teria acabado com o fim da União Soviética e que os comunistas teriam configurando uma nova forma de Guerra Fria.

²⁵ Pesquisa o IPEC mostra que suposta temor de “ameaça comunista” continua em 2023. IORY, Nicolas e GOMES, Bianca. ‘Ameaça comunista’ ronda 44% dos Brasileiros. O Globo, 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/blogs/pulso/post/2023/03/pesquisa-ipecc-brasil-vive-risco-de-comunismo-com-lula-quase-metade-da-populacao-ve-ameaca-comunista.ghtml>. Acesso em: 19 mar. 2023.

²⁶ Segundo Authier-Revuz (1990) há duas heterogeneidade discursiva mostrada e heterogeneidade constitutiva, sendo a primeira dividida entre heterogeneidade mostrada marcada (ou explícita) e não marcada. Segundo o Dicionário de Análise do Discurso (Charaudeau, Maingueneau, 2020), a “heterogeneidade mostrada” corresponde à presença localizável de um discurso outro no fio do discurso”. Há formas marcadas (explícitas) e não marcadas, assinalada em discurso indireto livre, alusões, ironia, imitação, estereótipo, dentre outros (p. 261).

sede dos Três Poderes, além de ministros do Supremo e de políticos que acompanhavam o presidente no terceiro mandato, foram favoráveis ao processo contra a presidente petista. No discurso, Lula desloca o complemento nominal para o lugar de sujeito da frase e a atualiza retirando a referência ao “Não vai ter Copa” que inspirou o “Não vai ter golpe”. Em 2014, houve Copa e, em 2016, Temer ocupou o posto de Dilma. O “golpe” no discurso do jornal é uma repetição histórica do processo de construção do golpe de 1964, legitimado a ruptura constitucional como um “contrarrevolução” de uma suposta “revolução comunista” iminente²⁷. A memória (interdiscurso) vai ser atualizada em um momento no qual a democracia estava sendo ameaçada justamente por quem ainda se mantinha parcialmente no poder e não queria deixá-lo e que foi dito no “Rascunho do golpe”. A “ameaça à liberdade” da FD agora não é mais “comunista”, mas “fascista”.

O jornal usou dois outros grupos de palavras “terrorismo”, “terroristas” e “terror”; e “golpismo” e “golpistas” em um número maior de páginas: sete e seis, respectivamente. Os dois conjuntos de expressões põem o 8 de Janeiro como um ato ilegal, sem associá-lo à derrubada de Dilma Rousseff ou ao golpe de 1964. “Terrorismo” está ligado a ações com objetivo de “aterrorizar”, objetivamente e principalmente, autoridades que promovem “o terror”, e assim criar atalhos para tomada do poder (Bonanate, 1998, p. 1242).

Em resumo, a prática terrorista adapta-se a uma situação sócio-política particularmente atrasada, na qual é necessário despertar a consciência popular e fazer com que o povo passe do ressentimento passivo à luta ativa através daquele que poderia ser definido como um

²⁷ General Carlos Luiz Guedes, uma das liderança do golpe militar de 1964, lembrou em entrevista à imprensa como ordenou suas tropas: “As 2 horas da tarde, reuni oficiais e praças e declarei que, a partir daquele momento, a guarnição de Belo Horizonte se encontrava em estado, não de rebelião, mas, sim, de contra-revolução, pois o que se processava no Brasil era uma autêntica revolução”. (O Globo, 09 abr. 1964, p. 06)

O GLOBO E O GOLPISMO ATÁVICO: ANÁLISE DO DISCURSO SOBRE GOLPES POLÍTICOS NA CAPA DO JORNAL

verdadeiro atalho no processo do crescimento revolucionário (Bonanate, 1998, p.1242 e 1243).

O termo também foi utilizado pelos presidentes-generais e pelo jornal durante o regime militar (1964-1985) para caracterizar a luta armada contra ditadura instalada no país. Na edição de 24 de julho de 1971, O Globo destaca entrevista com estudante preso por “atividade subversivas” com o título “Ex-terrorista: Se eu pudesse passaria uma borracha no passado” (O Globo, 24 jul. 1971, p. 05).

No caso do “golpismo”, o silenciamento pode ser verificado no léxico da palavra, sem perdas à análise de discurso proposta neste artigo. Apesar de ter como base a palavra “golpe”, “golpismo” tem no sufixo *-ismo* (da mesma constelação sufixal de *-ista*, de “golpista”) um aspecto “depreciativo”, igualmente como no vocábulo “entreguismo” (Sandmann, 1989, p. 42). Nos dois casos, a escolha das cinco expressões, silencia o termo “golpe”, palavra que remete à memória tanto do processo contra Dilma, quanto à ruptura institucional de 1964, momentos que o assujeitamento do sujeito jornal à ideologia favorável ao golpe esteve mais evidente sob a ótica da AD ou das teorias estruturalista e interacionista.

Considerações Finais

Um dos valores da AD está nas faces como teoria e como metodologia. A duplicidade permite criar dispositivos de análise de discursos na verificação de elementos da história, da memória e da ideologia que (se) materializam (no discurso) o sentido. Nesta análise, a presença/ausência da palavra “golpe”, foi o dispositivo usado para observar o deslocamento do sujeito jornal, o diálogo com os definidores primários e o próprio assujeitamento do discurso que o constitui. O movimento provocado por mudanças nas condições de produção, permanentemente atravessado pela memória de rupturas institucionais, é circular em torno justamente do

golpismo atávico próprio à constituição do Estado brasileiro. Observa-se uma tensão contínua entre política de silêncio e uso de “golpe”, seja por ironia ou no lapso provocado pelo choque entre o sentido negativo da expressão para ruptura de 1964, momentaneamente “estabilizado” e aceito pela História e, tardiamente, pelo jornal, e o sentido negativo do processo contra Dilma, rechaçado pelo jornal.

O corpus aqui trabalhado, o discurso sobre o golpe durante um período de quase seis décadas, apesar de estar em harmonia com o processo contínuo discurso, dispersa a análise. A tentativa de golpe diluída no período entre 2019 e o 8 de janeiro de 2023 está (sendo) materializada em discursos na imprensa e nas redes. Analisar como esse discurso foi (e está sendo) constituído e os comparar com o discurso do golpe de 1964 pode ajudar no entendimento de como a ideologia materializada pelo sujeito jornal se apresenta de “forma” e por “conteúdo” distintos conforme o contexto imediato (circunstâncias da enunciação) que se apresenta, sem alterar sua essência, apesar de novo contexto sócio-histórico e ideológico, ou seja, as condições de produção. Uma pergunta que surge, cuja resposta está nos deslocamentos do sujeito (jornal) sempre quando sua posição (de poder) sofre ameaças, é: que ideologia que perpassa o jornal quando diz (ou não diz) “golpe”?

Referências

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado**. 3. ed. Tradução Joaquim José de Maura Ramos. Lisboa: Presença/Martins Fontes, 1980.

BARBÉ, Carlos. **Golpe de Estado**. In: Dicionário de política I Norberto Bobbio, Nicola Matteucci e Gianfranco Pasquino; trad. Carmen C, Varriale et ai.; coord. trad. João Ferreira; rev. geral João Ferreira e Luis Guerreiro Pinto Cacaís. - Brasília : Editora Universidade de Brasília, 1ª ed., 1998.

**O GLOBO E O GOLPISMO ATÁVICO: ANÁLISE DO DISCURSO SOBRE GOLPES POLÍTICOS
NA CAPA DO JORNAL**

BONANATE, Luigi. **Terrorismo**. In: Dicionário de política I Norberto Bobbio, Nicola Matteucci e Gianfranco Pasquino; trad. Carmen C, Varriale et ai.; coord. trad. João Ferreira; rev. geral João Ferreira e Luis Guerreiro Pinto Cacaís. - Brasília : Editora Universidade de Brasília, 1ª ed., 1998.

BENETTI, Marcia. **A ironia como estratégia discursiva da revista Veja**. *Líbero*, ano 10, n. 20, dez. 2007, pp. 37-46.

BREED, Warren. **Social control in the newsroom**: A functional analysis. *Social Forces*, v. 33, n. 4, p. 326-335, maio 1955.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. Coord. Trad. Fabiana Komesu. 3ª ed. 4ª reimpr. São Paulo: Contexto, 2020.

DIAS, Luciano S. Rodrigues. **O golpe hoje**: Análise do discurso em comemoração ao 31 de março, na mídia, da tragédia de 1964 à farsa de 2019 . Dissertação (mestrado)-Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2021. 277 f. : il.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia** / José Luiz Fiorin. 1.ed. (rev. e atualizada). São Paulo: Ática, 2011.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre, Tchê, 1987.

INDURSKY, F. **Da heterogeneidade do discurso à heterogeneidade do texto e suas implicações no processo da leitura**. In: ERNST-PEREIRA, A.; FUNCK, S. B. (Orgs.). *A leitura e a escrita como práticas discursivas*. 1ª. Ed. Pelotas: Educat, 2001, p. 27-42.

ORLANDI, E. **As formas do silêncio no movimento dos sentidos**. 6ª edição. Campinas, SP; Editora Unicamp, 2007.

ORLANDI, E. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. Campinas: Pontes, 2015.

PÊCHEUX, M. **Delimitações, inversões, deslocamentos**. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, n. 19, p. 7-24, jul./dez. 1990. Or. *Délimitations, inversions, déplacements*. *L'Homme et la Société* (63/64), p. 53-69, 1981.

PÊCHEUX, M.. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas, Editora da Unicamp, 2014.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. **A propósito da Análise Automática do Discurso**: atualização e perspectivas. In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3ª ed. Campinas: editora da Unicamp, 1997.

PINTO, Eduardo Costa. **Bolsonaro e os quartéis**: a loucura com método. Texto para Discussão do IE/UFRJ, Rio de Janeiro, n. 6, p. 1-29, mar. 2019.

MACHADO, Marcia Benetti e Nilda Jacks. **O discurso jornalístico**. Programa de Pós- Graduação em Comunicação e Informação (PPGCOM) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

MENDES, Larissa de Moraes Ribeiro Mendes; DIAS, Luciano Sebastião. **Uma uma análise da disputa discursiva em torno da memória e da história do Golpe de 1964**. Revista Mediação, Universidade FUMEC, v. 23/24, n. 33/34, p. 69-80, jan-jun 2021/22.

SCHEEFFER, Fernando. **A alocação dos partidos no espectro ideológico a partir da atuação parlamentar**. E-Legis - Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação da Câmara dos Deputados, Brasília, v. 11, n. 27, pág. 119-142, set./dez. 2018.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**, volume I. Florianópolis, Insular, 2004.

"MAIS DE CEM JORNALISTAS FORAM AGREDIDOS NOS ÚLTIMOS SEIS ANOS": UMA ANÁLISE CRÍTICA SOBRE A CENSURA EM MOÇAMBIQUE

"MORE THAN A HUNDRED JOURNALISTS HAVE BEEN ATTACKED IN THE LAST SIX YEARS": A CRITICAL ANALYSIS OF CENSORSHIP IN MOZAMBIQUE

Júnior RAFAEL¹

Aline Roes DALMOLIN²

Universidade Federal de Santa Maria | Brasil

Resumo

A censura à liberdade de imprensa em Moçambique tem sido um problema crescente. Nos últimos seis anos, mais de cem jornalistas foram agredidos, ameaçados, intimados, criminalizados e silenciados, ou mesmo tiveram roubados seus instrumentos de trabalho. O artigo faz uma análise crítica da censura no país, interpelando as principais figuras que levam à repressão da imprensa, as implicações sociais, políticas e econômicas dessa censura, para além da forma como os jornalistas têm se posicionado às pressões. A análise também explora o papel da legislação moçambicana e internacional na proteção da liberdade de expressão e a fragilidade das instituições democráticas no país em garantir um ambiente seguro para o jornalismo independente.

Palavras-chave

Jornalismo, Censura, liberdade de imprensa, Moçambique, repressão, democracia.

Abstract

Censorship of press freedom in Mozambique has been a growing problem where, in the last six years, more than one hundred journalists have been attacked, threatened, subpoenaed, criminalized, and their work instruments stolen or silenced. This article critically analyzes censorship in the country, questioning the main figures who led to the repression of the press, the social, political, and economic implications of this censorship, and how journalists have positioned themselves in the face of pressure. The analysis also explores the role of Mozambican and international legislation in protecting freedom of expression and the fragility of democratic institutions in the country in guaranteeing a safe environment for independent journalism.

Keywords

Journalism; Censorship; Press freedom; Mozambique, Repression; Democracy.

RECEBIDO EM 30 DE SETEMBRO DE 2024
ACEITO EM 13 DE DEZEMBRO DE 2024

¹ Mestrando em Comunicação no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Email: juniorrafaelrafael92@gmail.com.

² Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Doutora e mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Possui estágio pós-doutoral na Universidad Nacional de Rosario (UNR) e na UFSM, e foi professora visitante na Södertörn University (Suécia). E-mail: aline.dalmolin@ufsm.br.

Introdução

A liberdade de imprensa é um dos pilares necessários e indeclináveis de qualquer democracia. Em Moçambique, apesar disso, essa liberdade tem sido cada vez mais atacada nos últimos anos. Como asseguram os relatórios de organizações de direitos humanos, mais de cem jornalistas foram agredidos, notificados ou até sequestrados entre 2018 e 2023. Esta situação sugere uma tendência apavorante de censura e repressão da liberdade de expressão no país, colocando em causa o papel essencial da imprensa como mediadora entre o governo e a sociedade civil.

A importância de uma imprensa livre para a promoção de sociedades democráticas é amplamente reconhecida (Silva, 2021). Não obstante, em países com democracias fracas, como é o caso de Moçambique, essa liberdade encontra diversos obstáculos, incluindo ameaças físicas, censura e legislação opressora.

Este artigo, se foca na análise crítica sobre as práticas de censura em Moçambique, com ênfase nos últimos seis anos, quando houve um aumento considerável na violência contra jornalistas. Analisaremos duas reportagens veiculadas pela Soico TV, um canal televisivo moçambicano. O primeiro vídeo tem como título "Mais de cem jornalistas foram agredidos nos últimos seis anos" (Soico TV, 2024a). E o segundo, "Câmera da STV de volta com imagens reveladoras" (Soico TV 2024b). Ambos os vídeos foram veiculados em junho de 2024.

A análise busca apontar elementos que demonstram a existência de censura e práticas nocivas às atividades jornalísticas no país. Com isso, deixamos ao ar uma pergunta: como assegurar a integridade física dos

jornalistas e a promoção de leis que protejam a classe num país onde o regime é totalitário?

Contexto histórico da censura em Moçambique

A censura em Moçambique tem raízes históricas profundas. Durante o período colonial português, os meios de comunicação eram fortemente controlados e serviam aos interesses do regime. Com a independência em 1975 e a subsequente adoção de um regime socialista de partido único sob a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), o Estado continuou a manter um rígido controle sobre a imprensa (Castelo, 2019).

A abertura democrática que se seguiu ao Acordo Geral de Paz de 1992, que pôs fim à guerra civil moçambicana e trouxe a promessa de maior liberdade de expressão. Contudo, apesar dos avanços iniciais, a imprensa continuou a ser alvo de restrições, especialmente nos momentos de instabilidade política e econômica (Mendes, 2020). Nos últimos seis anos, o contexto político em Moçambique se deteriorou com o aumento de conflitos internos, corrupção e a insurgência jihadista em Cabo Delgado, fatores que coincidem com o recrudescimento da censura e da violência contra jornalistas.

Com a FRELIMO, esperou-se uma nova atitude para os moçambicanos se alegrarem com a conquista de sua independência e adquirirem a liberdade de imprensa e de expressão assim como o acesso à internet sem muitas dificuldades. Entretanto, não é isso que se notabiliza aos dias hodiernos. Chichava e Pohlmann (2009, p.127) sustentam que

Uma das primeiras medidas tomadas pela FRELIMO logo após assumir o poder, a 25 de Junho de 1975, foi controlar a imprensa. Num contexto em que acabava de se sair de uma guerra contra o colonialismo, na qual certa imprensa, sobretudo a mais importante (Notícias de Lourenço Marques e Notícias da Beira, Tempo, Diário de Moçambique, Voz Africana, só para citar alguns exemplos), era

controlada por grandes capitalistas hostis à Frelimo e próximos ao poder colonial, o controlo da imprensa era visto como essencial à defesa dos interesses nacionais do recém-independente Moçambique.

Por esta via, no III Congresso da FRELIMO, em 1977, decide-se que a imprensa deveria ser um instrumento do Partido-Estado, um instrumento da aliança operário-camponesa e do seu partido de vanguarda ao serviço da revolução. Na ocasião, Samora Moisés Machel, primeiro presidente de Moçambique independente disse:

[...] não há terreno neutro na luta de classes [...]. A origem pequeno-burguesa da maioria dos jornalistas, a educação colonial que receberam, os métodos e conceitos de informação burguesa cuja influência transportam até hoje, constituem factores que facilitam e favorecem a acção de retorno das ideias erradas, dos hábitos velhos. [...] O jornalista deve assumir a consciência de que ocupa um posto de combatente na frente ideológica da luta das massas trabalhadoras. Deve assumir integralmente os interesses e as aspirações dos operários e camponeses. O seu modelo deve ser o operário de vanguarda. Os seus deveres correspondem aos dos membros do Partido.

[...] A informação deve desempenhar um papel fundamental na criação do Homem Novo e só pode fazê-lo se os trabalhadores da informação se engajarem na sua própria transformação, assumindo ao nível das ideias, do trabalho, da vida e do comportamento, os valores novos, os valores do homem socialista. Isto significa também que o Partido deve dar uma atenção particular ao enquadramento político dos jornalistas. Neste sentido, intensificaremos a implantação das estruturas do Partido nos órgãos de informação. [...] Além disso, é necessário efectuar o enquadramento político dos jornalistas no seu conjunto, através duma estrutura própria. Uma estrutura que promova a unidade de pensamento e de acção (sic) dos jornalistas [...] (Machel, 1977 apud Chichava & Pohlmann, 2009)

Aqui se abria uma página na história da imprensa pós-independência. Uma imprensa cujos jornalistas tivessem um pensamento linear e publicassem as mesmas matérias, ou seja, expulsou-se o colono, mas o colonialismo não saiu da cabeça dos dirigentes moçambicanos e conforme asseguram Chichava e Pohlmann (2009).

"MAIS DE CEM JORNALISTAS FORAM AGREDIDOS NOS ÚLTIMOS SEIS ANOS": UMA ANÁLISE CRÍTICA SOBRE A CENSURA EM MOÇAMBIQUE

Foi neste contexto que certos jornais foram encerrados e outros nacionalizados, o mesmo acontecendo com a rádio. Neste último caso, foi criada a Rádio Moçambique (doravante única estação de rádio no país e com cobertura nacional), após o encerramento das rádios da era colonial, nomeadamente a Rádio Clube de Moçambique, a Rádio Pax e o emissor Aero clube da Beira. De forma breve, pode-se dizer que, durante quinze anos (1975-1990), ou seja, durante a vigência do regime monopartidário, o cenário da imprensa em Moçambique foi marcado pelo controlo (sic) da imprensa pelo Partido, pela censura e autocensura. A imprensa era um instrumento do governo na busca de certos objectivos, e a liberdade de expressão e de imprensa eram vistas como meras ilusões burguesas, ameaças ao ideal socialista e revolucionário: fora do Partido -Estado, o destino da imprensa não seria a independência e a liberdade de expressão, mas o controlo por interesses capitalistas e contra-revolucionários. (Chichava & Pohlmann, 2009)

A imprensa até hoje é um instrumento do governo para atingir seus objetivos sejam eles claros ou difusos. A imprensa desde os primórdios foi usada pelos políticos como uma ferramenta adequada para manipular as massas, porém, com a aparição das plataformas digitais e a comunicação 360 graus, tem sido difícil o controle para que não se veicule as informações. A única maneira que o governo da FRELIMO faz para controlar a mídia digital é em conluio com as operadoras de telefonia que oferecem a internet, agravar as tarifas e sufocar o bolso do cidadão fazendo com que estes não entrem constantemente nas redes sociais e aliado à pobreza, fica difícil as pessoas investirem na internet quando sua primeira prioridade tem que ver com comida.

O surgimento de veículos de comunicação privados gera uma sensação de maior liberdade de expressão. Seria uma mudança de paradigma, uma vez que durante todo o regime monopartidário a comunicação social se restringia a veículos de ordem pública e com grande controle do estado. No jornalismo, esse sentimento de liberdade é frustrado, devido ao assassinato do maior ícone do jornalismo investigativo que emergiu no país, Carlos Cardoso, morto no ano 2000, quando averiguava casos de corrupção e os motivos da morte de Samora Machel. Em relação ao *rap*, também se observou que o estado não aceitou a emergência de uma música contestatória. As músicas *País da Marrabenta* (GPRO FAM, 2003) e as mentiras da verdade (Azagaia, 2007) foram proibidas de serem veiculadas na emissora estatal Rádio Cidade. Ambas relatam a morte de Carlos Cardoso, enaltecem a imagem de Samora Machel e apresentam críticas sociais. Em *As mentiras da*

verdade, levanta-se a suspeita até de que pessoas do governo teriam arquitetado a morte de Samora Machel. (De Mendonça Júnior, 2022, p. 3)

Para compreender sobre a liberdade de expressão e imprensa em Moçambique, precisamos refletir sobre a importância histórica dos meios de comunicação para a promoção das liberdades fundamentais em uma sociedade democrática. Ocorre que, estes mesmos meios podem ser instrumentalizados em contextos de despotismo para favorecer regimes ditatoriais.

Nessa mesma linha, Cunha (2017) afirma que o Estado domina a mídia em Moçambique, e nem os veículos privados escapam do condicionamento aos interesses da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO). O governo de Moçambique, liderado pela FRELIMO desde 1975, controla e cerceia a liberdade de expressão e os meios de comunicação para manter o poder e a narrativa oficial. Isso inclui perseguições a jornalistas, restrições a publicações críticas, o jornalismo investigativo e o uso de leis que punem a divulgação de informações vistas como "prejudiciais" ao Estado. O governo bloqueia sites e controla plataformas digitais, limitando o fluxo de informações e impossibilitando a expressão de opiniões divergentes. Esse ambiente promove a polarização social e mantém um espaço público controlado, onde a oposição enfrenta desafios para se manifestar e mobilizar apoio. Por outro lado, observa-se a falta de autonomia dos jornalistas em relação aos políticos e a vulnerabilidade do sistema judiciário na investigação e responsabilização de crimes contra jornalistas. O mercado de mídia também é pouco desenvolvido, dependente de publicidade controlada por grandes empresas ligadas à Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), e as audiências são limitadas, o que dificulta a sustentabilidade dos meios de comunicação por meio da venda de conteúdos.

Diante disso, Cunha (2017) declara que, em Moçambique, a censura, a autocensura e o jornalismo de partido único fazem com que sentidos subentendidos ganhem valor noticioso. Esta organização percebe a mídia

como aquela que ofusca seus negócios, despoleta seus segredos e atrapalha seus esquemas.

Censura e repressão nos últimos anos

O período de 2018 a 2023 foi marcado por uma escalada da violência contra jornalistas em Moçambique. Organizações internacionais como o Comitê para a Proteção de Jornalistas (CPJ) e Repórteres Sem Fronteiras (RSF) denunciaram vários incidentes de intimidação e ataques, com destaque para o desaparecimento e assassinato de jornalistas que investigavam questões sensíveis como corrupção e tráfico de drogas (CPJ, 2022).

Um dos casos mais emblemáticos foi o sequestro e posterior desaparecimento do jornalista Ibrahim Abu Mbaruco, em Cabo Delgado, em abril de 2020. Mbaruco havia feito reportagens críticas sobre a atuação das forças militares moçambicanas no conflito com insurgentes islâmicos. Seu caso ilustra a falta de proteção para jornalistas em áreas de conflito e o uso de intimidação por parte das autoridades para silenciar vozes dissidentes (RSF, 2021).

A Constituição de Moçambique garante formalmente a liberdade de imprensa e de expressão. No entanto, várias leis e regulamentos aprovados nos últimos anos têm restringido esses direitos. A Lei de Crimes Contra a Segurança do Estado, por exemplo, é frequentemente usada para justificar a detenção de jornalistas sob a acusação de "ameaça à segurança nacional" (Gomes, 2021). Além disso, a falta de independência do judiciário e a corrupção generalizada no sistema político agravam a vulnerabilidade dos profissionais de imprensa.

No plano internacional, Moçambique é signatário de tratados e convenções que protegem a liberdade de expressão, como a Declaração Universal dos Direitos Humanos (ONU, 1948) e a Carta Africana dos Direitos

Humanos e dos Povos (OJA, 1981). Entretanto, a aplicação desses instrumentos jurídicos internacionais no contexto moçambicano tem se mostrado ineficaz, o que levanta questões sobre a responsabilização de autoridades envolvidas em crimes contra jornalistas.

A censura e a repressão à imprensa têm implicações diretas para a saúde da democracia moçambicana. A ausência de uma imprensa livre impede a fiscalização efetiva das ações do governo e limita o acesso da população a informações independentes, comprometendo a transparência e a *accountability* (Melo, 2022). Além disso, o medo da repressão cria uma cultura de autocensura, na qual jornalistas evitam reportagens críticas, restringindo ainda mais o debate público.

A violência contra jornalistas também têm um impacto econômico, ao reduzir a confiança de investidores estrangeiros e organizações internacionais, que dependem de informações claras e confiáveis sobre a situação no país. Como resultado, a censura em Moçambique não apenas afeta a liberdade de expressão, mas também tem consequências econômicas significativas (Santos, 2023).

Apesar das adversidades, muitos jornalistas moçambicanos continuam a resistir à censura. Organizações locais e internacionais têm oferecido apoio, fornecendo treinamento em segurança digital e física, além de advocacia em fóruns internacionais (RSF, 2021). O uso de plataformas digitais e redes sociais também tem permitido a divulgação de informações de forma mais segura e descentralizada, embora os riscos persistam, especialmente com o aumento da vigilância digital.

Outra estratégia importante tem sido a criação de redes de solidariedade entre jornalistas tanto no país como em outros países africanos, para a troca experiência e discorrer mecanismos de proteção. Essas redes têm se mostrado cruciais para manter uma imprensa crítica ativa, mesmo em contextos de repressão (Gomes, 2021).

"MAIS DE CEM JORNALISTAS FORAM AGREDIDOS NOS ÚLTIMOS SEIS ANOS": UMA ANÁLISE CRÍTICA SOBRE A CENSURA EM MOÇAMBIQUE

A Soico TV (2024) traz dados que nos dão uma visão da situação em Moçambique, conforme o registro oficial de jornalistas, porém, há casos de ataques a ativistas não registrados em algumas partes do País. Nisso, em 2019, segundo a Soico TV, [...] "mais de 20 casos de violação a jornalistas foram registrados seguida também de roubo de equipamento e torturas físicas e psicológicas. No ano de 2020, mais de 33 casos de violação da lei de imprensa". No mesmo ano (2020), [...] "invadiram e atearam fogo as instalações dos escritórios do canal de Moçambique por indivíduos desconhecidos" que até então, estão soltos sem que a polícia tenha pistas.

Quadro 1: Episódios de violência contra jornalistas em Moçambique

<i>Data</i>	<i>Situação</i>
2020	Afonso Chave e Sebastião Ngomane foram agredidos em pleno exercício das suas funções.
2021	Quatro jornalistas foram agredidos em Nampula (NPL) pela Polícia da Republica de Moçambique (PRM), em pleno exercício das suas funções.
2021	Amade Abubacar foi detido no ofício de imprensa por 108 dias. Germano Adriano detido por 63 dias acusado de violar o segredo do estado; Matias Guente, agredido e torturado; Ibraimo Mbaruco da rádio e televisão Palma sumiu e nunca mais foi visto e a PRM sem pistas para o escriba, também Isitine Achar é detido quando reportava sobre o terrorismo em Cabo Delgado.
2021 (set)	Sete jornalistas foram agredidos e detidos em NPL pelos agentes da PRM. Em Junho de 2022, na província de Inhambane, mais jornalistas do magazine independente foram intimidados.
2022 (ago)	Jornalistas da Tua TV, foram agredidos por Agentes da Polícia de Investigação Criminal (PIC) em pleno exercício das suas funções.
2022 (nov)	O jornalista Arlindo Chissale da Pinnacle News, foi detido pela PRM acusado de ilícito de funções tituladas.

Fonte: Elaboração dos autores a partir de informações de Soico TV (2024a)

Enumeram-se acima (Quadro 1) um conjunto de situações citadas no vídeo (SOICO TV, 2024a), nos quais jornalistas viveram situações desumanas provocadas por aqueles que os deviam proteger e garantir sua segurança.

Análise das reportagens

A Soico Televisão (STV) está entre as três principais emissoras de alcance nacional em Moçambique (ao lado da TVM e da TV Miramar), e pertence ao Grupo Soico (Sociedade Independente de Comunicação). O grupo se intitula como o maior grupo de comunicação privada em Moçambique e atua nos segmentos de televisão, jornal, rádio e mídia digital, além de organizar eventos e conferências (Soico, 2024).

A STV, uma emissora privada fundada em 2002, opera em canal aberto e abrange todas as províncias do país. Fundada em 2002, a STV transmite 24 horas por dia, sendo um dos canais mais assistidos no país, com programação voltada à informação e ao entretenimento. Através do canal STV Notícias, a emissora também alcança uma audiência internacional, abrangendo telespectadores em Angola e Portugal (Varela, 2022).

Mais de cem jornalistas foram agredidos nos últimos seis anos

O primeiro vídeo analisado relata que, nos últimos seis anos, foram registrados mais de uma centena de casos de agressões a jornalistas no país. A descrição do vídeo no Youtube informa: "Isso fez com que Moçambique caísse da centésima segunda para a centésima quinta posição em 2023, no ranking do Índice De Liberdade De Imprensa, da organização não governamental Repórter Sem Fronteiras, num total de 180 países analisados" (SOICO TV, 2024a).

"MAIS DE CEM JORNALISTAS FORAM AGREDIDOS NOS ÚLTIMOS SEIS ANOS": UMA ANÁLISE CRÍTICA SOBRE A CENSURA EM MOÇAMBIQUE

A reportagem televisiva, com duração de onze minutos e vinte e cinco segundos, mostra o quanto difícil os em Moçambique jornalistas exercem suas funções. As agressões e detenções relatadas ali no vídeo, a jornalistas moçambicanos, é o reflexo da intolerância política e preocupa sobremaneira colocando em causa a liberdade de imprensa e dos direitos humanos no país. Estes ataques mostram claramente uma tentativa de silenciar vozes críticas e reprimir o acesso a informações independentes, especialmente em períodos politicamente sensíveis, como eleições ou manifestações. Esse panorama, cria um ambiente de medo, comprometendo a transparência e prejudicando a jovem democracia no país, porque entende-se que a liberdade de imprensa é imprescindível para que os cidadãos possam ser bem informados e exercer seus direitos de forma plena e sem medo.

O vídeo não só nos mostra a censura no seu nível mais assustador, como também o comprometimento do compromisso do jornalista com a verdade e sendo assim, as pessoas receberão informações rasas e com qualidade duvidosa. O estado sendo o garante da segurança, ao se comportar desse jeito, mostra inequivocadamente sua incapacidade de se lidar com o diferente e que sua forma de gerir os cidadãos é ao menos suspeita.

A frase célebre do jornalista Carlos Cardoso que abre a reportagem em causa, "é proibido pôr algemas nas palavras" (Soico TV, 2024a), indica que o pensamento humano e as expressões veiculadas são essencialmente livres e não podem ser controlados ou suprimidas em hipótese alguma. Como o nosso artigo tem um olhar crítico sobre o assunto em epígrafe, sob ponto de vista crítico, a ideia de não "pôr algema nas palavras" reflete a resistência contra a censura ou arbitrariedade. Mesmo em contextos onde há autoritarismo político, social ou cultural, o desejo, a disposição ou a vontade humana para comunicar, criar e se expressar encontra maneiras de escapar dessas "algemas" embora isso não seja tão fácil quanto parece.

Entretanto, a realidade nem sempre vislumbra essa idealização, esse endeusamento. Sempre há mecanismos de controle que podem, de fato, "algemar" as palavras, seja por censura explícita, vigilância, intimidação ou autocensura. Governos autoritários, totalitários, déspotas por exemplo: criam e implementam leis cerceadas que punem severamente quem se expressa contra o regime, enquanto contextos sociais podem criar ambientes de medo onde as pessoas evitam falar, relegando assim seus direitos de cidadão. E é o que vemos no vídeo.

Sem embargo disso, a frase "não algemar as palavras" aponta para a resiliência e firmeza das palavras. Mesmo diante de barreiras e limitações, as ideias, a vontade de informar e os discursos, podem encontrar novos canais de manifestação, como na literatura clandestina, em metáforas, no uso de linguagem codificada ou nas artes. A palavra é poderosa justamente porque pode transpor linhas ou marcos e resistir à tentativa de controle total.

Câmara da STV de volta e com imagens reveladoras

O segundo vídeo, intitulado "Câmara da stv volta com imagens reveladoras" (SOICO TV, 2024b), trata-se de uma reportagem de 10 minutos e cinquenta e seis segundos, que relata a manifestação de cidadãos insatisfeitos com os serviços públicos moçambicanos.

A atitude demonstrada pelos agentes da polícia no vídeo do link acima, mostra clara e irrefragável a censura à liberdade de imprensa em Moçambique que tem sido um tema de grande preocupação, com especial enfoque em um contexto onde o jornalismo investigativo livre e a cobertura crítica enfrentam obstáculos imensuráveis. A reportagem é um exemplo concreto de como jornalistas e veículos de comunicação que tentam expor situações delicadas, como abusos de poder, corrupção, violência ou agressão, podem ser sujeitos à censura, assédio, intimidação ou até morte.

"MAIS DE CEM JORNALISTAS FORAM AGREDIDOS NOS ÚLTIMOS SEIS ANOS": UMA ANÁLISE CRÍTICA SOBRE A CENSURA EM MOÇAMBIQUE

Em Moçambique, como é o nosso epicentro de análise, a censura é constantemente ou avidamente imposta de forma indireta, velada, discreta, através de pressões econômicas, intimidação física ou ameaças judiciais, que resulta em autocensura, limitando assim a capacidade dos jornalistas realizarem seus trabalhos de forma livre e crítica. Isto é acentuado ou intensificado em tempos de tensões políticas, como é o caso dos períodos eleitorais, ou em regiões de conflitos, como no norte do país especialmente em Cabo Delgado, onde a insurgência de grupos armados e as operações militares tornam a cobertura jornalística extremamente sensível e quase que inimiga (Figura 1).

Figura 1: Mão de um agente da polícia da república de Moçambique fechando a lente da câmera do cinegrafista da STV para impedir a captura de imagem



Fonte: captura de tela Soico TV (2024b).

“A volta da câmera com imagens reveladoras”, sugere uma tentativa corajosa de expor realidades que, de outra forma, seriam suprimidas e a insistência dos jornalistas em exigir a volta da câmera, é um ato heroico se não um enfrentamento ao regime de forma corajosa. O grupo Soico TV, sendo um dos principais veículos de comunicação em Moçambique, ocupa ou exerce um papel fundamental na disseminação de informações que frequentemente desafiam as narrativas oficiais. Todavia, esta coragem pode vir com um alto custo para os jornalistas deste canal e

os demais de outros. É comum em Moçambique o uso de leis de “difamação ou segurança do Estado” para silenciar vozes dissidentes, uma prática que desincentiva o jornalismo investigativo e crítico, ou seja, o estado recorre a termos para incriminar os jornalistas com objetivo de diminuir seu espaço de atuação. Quanto mais jornalistas forem intimidados, melhor para o regime.

A maior crítica à censura em Moçambique não só se limita à declinação ou corte direta de conteúdo, mas, e como também ao clima de medo, retaliação ou represália que persegue jornalistas e órgãos de imprensa. Simultaneamente que, existe uma expectativa florescente por parte da sociedade civil de que o jornalismo moçambicano cumpra seu papel de vigiar o poder e de expor irregularidades. Essa tensão entre a necessidade de transparência e a imposição de censura é um campo de batalha constante e assustador.

Portanto, essa reportagem veiculada pelo grupo Soico TV, deve ser entendida em um contexto mais amplo de restrições às liberdades democráticas e de expressão embora o artigo 48 da constituição da república enfatize a liberdade de expressão e de imprensa. A “volta de imagens reveladoras” pode representar tanto um ato de resistência e resiliência contra a censura das informações quanto um aide-mémoire³ das dificuldades enfrentadas por aqueles que tentam desafiar ou bafejar o status quo. Em última análise, o desenvolvimento ou ascensão de um ambiente onde a liberdade de imprensa seja respeitada e incentivada é crucial para o fortalecimento democrático do país.

Assim, com esta prática de perseguir, intimidar os jornalistas, intimar, ameaçar, saquear material de trabalho, forjar leis para limitar o espaço de atuação, Moçambique entra no ranking de um país mais violento para com os seus escribas e obriga o jornalismo a reduzir sua

³ Significa pró-memória ou lembrete

"MAIS DE CEM JORNALISTAS FORAM AGREDIDOS NOS ÚLTIMOS SEIS ANOS": UMA ANÁLISE CRÍTICA SOBRE A CENSURA EM MOÇAMBIQUE

força atuante e relegue sua responsabilidade. E os jornalistas apenas farão jornalismo de karakatismo⁴ aquele cujo foco se alicerça na comida, por um lado fugindo da repressão e por outro, as imposições econômicas que o país enfrenta.

Figura 2: Jornalista agredido em leito hospitalar



Fonte: captura de tela Soico TV (2024a).

Figura 3: Jornalista sofre agressão de um grupo de mesários eleitorais



Fonte: captura de tela Soico TV (2024a).

⁴ Karakata é um tipo de comida feita à base de farinha de mandioca muito consumida no norte de Moçambique. De acordo com o jargão popular, o jornalismo karakatista é aquele feito apenas para sobreviver e os jornalistas vão aliciando as pessoas para veicularem informações depois de serem pagos. Logo, o karakatismo é uma teoria que denota o gesto de procurar comida para sobreviver por meio do jornalismo.

As imagens da STV mostram vários episódios de perseguição a jornalistas, como a imagem de um jornalista agredido violentamente e em leito hospitalar sendo atendido pelos profissionais de saúde (Figura 2), a imagem de outro sendo apertado por um grupo de mesários nas eleições autárquicas em Maputo (Figura 3), e o dono de um dos locais de comércio em Maputo agredindo fisicamente um jornalista em exercício de sua missão (Soico TV, 2024a).

O Futuro do Jornalismo em Moçambique

Com a censura institucionalizada e o aumento da autocensura, o futuro do jornalismo em Moçambique pode seguir dois caminhos principais:

A primeira possibilidade é que a repressão continue a se intensificar, levando a uma maior concentração dos meios de comunicação nas mãos de interesses ligados ao governo ou a elites empresariais. Este cenário limitaria ainda mais o espaço para um jornalismo investigativo e crítico, reduzindo a diversidade de opiniões disponíveis ao público. Os jornalistas seriam forçados a adaptar suas práticas para evitar represálias, limitando a cobertura de temas sensíveis, como corrupção, conflitos armados e crises políticas.

Outra possibilidade é o fortalecimento de novas formas de jornalismo, especialmente em plataformas digitais e redes sociais. Em muitos países onde a imprensa tradicional é sufocada pela censura, os meios digitais têm surgido como alternativas. O jornalismo online oferece maior anonimato e possibilidades de divulgação sem as restrições das mídias convencionais. Entretanto, o acesso limitado à internet e o controle do governo sobre redes de telecomunicações podem dificultar essa expansão.

Jornalistas independentes têm usado as redes sociais para compartilhar informações e para se conectar com audiências mais amplas, muitas vezes evitando os filtros da mídia tradicional. A criação de novos

veículos online e iniciativas de jornalismo cidadão também podem contribuir para a manutenção da diversidade de vozes e pontos de vista.

Organizações internacionais e ONGs, como a Comitê para Proteção dos Jornalistas (CPJ) e a Freedom House, têm desempenhado um papel fundamental no suporte aos jornalistas moçambicanos, oferecendo materiais para a proteção de jornalistas, além de iniciativas de advocacia. No futuro, a parceria entre jornalistas locais (no caso moçambicanos) e internacionais pode se tornar uma estratégia indispensável para discorrer violações de direitos humanos e a corrupção, oferecendo uma cobertura mais abrangente e segura, além de atrair atenção global para os desafios enfrentados no país como um todo.

Considerações Finais

O futuro do jornalismo em Moçambique dependerá da capacidade de resistir às pressões da censura e de se adaptar às novas dinâmicas impostas pela repressão estatal. Se por um lado há um caminho para o aumento da censura e controle sobre a mídia, por outro, existem alternativas que podem fortalecer a resistência e a busca pela verdade. A inovação tecnológica, o uso de plataformas digitais e a internacionalização das pautas jornalísticas podem ser as ferramentas chave para a sobrevivência do jornalismo independente no país.

A repressão à liberdade de imprensa em Moçambique nos últimos seis anos é um reflexo das fragilidades democráticas e da deterioração do ambiente político no país. A violência contra jornalistas e o uso de legislação repressiva são sintomas de um sistema político que busca controlar a narrativa pública, limitando o papel fundamental da imprensa na promoção da transparência e da democracia. Embora haja resistência, é necessário um esforço conjunto, tanto a nível nacional quanto internacional, para garantir a

proteção dos jornalistas e restaurar a liberdade de expressão em Moçambique.

Essas duas reportagens, revelam um cenário crítico e aguerrido em Moçambique não só para os jornalistas, como também para todos os moçambicanos. É uma mensagem emitida pelo governo de que ninguém deve falar e as palavras devem ser algemadas.

Referências

CASTELO, José. **História da Imprensa em Moçambique**: Do Colonialismo à Democracia. Maputo: Editorial Moçambique, 2019.

CHICHAVA, Sérgio. POHLMANN, Jonas. Uma breve análise da imprensa moçambicana. In.: BRITO, Luís; CASTEL-BRANCO, Carlos Nuno; CHICHAVA, Sérgio; FRANCISCO, António. **Desafios para Moçambique**. Maputo: IESE, 2009. p. 127-139.

CPJ. Mozambique: Journalist Ibraimo Abu Mbaruco Missing Since April 7. **Committee to Protect Journalists**, 2022. Disponível em: <https://cpj.org>. Acesso em: 16 Set. 2024.

COMITÉ para Proteção dos Jornalistas (CPJ). "Ataques à Imprensa em Moçambique". Disponível em: cpj.org

DE MENDONÇA JÚNIOR, Francisco Carlos Guerra. "O Carlos teve azar, foi o primeiro da lista": reflexões sobre a repressão em Moçambique a partir da relação entre mídia e rap. **Galáxia**, São Paulo, v. 47, 2022, pp.1-21. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-2553202254436>. Acesso em: 10 dez. 2024.

FREEDOM House. **Freedom in the World 2023**. Disponível em: <https://freedomhouse.org/country/mozambique/freedom-world/2023>. Acesso em: 10 dez. 2024.

GOMES, Marta. **Legislação e Censura**: A Situação da Imprensa em Moçambique. *Revista de Direito e Sociedade*, v. 12, n. 2, p. 45-59, 2021.

MELO, Ricardo. **Democracia e Imprensa**: O Papel do Jornalismo na Transparência Governamental em Moçambique. *Revista Moçambicana de Estudos Políticos*, v. 8, n. 1, p. 15-30, 2022.

MENDES, Alfredo. **O Impacto da Censura no Jornalismo Moçambicano**: Uma Análise Contemporânea. Maputo: Universidade de Maputo, 2020.

MOÇAMBIQUE. **Constituição da República de Moçambique**. Maputo: Imprensa Nacional, 2004.

ONU. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Organização das Nações Unidas, 1948.

OUA. **Carta Africana dos Direitos Humanos e dos Povos**. Organização da Unidade Africana, 1981.

RSF. **Relatório Anual sobre a Liberdade de Imprensa em Moçambique**. Repórteres Sem Fronteiras, 2021.

REPÓRTERES Sem Fronteiras (RSF). "Ranking Mundial da Liberdade de Imprensa 2023". Disponível em: rsf.org

SANTOS, Laura. Censura e Economia: Impactos da Repressão à Imprensa no Investimento Estrangeiro em Moçambique. **Revista de Economia e Política Africana**, v. 10, n. 3, p. 101-115, 2023.

SILVA, João. **Liberdade de Imprensa e Democracia**: Teorias e Desafios Contemporâneos. Lisboa: Edições Almedina, 2021.

SOICO, 2024. Sobre nós. **Site do Grupo Soico**. Disponível em: <https://soico.co.mz/#valores>. Acesso em: 30 set. 2024.

SOICO TV. Câmara da STV de volta e com imagens reveladoras. **Canal no Youtube da Soico Televisão (STV)**. 13 de jun. de 2024, 2024a. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=8hjrm_A8h3c. Acesso em: 30 set. 2024.

SOICO TV. Mais de 100 jornalistas foram agredidos nos últimos seis anos - STV. **Canal no Youtube da Soico Televisão (STV)**. 14 de jun. de 2024, 2024b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=foGWq0iqFMw>. Acesso em 30 set. 2024.

VARELA, Ulysses. **Midiatização de ciência**: a complexidade da abordagem de CT&I na cobertura telejornalística no Brasil e em Moçambique. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Santa Maria:

Universidade Federal de Santa Maria, 2022. Disponível em:
<https://repositorio.ufsm.br/handle/1/25744>. Acesso em: 30 set. 2024.

REVISÃO INTEGRATIVA PARA IDENTIFICAÇÃO E CLASSIFICAÇÃO DE NOTÍCIAS ESPONTÂNEAS SOBRE A SÍFILIS PRODUZIDAS ENTRE 2015-2019 NO BRASIL

INTEGRATIVE REVIEW FOR IDENTIFICATION AND CLASSIFICATION OF THE EARNED MEDIA ON SYPHILIS PRODUCED BETWEEN 2015-2019 IN BRAZIL

Rafael FOLETTO¹

Juliana Maria da Silva LYRA²

Ana Cláudia Costa de ARAÚJO³

Juciano de Sousa LACERDA⁴

Universidade Federal de Santa Marial Brasil

Universidade Federal do Rio Grande do Norte | Brasil

Resumo

Esse estudo revisou a mídia espontânea sobre sífilis durante o Projeto de Resposta Rápida à Sífilis, usando artigos científicos das bases de dados SciELO, Latindex, DOAJ, Dialnet, Intercom e Google Acadêmico. A pesquisa abrangeu o período de 2011 a 2021 e identificou cinco conceitos de mídia espontânea: 1) como atitude do consumidor (boca-a-boca); 2) como atitude voluntária do veículo de comunicação; 3) como esforço intencional da organização; 4) como publicidade encoberta; e 5) via jornalismo para diminuir saturação por mensagens publicitárias. Foram selecionados doze artigos científicos para análise.

Palavras-chave

Comunicação e Saúde; Campanha Pública; Publicidade e Propaganda; Mídia Espontânea; Projeto Resposta Rápida à Sífilis.

Abstract

This study examined spontaneous media coverage of syphilis during the Resposta Rápida à Sífilis project utilizing research articles from the SciELO, Latindex, DOAJ, Dialnet, Intercom, and Google Scholar databases. The research spanned from 2011 to 2021 and identified five concepts of spontaneous media: 1) as a consumer attitude (word-of-mouth); 2) as a voluntary initiative by media outlets; 3) as a deliberate organizational effort; 4) as covert advertising; and 5) through journalism to mitigate advertising saturation. Twelve peer-reviewed articles were selected for analysis.

Keywords

Communication and Health; Public Campaign; Advertising and Publicity; Earned Media; Syphilis.

PALTA LIVRE

RECEBIDO EM 28 DE OUTUBRO DE 2024

ACEITO EM 17 DE DEZEMBRO DE 2024

¹ Realizou Pós-Doutorado no PPG em Estudos da Mídia da UFRN, com bolsa do CNPq-Brasil. Doutor e Mestre em Ciências da Comunicação pela Unisinos. Docente do DECOM/UFSM e do PPG em Comunicação e Indústria Criativa da Unipampa. Integrante do Grupo de Pesquisa Pragma (UFRN/CNPq).

² Graduada em Publicidade e Propaganda pela UFRN. Bolsista de iniciação científica Laboratório de Inovação tecnológica em Saúde Saúde – LAIS/HUOL/UFRN (Projeto "Sífilis Não").

³ Doutora em Estudos da Mídia (UFRN e em Comunicación Audiovisual, Publicidad y Relaciones Públicas na Universidade Complutense de Madrid (Cotutela). Pesquisadora do Lab. de Inovação Tecnológica em Saúde – LAIS/HUOL/UFRN (Projeto "Sífilis Não") e integrante do Grupo de Pesquisa Pragma (UFRN/CNPq).

⁴ Professor Associado e Coordenador do PPG Estudos da Mídia da UFRN. Bolsista PQE do CNPq. Pesquisador do Laboratório de Inovação Tecnológica em Saúde (LAIS) da UFRN. Coordenador do GP Pragma/CNPq. Professor visitante com atividades na Universidade de Coimbra, Universidade Aberta de Portugal, Universidade Complutense de Madrid, Universidade Autônoma de Barcelona e Universidade de São Paulo (USP).

Rafael **FOLETTTO**, Juliana Maria da Silva **LYRA**, Ana Cláudia Costa de **ARAÚJO**
e Juciano de Sousa **LACERDA**

Introdução

A sífilis atinge mais de 12 milhões de pessoas atualmente e vem demonstrando ser um desafio para os sistemas de saúde em escala mundial. Em 2016, o Ministério da Saúde declarou esta Infecção Sexualmente Transmissível (IST) como um grave problema de saúde pública no Brasil. Segundo o Boletim Epidemiológico da Sífilis (Ministério Da Saúde, 2020), em 2019, foram notificados no Brasil 152.915 casos de sífilis adquirida (taxa de detecção de 72,8 casos/100 mil habitantes); 61.127 casos de sífilis em gestantes (taxa de detecção de 20,8/1.000 nascidos vivos); 24.130 casos de sífilis congênita (taxa de incidência de 8,2/1.000 nascidos vivos). Agravo de notificação compulsória desde 2010, a sífilis adquirida teve sua taxa de detecção aumentada de 2,0 casos por 100 mil habitantes em 2010 para 75,8 casos por 100 mil habitantes em 2018. Em comparação ao ano de 2017, observou-se aumento de 25,7% na taxa de detecção em gestantes, 5,0% na incidência de sífilis congênita e 32% na incidência de sífilis adquirida.

Como estratégia de indução de políticas públicas para o combate à sífilis, foi proposto o projeto "Pesquisa Aplicada para Integração Inteligente Orientada ao Fortalecimento das Redes de Atenção para Resposta Rápida à Sífilis", conduzido pelo Laboratório de Inovação Tecnológica em Saúde (LAIS/UFRN), via Termo de Execução Descentralizada (TED 54/2017 SVS/MS) entre a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e o Ministério da Saúde (MS). Dentre os objetivos do projeto, há o de desenvolver pesquisas acadêmicas, médicas, ações educativas e também ações de comunicação. Em 2018, foi desenvolvida a Campanha Nacional de Combate à Sífilis 2018-2019, com tema "teste, trate e cure" e o conceito "Lembre-se de se cuidar". A primeira fase da campanha foi veiculada entre

REVISÃO INTEGRATIVA PARA IDENTIFICAÇÃO E CLASSIFICAÇÃO DE NOTÍCIAS ESPONTÂNEAS SOBRE A SÍFILIS ENTRE 2015-2019 NO BRASIL

novembro e dezembro de 2018, envolvendo a mídia massiva nacional e ações em diversas cidades do Brasil em que os índices da sífilis são mais alarmantes. Em 2019, foram desenvolvidas ações principalmente nas redes sociais digitais (Pinto et al, 2020; De Moraes Pinto et al, 2021; Lacerda et al, 2021).

Uma campanha de comunicação pública (Porto, 2005) de amplitude nacional sempre acaba produzindo alguma repercussão na cobertura jornalística. A presença de um tema na agenda pública midiática acaba gerando o que McCombs (2009) denomina saliência (saliency), ou seja, aquele tema ganha destaque em um determinado período em relação a outros. Assim, o principal objetivo da pesquisa é mapear a produção noticiosa publicada entre 2015 e 2019 no Brasil sobre a temática da sífilis, para identificar e qualificar a mídia espontânea gerada sobre o agravo, tendo em vista a análise das correlações entre as ações de comunicação desenvolvidas pelo Projeto de Resposta Rápida à Sífilis, em 2018-2019, e o possível aumento de mídia espontânea sobre a temática em comparação aos anos de 2015-2017 (Pinto et al, 2020; De Moraes Pinto et al, 2021), de modo a compreender a importância de circulação desse conteúdo comunicacional para os diferentes públicos, sobretudo, os grupos humanos mais vulneráveis.

Em consonância com os objetivos do projeto principal acima apresentados, este artigo é resultado de um plano de trabalho de iniciação científica desenvolvido a partir de pesquisa bibliográfica que objetivou realizar uma revisão integrativa (Mendes et al, 2008; Souza et al, 2010; Costa De Araújo et al, 2021) sobre o conceito de mídia espontânea. O estudo identificou na produção bibliográfica cinco tipologias sobre o conceito de mídia espontânea, o que possibilitou uma distinção mais efetiva com relação aos conceitos de mídia proprietária e mídia paga. Isto posto, os resultados desta revisão integrativa puderam consolidar a hipótese da pesquisa principal de que a quantidade e a qualidade das notícias sobre sífilis publicadas no formato de mídia espontânea, ou seja, sem investimento financeiro para sua

Rafael **FOLETO**, Juliana Maria da Silva **LYRA**, Ana Cláudia Costa de **ARAÚJO**
e Juciano de Sousa **LACERDA**

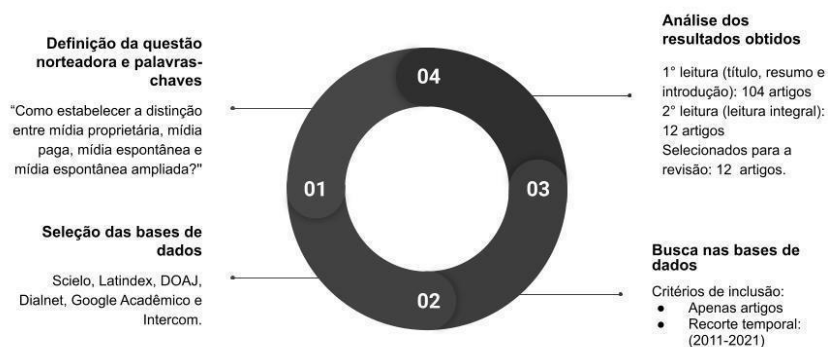
publicação, nem publicada nos sites proprietários ou parceiros do Projeto de Resposta Rápida à Sífilis, podem ser um indicador significativo para medir o impacto das ações de comunicação desenvolvidas no biênio de 2018-2019.

Metodologia

Para alcançar o objetivo geral deste estudo, optou-se pela utilização do movimento metodológico de uma revisão bibliográfica integrativa (conforme a figura 1), por ser definida como uma ferramenta de identificação, análise e síntese a respeito de um determinado assunto (Souza et. al., 2010), além de ser uma forma qualitativa de realizar a coleta, sistematização e análise dos dados (Mendes et al., 2008). O processo de elaboração da revisão integrativa é dividida em seis etapas: 1) elaboração da pergunta norteadora, para guiar a revisão integrativa e definição de descritores; 2) busca ou amostragem na literatura, a partir do estabelecimento de critérios de inclusão e exclusão de artigos; 3) definição dos dados a serem coletados e categorização dos estudos; 4) avaliação dos estudos incluídos, segundo os critérios estabelecidos na revisão; 5) interpretação e discussão dos resultados e 6) apresentação da síntese com a evidência dos principais resultados (Souza et. al., 2010; Costa De Araújo et al, 2021).



Figura 1: Etapas da revisão integrativa



Fonte: elaborado pelos autores

Dessa forma, o estudo foi guiado a partir da seguinte pergunta norteadora: "Como estabelecer a distinção entre mídia proprietária, mídia paga, mídia espontânea e mídia espontânea ampliada?". Em seguida, com base na pergunta norteadora, foram acordados os descritores (palavras-chave) e os termos, bem como os critérios de inclusão para a seleção das amostras. Para a busca dos artigos nas bases de dados, realizamos a inserção dos seguintes descritores: 'mídia espontânea'; 'mídia paga'; 'mídia proprietária'; 'mídia espontânea ampliada'. Como critérios de inclusão definiu-se por artigos científicos que apresentassem definições ou caracterizações sobre mídia espontânea, paga e proprietária, com recorte temporal entre os anos de 2011 a 2021, publicados nos idiomas português, inglês e espanhol e disponibilizados nas bases de dados selecionadas: SciELO, Latindex, DOAJ, Dialnet, Intercom e Google Acadêmico. Esses dados foram coletados, analisados e sintetizados conforme pode ser observado no item subsequente.

Rafael **FOLETTTO**, Juliana Maria da Silva **LYRA**, Ana Cláudia Costa de **ARAÚJO**
 e Juciano de Sousa **LACERDA**

Resultados

Nas sete bases de dados escolhidas, com os descritores determinados, não foram encontrados artigos correspondentes. É possível que as palavras-chave 'mídia espontânea'; 'mídia paga'; 'mídia proprietária' e 'mídia espontânea ampliada' não constassem como descritores em resumos e títulos dos artigos, mas no corpo do texto. Desta feita, somente quando realizada a busca com os mesmos descritores no Google Acadêmico foi possível identificar estudos correspondentes aos indicadores e critérios selecionados, resultando em uma amostra inicial de 142 artigos.

Com o intuito de afunilar o encaminhamento das análises, foram adicionadas duas etapas de filtragem. Na primeira, realizou-se leituras do título, resumo e introdução de cada artigo na busca de encontrar as palavras chaves presentes em cada tópico, reduzindo assim a amostra para 104 artigos. Na segunda etapa de filtragem, efetuou-se a leitura integral de todos os artigos incluídos no resultado parcial, na qual foram excluídas as pesquisas irrelevantes ao tema da revisão, resultando em uma amostra final composta por 12 artigos, que pode ser observada no quadro 1.

Quadro 1: Artigos coletados na revisão integrativa

Base de pesquisa	Título do artigo	Autores	Periódico (vol, nº, pág, ano)	Considerações
Google Acadêmico	A mídia espontânea no entretenimento: Um estudo de caso da série The Umbrella Academy.	(Flores; Medeiros, 2020)	Navus. v. 10. 01-23, 2020.	Identifica como a mídia espontânea gerada pelos fãs de um produto de entretenimento pode gerar amplitude para o mesmo, utilizando a série The Umbrella Academy como estudo de

REVISÃO INTEGRATIVA PARA IDENTIFICAÇÃO E CLASSIFICAÇÃO DE NOTÍCIAS ESPONTÂNEAS SOBRE A SÍFILIS ENTRE 2015-2019 NO BRASIL

				caso.
Google Acadêmico	Análise do Retorno de Mídia Espontânea Esportiva no Jornal Impresso Diário Catarinense.	(Caporal, 2013)	Monografia (Graduação em Educação Física) – Universidade Do Sul De Santa Catarina. Palhoça, p. 47. 2013.	Determina mídia espontânea como um espaço ganho pela empresa de maneira natural.
Google Acadêmico	Fred Forest: O Poder da Mídia Espontânea como Elemento de Criação Artística.	(Camargo, 2012)	Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) - Universidade Estadual Paulista. São Paulo, p. 72. 2012.	Define mídia espontânea e discute sua importância para a criação artística e como ela foi explorada pelo artista Fred Forest.
Google Acadêmico	Mídia Paga ou Espontânea? Percepções de profissionais de marketing e comunicação sobre a importância de anúncios publicitários e notícias.	(Lazarin; Slongo, 2016)	Revista Brasileira de Gestão e Inovação. v. 3, n. 2. jan/abr 2016.	Apresenta panoramas sobre as percepções dos profissionais sobre o investimento em mídia paga e a conquista de mídias espontâneas.
Google Acadêmico	Retratos da real beleza: uma análise sobre a mídia espontânea na campanha da marca Dove.	(Simon, 2013)	Monografia (Graduação em Publicidade e Propaganda) – Universidade de Passo Fundo. Passo Fundo, p. 94, 2013.	Analisa como a campanha “Retratos da real beleza”, da Dove, obteve repercussão inédita na publicidade brasileira que pode ter sido gerada através da mídia espontânea.
Google Acadêmico	O Impacto dos Owned e Earned Media no Brand Equity , Intenção de Compra e WOM, em Destinos Turísticos.	(Lopes, 2020)	Dissertação (Mestrado em Marketing) – Universidade de Coimbra. Coimbra, p. 78. 2020.	Diferencia mídia espontânea da mídia própria e explora o efeito das mídias sociais de propriedade das empresas no desempenho de vendas.
Google	Quantifying the	(Xie; Lee,	Thirty Fifth	Reúne novos

Rafael **FOLETTTO**, Juliana Maria da Silva **LYRA**, Ana Cláudia Costa de **ARAÚJO**
 e Juciano de Sousa **LACERDA**

Acadêmico	Impact of Earned and Owned Social Media Exposures in a Two-stage Decision Making Model of Brand Purchase.	2014)	International Conference on Information Systems. 1-17. 2014.	conhecimentos sobre a forma como os Earned e Owned Media nas redes sociais impactam o valor da marca, a intenção de compra e, também, o boca a boca.
Google Acadêmico	The Role of Paid and Earned Social Media on Consumer Behavior for Apparel Brands in China's Market: A quantitative method study.	(Zhou; Mickus; Guo, 2020)	Bachelor Degree Project (Business Administration) – Jönköping University, Suécia. 2020.	Investiga o efeito das exposições pagas e espontâneas nas mídias sociais e sua interação na compra da marca.
Google Acadêmico	Effectiveness of a Brand's Paid, Owned, and Earned Media in a Social Media Environment.	(Wan A, 2019)	Doctoral dissertation (Journalism and Mass Communications) - University of South Carolina Scholar Commons, Carolina. p. 77. 2019.	Analisa como os canais de mídia social pagos e ganhos podem afetar o comportamento dos clientes de vestuário na China.
Google Acadêmico	How Synergy Effects of Paid and Digital Owned Media Influence Brand Sales.	(Jayson; Block; Chen, 2018)	Journal Of Advertising Research, 77-89, 2018.	Explora como uma mídia paga, mídia própria e mídia espontânea podem influenciar e envolver seu público no ambiente das mídias sociais.
Google Acadêmico	Paid, Earned, Shared and Owned Media From the Perspective of Advertising and Public Relations Agencies: Comparing China and the United States.	(Xie; Neill; Schauster, 2018)	International Journal of Strategic Communication. 12:2, 160-179, 2018.	Examina a sinergia entre mídia paga e mídia própria, a partir da análise de diversas marcas mostrando que os dois componentes

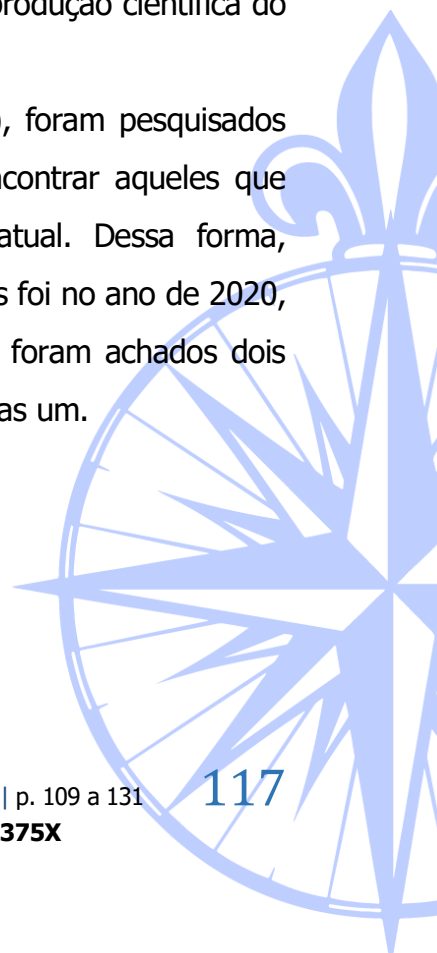
REVISÃO INTEGRATIVA PARA IDENTIFICAÇÃO E CLASSIFICAÇÃO DE NOTÍCIAS ESPONTÂNEAS SOBRE A SÍFILIS ENTRE 2015-2019 NO BRASIL

				foram mais eficazes juntos do que qualquer um dos componentes sozinhos.
Google Acadêmico	Paid, Owned and Earned Media: A Qualitative Comparative Analysis revealing Attributes Influencing Consumer's Brand Attitude in Social Media.	(Mattke; Muller; Maier, 2019)	Proceedings of the 52nd Hawaii International Conference on System Sciences. 802-811, 2019.	Observa a indefinição da mídia paga, ganha, compartilhada e própria na forma como os executivos da China e dos EUA definiram e usaram a mídia emergente.

Fonte: elaborado pelos autores

Dos 12 estudos selecionados para a revisão integrativa, observou-se que o Brasil e os EUA possuem o maior número de publicações que atenderam aos critérios de inclusão, sendo cinco de origem brasileira e quatro de origem norte-americana. Já os outros países presentes na amostra, Portugal, Suécia e Nova Zelândia tem apenas um artigo publicado por país, o que demonstra certa variedade espacial na produção científica do tema, pois abarca três continentes.

No que se refere ao recorte temporal (figura 2), foram pesquisados estudos publicados nos últimos dez anos a fim de encontrar aqueles que abordassem a temática em uma perspectiva mais atual. Dessa forma, percebeu-se que o maior número de artigos encontrados foi no ano de 2020, com três publicações. Já nos anos 2013, 2018 e 2019 foram achados dois artigos. Em 2012, 2014 e 2016 foram selecionados apenas um.



Rafael **FOLETTTO**, Juliana Maria da Silva **LYRA**, Ana Cláudia Costa de **ARAÚJO**
e Juciano de Sousa **LACERDA**

Figura 2: Cronologia das publicações



Fonte: elaborado pelos autores

Compreende-se que os dados analisados anteriormente são relevantes para uma contextualização das publicações sobre a temática da pesquisa, de modo a revelar características espaciais, temporais, metodológicas e teóricas. Convém ressaltar que, esses dois últimos itens, estão problematizados na sequência do texto, por meio da revisão sistemática de literatura.

Discussão

Mediante revisão sistemática da literatura, acerca do conceito de mídia espontânea, notou-se que dentre as definições encontradas nos 12 artigos parte delas apresentavam aplicações diferentes no tocante ao uso da mídia. Nessa perspectiva, classificamos mídia espontânea sob cinco óticas distintas: 1) Mídia espontânea como atitude do consumidor (boca-a-boca) (Flores; Medeiros 2020; Lopes, 2020; Zhou; Mickus; Guo, 2020; Wan, 2019; Jayson; Block, 2018; Xie; Lie, 2014); 2) Mídia espontânea como atitude voluntária do

REVISÃO INTEGRATIVA PARA IDENTIFICAÇÃO E CLASSIFICAÇÃO DE NOTÍCIAS ESPONTÂNEAS SOBRE A SÍFILIS ENTRE 2015-2019 NO BRASIL

veículo de comunicação (Lopes, 2020; Lazarin y Slongo, 2016; Caporal, 2013; Camargo, 2012) 3) Mídia espontânea como esforço intencional da organização (Lazarin y Slongo, 2016; SIMON, 2013); 4) Mídia espontânea como publicidade encoberta (Xie; Neill, Schauster, 2018; Mattke; Muller; Maier, 2019; Simon, 2013); e 5) Mídia espontânea via jornalismo como forma de diminuir saturação por mensagens publicitárias (Simon, 2013). Conforme pode ser observado no quadro 2, que será melhor detalhado na sequência.

Quadro 2: Número de capas e reportagens

Categoria	Conceito
Mídia espontânea como atitude do consumidor	Mídia espontânea não é gerada pela marca e que ganha ressonância por meio do compartilhamento entre os sujeitos
Mídia espontânea como atitude voluntária do veículo de comunicação	Conteúdo que é considerado pelo veículo como relevante para ser compartilhado com o público. Muitas vezes, esse conteúdo é elaborado por assessorias de comunicação
Mídia espontânea como esforço intencional da organização	Notícias e conteúdos produzidos com base em esforços e estratégias de marketing para a promoção de uma determinada ação ou produto, que pode se tornar viral
Mídia espontânea como publicidade encoberta	Conteúdo publicitário veiculado nos meios de comunicação com caráter jornalístico
Mídia espontânea via jornalismo como forma de diminuir a saturação por mensagens publicitárias	Conteúdo mais sofisticado em termos de veiculação de publicidades no conteúdo jornalístico, muitas vezes, utilizando de declarações e compartilhamentos de sujeitos

Fonte: elaborado pelos autores.

Rafael **FOLETTTO**, Juliana Maria da Silva **LYRA**, Ana Cláudia Costa de **ARAÚJO**
e Juciano de Sousa **LACERDA**

No que se refere à mídia espontânea como atitude do consumidor, os autores Flores e Medeiros (2020) referenciam Kotler (2000) para afirmar que a mídia espontânea não é gerada pela marca e é convincente por vir do próprio consumidor. O autor Lopes (2020), menciona Muñiz e Schau (2007) para explicar que o conteúdo gerado sobre marcas e produtos nos Earned Media é muitas vezes descrito na literatura como “marketing vigilante”, Lopes também cita Christodoulides (2012) afirmando que o uso deste conceito espelha o caráter imparcial que é associado ao conteúdo gerado pelo consumidor e a forma como ele é entendido como credível e confiável. Xie e Lie (2014) definem mídia obtida como exposições em mídia social que não são diretamente geradas pela empresa, mas sim por outras entidades, como fãs no Facebook. Os pesquisadores Zhou, Mickus e Guo (2020), citam Chaffey e Smith (2017) para definir mídia ganha como mídia social, que envolve a formação de redes sociais (Word-of-Mouth) por terceiros para ganhar publicidade para as empresas, como informações compartilhadas, recomendações e reportagens em mídias sociais. Wan (2019), trata a mídia conquistada como a exposição gratuita na mídia ou o conteúdo gerado pelo usuário que é nem controlado nem comprado pela empresa. Por fim, Jayson e Block referenciam Stephen e Galak (2012) e definem a mídia conquistada como “atividades de mídia que são geradas por outras entidades, como clientes”, como o boca a boca.

Sob a ótica mídia espontânea como atitude voluntária do veículo de comunicação, o autor Caporal (2013), cita Souza (2011) ao dizer que a mídia espontânea é de interesse próprio do veículo quando considera relevante para ser transmitido a seu público. O autor Camargo (2012), referência Houaiss para afirmar que a exposição acontece de forma voluntária e cita Ries e Ries (2003), acrescentando que a mídia ganha também pode ser considerada uma estratégia de mídia sem custo para a empresa/organização,

REVISÃO INTEGRATIVA PARA IDENTIFICAÇÃO E CLASSIFICAÇÃO DE NOTÍCIAS ESPONTÂNEAS SOBRE A SÍFILIS ENTRE 2015-2019 NO BRASIL

sendo resultado de esforços da assessoria de imprensa e das relações públicas. Lazarin e Slongo (2016) alegam que as mídias espontâneas, em uma perspectiva não-comercial, possuem características informativas e ocorrem sem controle da organização referenciada, podendo, inclusive, ser indesejada pela organização a forma como foi representada na notícia. Por fim, o pesquisador Lopes (2020), cita Baetzgen (2015) para definir o termo Earned Media como o conteúdo disseminado em meios públicos por entidades externas à marca, como jornalistas ou os próprios consumidores, na qual a marca não tem qualquer controle.

Já na classificação mídia espontânea como esforço intencional da organização, os autores Lazarin e Slongo (2016) afirmam que as mídias espontâneas são resultados de notícias que fazem referência a uma organização ou produto, por decisão editorial da empresa jornalística, mas como fruto de esforços intencionais da empresa em "cavar" mídia espontânea. O pesquisador Simon (2013) aponta que a mídia espontânea acontece no marketing de guerrilha e referência Inocêncio Dantas e Arruda (2013) para definir marketing de guerrilha como uma ação que faz sucesso e chama a atenção dos veículos de comunicação, que relatam acontecimentos gerando notícias, sem a empresa pagar pelo espaço na mídia.

Em relação à tipificação mídia espontânea como publicidade encoberta, Simon (2013), menciona Lloyd H e Lloyd P (1985, p. 35) para mostrar que mídia ganha é uma publicidade encoberta, "publicidade regida: a tentativa de apresentar a publicidade como se fosse notícia", o autor cita também a declaração dada por Guimarães, no blog IFD, que define mídia espontânea como notícias divulgadas pela empresa com um formato jornalístico nos veículos de comunicação, para atingir diferentes públicos de interesse. Os pesquisadores Xie, Neill, Schauster (2018), citam Stephen e Galak (2012) e interpretam a mídia espontânea como a publicidade editorial gerada por meio de atividades de relações com a mídia.

Rafael **FOLETTTO**, Juliana Maria da Silva **LYRA**, Ana Cláudia Costa de **ARAÚJO**
e Juciano de Sousa **LACERDA**

No que concerne a mídia espontânea via jornalismo como forma de diminuir a saturação por mensagens publicitárias, o pesquisador Simon (2013) diz que, de acordo com Katz (2004), quando o consumidor começa a pensar mais sobre a mensagem publicitária, ele pode sentir-se incomodado com o volume de publicidade que o cerca, sendo a mídia espontânea uma forma de se colocar informação e publicidade juntas em uma notícia. Já os autores Mattke, Muller e Maier (2019) afirmam que a mídia ganha se refere a postagens relacionadas à marca nas mídias sociais que não são geradas diretamente pela empresa, mas sim por um influenciador, sendo vista como mais credível e confiável.

Quando autores afirmam que a mídia espontânea seria um tipo de publicidade encoberta Simon (2013), percebe-se que o desafio de estabelecer a distinção entre mídia proprietária, mídia paga e mídia espontânea não é um exercício simples. Em relação à mídia proprietária, a pesquisa identificou três formas de caracterização: 1) Canais pessoais ou não pessoais por meio de mídias sob controle da organização (Flores; Medeiros, 2020; Lopes, 2020; Jayson; Block, 2018; Xie; Neill; Schauster, 2018); 2) mídias em que o conteúdo não é mediado/produzido por uma empresa de comunicação, mas pela própria empresa detentora da marca/mercado (Lopes, 2020; Xie; Lie, 2014; Xie; Neill; Schauster, 2018; Mattke; Muller; Maier, 2019); e 3) mídias por intermédio das quais a própria empresa faz gestão da sua marca em interação direta com os consumidores (Lopes, 2020; Wan, 2019).

No que se refere à mídia própria com canais pessoais ou não pessoais por meio de mídias sob controle da organização, os autores Flores e Medeiros (2020) dizem que comunicação de marcas se inicia pelos meios em que as mesmas podem controlar e referência Kotler e Armstrong (2007) para pontuar que esses canais, sendo pessoais ou não, são caracterizados

REVISÃO INTEGRATIVA PARA IDENTIFICAÇÃO E CLASSIFICAÇÃO DE NOTÍCIAS ESPONTÂNEAS SOBRE A SÍFILIS ENTRE 2015-2019 NO BRASIL

principalmente por carregarem o propósito da empresa em suas mensagens, utilizando os veículos e mídias em que a empresa pode controlar. O autor Lopes (2020) define o termo "Owned Media", baseando-se em Mattke (2020), como todos os posts nas mídias sociais relacionados a uma marca, gerados pela própria empresa/organização e postados nas páginas que a empresa controla. Jayson e Block (2018) dizem que a mídia própria refere-se às atividades que uma empresa ou seus agentes geram nos canais que controla. Os autores Xie, Neill e Schauster (2018) apontaram que os chineses consideram, em sua maioria, as contas públicas de clientes nas redes sociais e aplicativos móveis de marca como exemplos de mídia própria, e os norte-americanos descrevem mídia própria como "qualquer coisa que a empresa está se criando para contar suas histórias".

Em relação à mídia própria como mídias em que o conteúdo não é mediado/produzido por uma empresa de comunicação, mas pela própria empresa detentora da marca/mercado, o autor Lopes (2020) aborda que na definição de Owned Media existem duas importantes dimensões a ter em conta: em primeiro lugar, estas estruturas de comunicação são detidas por empresas cujo foco de negócio não é o mercado de comunicação e, em segundo lugar, a empresa proprietária inicia e controla a produção e distribuição de conteúdo sem qualquer custo associado à compra de espaço em outros meios (*paid media*). Xie e Lie (2014), entendem como mídia social de propriedade as exposições em mídias sociais geradas pela empresa nos canais que controla. Os pesquisadores Xie, Neill e Schauster (2018), definem mídia própria como os meios de comunicação e o conteúdo controlado por organizações. Já os autores Mattke, Muller e Maier (2019), dizem que mídia própria se refere a postagens gratuitas em mídias sociais, relacionadas a uma marca, que são geradas pela empresa e postadas no canal de mídia social que a mesma controla.

No que se refere à mídia própria como mídia através da qual a própria empresa faz gestão da sua marca em interação direta com os consumidores,

Rafael **FOLETTTO**, Juliana Maria da Silva **LYRA**, Ana Cláudia Costa de **ARAÚJO**
e Juciano de Sousa **LACERDA**

para o autor Lopes (2020), os Owned Media assumem fulcral importância para a gestão da marca após a afirmação das redes sociais e, uma vez que facilitam aspetos como a constante interação social com o consumidor, a diferenciação do produto, o engajamento dos públicos-alvo, a lealdade e ajudam também a dissolver e atenuar a distância à publicidade. O pesquisador Wan (2019), diz que a mídia própria é qualquer conteúdo de mídia, impresso ou digital, que as empresas podem controlar e usar para alcançar públicos.

Nos casos acima, quando a própria empresa dona da marca atua com mídias próprias com a perspectiva de falar sem intermediários com seus clientes, fornecedores e público em geral há um ganho em termos de garantir uma voz oficial que busca fazer ligação direta com a sociedade. Contudo, os autores destacam que há um diferencial em criar estratégias por intermédio de mídia paga, pois esta é a razão primeira da publicidade: atuar em grande escala, com investimento financeiro em empresas especializadas, as agências, na tentativa de ser mais assertivos aos públicos-alvo. Ambas caracterizações da mídia paga apontam esta estratégia como base da publicidade, confundido-se com ela mesma: 1) é a natureza pública da propaganda desenvolver uma estratégia direcionada e precisa para atingir o público-alvo via investimento financeiro direto em publicidade (Flores; Medeiros, 2020; Zhou; Mickus; Guo 2020; Jayson; Block 2018; Xie; Neill; Schauster, 2018; Mattke; Muller; Maier, 2019); 2) é publicidade tradicional em sua forma mais clássica, principal estratégia do mix de marketing (Lazarin Y Slongo, 2016; Zhou; Mickus; Guo, 2020; Wan, 2019; Xie; Neill; Schauster, 2018).

No que concerne à mídia paga como a natureza pública da propaganda – estratégia direcionada e precisa para atingir o público-alvo via investimento financeiro direto em publicidade os autores Flores e Medeiros

REVISÃO INTEGRATIVA PARA IDENTIFICAÇÃO E CLASSIFICAÇÃO DE NOTÍCIAS ESPONTÂNEAS SOBRE A SÍFILIS ENTRE 2015-2019 NO BRASIL

(2020) definem como mídia paga o processo de escolha de veículos de comunicação mais adequados e precisos para o anunciante, que remete à história da propaganda. Os pesquisadores Zhou, Mickus e Guo (2020) afirmam que a mídia paga envolve publicidade para os profissionais de marketing, o que afeta diretamente o comportamento do cliente. Jayson e Block (2018) definem Mídia paga como atividades de mídia que uma empresa ou seus agentes geram e pagam. Xie, Neill e Schauster (2018) apontam que os executivos na China e nos Estados Unidos definiram mídia paga de forma consistente como a mídia que “você tem que pagar para colocar”. Por fim, Mattke, Muller e Maier (2019) entendem mídia paga como postagens patrocinadas relacionadas a uma marca, que são geradas e pagas pela respectiva empresa.

Sob a ótica da mídia paga como publicidade tradicional em sua forma mais clássica, principal estratégia do mix de marketing, os autores Lazarin e Slongo (2016), citam Spotts (2014) para dizer que a mídia paga constitui-se de apelos sempre favoráveis e controlados diretamente pela organização anunciante. Essa modalidade ainda tem a possibilidade de repetição, por meio de uma frequência definida pelo planejamento da campanha publicitária. Os pesquisadores Zhou, Mickus e Guo (2020), referenciam Richard e Lovett (2016) para definir mídia paga como a forma de investimento para anunciar em plataformas de mídia social, promovendo o reconhecimento da marca e influenciando os clientes online em potencial de outros sites. Wan (2019) interpreta mídia paga como a mídia comprada pela empresa (também conhecida como publicidade), que pode ser tradicional ou anúncio online. Por fim, os autores Xie, Neill e Schauster (2018) mencionam Macnamara (2016) para definir mídia paga como a “publicidade tradicional e outras formas de conteúdo contratadas comercialmente entre organizações e mídia de massa”.

Com base nessa revisão, compreende-se a importância de incluir no planejamento de campanhas de saúde, as possibilidades de incidência

Rafael **FOLETTTO**, Juliana Maria da Silva **LYRA**, Ana Cláudia Costa de **ARAÚJO**
e Juciano de Sousa **LACERDA**

espontânea do conteúdo na mídia, por meio de linguagens e produções que possam não apenas gerar conteúdos midiáticos, como também ações em espaços públicos, de modo a ganhar ressonância em outros espaços midiáticos, como em entrevistas e em matérias jornalísticas. O aumento de volume de mídia espontânea numa determinada campanha nacional pública de prevenção e tratamento da sífilis, por exemplo, conseguiu demonstrar que além de haver a expansão da mídia espontânea, em comparação com outros anos, houve também o crescimento da qualidade dessa cobertura midiática (Pinto et al, 2023).

Dessa forma, o conteúdo produzido pela campanha incidindo nos diferentes suportes e meios de comunicação e circulando em variados espaços sociais dinamiza os resultados esperados no planejamento. Pois, essa ampliação do acesso à informação, tem impacto na qualidade de vida, principalmente, dos grupos sociais que podem desconhecer as formas de diagnóstico e tratamento da doença abordada no conteúdo desenvolvido, como no caso da sífilis. Ainda, há também o impacto nas políticas públicas de saúde, a partir, por exemplo, do aumento da procura por tratamento, com base na compreensão do conteúdo da campanha, o que demonstra a permeabilidade do tema na sociedade. Enfim, o desenvolvimento de uma campanha de saúde requer estratégia para não gerar situações de insucesso ou desconforto, bem como para conferir cuidado, atenção, inclusão e humanização ao seu conteúdo.

Reflexões finais

A revisão integrativa possibilitou identificar na produção bibliográfica cinco tipologias sobre o conceito de mídia espontânea, três para caracterizar a mídia proprietária e duas para a mídia paga. A síntese dos resultados

REVISÃO INTEGRATIVA PARA IDENTIFICAÇÃO E CLASSIFICAÇÃO DE NOTÍCIAS ESPONTÂNEAS SOBRE A SÍFILIS ENTRE 2015-2019 NO BRASIL

encontrados nos doze artigos analisados aponta para a complexidade da abordagem sobre a mídia espontânea.

Nessa perspectiva, a partir da literatura revisada, compreende-se que a mídia espontânea pode ser gerada pelo esforço de uma organização em comunicar bem e com intensidade e qualidade seus produtos ou ações. Contudo, o resultado dela é gerado pelos próprios públicos ou por veículos de comunicação, de maneira voluntária e sem a necessidade de autorização por parte da organização. Não ter o controle editorial do que se espalha espontaneamente pode parecer ruim à primeira vista, mas possibilita que mais e mais pessoas e grupos da sociedade tenham acesso à informação, que ficaria restrita aos horários de veiculação paga dos planos de mídia das agências. Além disso, a geração de mídia espontânea possibilita que outras vozes e outros pontos de vista explorem o tema da campanha desenvolvida pela organização sem que o público fique saturado somente com mensagens com estética publicitária, acessando as mesmas ideias sob uma ótica da linguagem jornalística ou pela pluralidade de vozes dos distintos públicos.

Ademais, os resultados desta revisão integrativa corroboram com a hipótese de que a quantidade e a qualidade das notícias sobre sífilis publicadas no formato de mídia espontânea, ou seja, sem investimento financeiro para sua publicação nem publicada nos sites proprietários ou parceiros do Projeto “Sífilis Não!”, são um indicador relevante para medir a repercussão, o impacto e o sucesso das ações de comunicação desenvolvidas no biênio de 2018-2019. O considerável crescimento do volume de notícias espontâneas sobre sífilis identificados durante o período de cobertura do Projetos “Sífilis Não” (Pinto et al, 2020; De Moraes Pinto et al, 2021) demonstra que o volume de mídia espontânea é um indicador significativo da presença da tematização do agravo na agenda/pauta da mídia e, portanto, com grandes chances de fortalecer-se na agenda pública da sociedade.

Em suma, é uma das formas de medir o sucesso de uma campanha e de contribuir com processos de avaliação de ações de comunicação em

Rafael **FOLETTTO**, Juliana Maria da Silva **LYRA**, Ana Cláudia Costa de **ARAÚJO**
e Juciano de Sousa **LACERDA**

saúde. Ao mesmo tempo, representa uma contribuição importante para os estudos da mídia na interface com a saúde pública, campo do conhecimento que vem se estabelecendo no país, cujos resultados da investigação podem gerar subsídios que desenvolvam conteúdos e novas investigações na graduação e na pós-graduação no campo da comunicação e da educomunicação em saúde, seja na UFRN ou em outras instituições de ensino e pesquisa.

Referências

CAPORAL, C. **Análise do retorno de mídia espontânea esportiva no Jornal Impresso Diário Catarinense**. 2013. Monografia (Graduação em Educação Física). Universidade do Sul de Santa Catarina. Palhoça, 2013, 47 p.

CAMARGO, M. **Fred Forest: O poder da mídia espontânea como elemento de criação artística**. 2012. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais). Universidade Estadual Paulista. São Paulo, 2012, 72 p.

COSTA DE ARAÚJO, A. C.; Paiva, J.; De Sousa Lacerda, J.; Marcos Molano, M. Avaliação de campanhas de saúde: uma revisão integrativa sobre a construção de indicadores. **Anuario Electrónico de Estudios en Comunicación Social "Disertaciones"**, v. 14, n. 2, p. 1-13, Jul-Dic. 2021.

DE MORAIS PINTO, R.; DE MEDEIROS VALENTIM, R.A.; FERNANDES DA SILVA, L. et al. Analyzing the reach of public health campaigns based on multidimensional aspects: the case of the syphilis epidemic in Brazil. **Bmc Public Health**, 21, 1632, 2021.

FLORES, J.; MEDEIROS, D. A mídia espontânea no entretenimento: um estudo de caso da série The Umbrella Academy. **Navus**, Florianópolis-Sc, v. 10, n. 1, p. 01-23, jan./dez. 2020. Disponível em: <http://Navus.Sc.Senac.Br/Index.Php/N>. Acesso em: 28 maio 2024.

JAYSON, R.; BLOCK, M.; CHEN, Y. How synergy effects of paid and digital owned media influence brand sales. **Journal of Advertising Research**, v. 58, n. 1, p. 77-89, 2018. Disponível em: <http://www.journalofadvertisingresearch.com/content/58/1/77.short>. Acesso em: 31 maio 2024.

LACERDA, J. S.; MUNEIRO, L. C.; OLIVEIRA JUNIOR, M. S.; ARAUJO, K. S.; ARAÚJO, A. C. C.; PAIVA, J. C. L. Sentidos produzidos sobre campanhas de prevenção da sífilis: algumas perspectivas sobre possíveis mediações. TRINDADE, Eneus Et Al. (Org.). **Comunicação e Mediações: Novas Perspectivas**. São Paulo: ECA-USP, 2021, p. 208-226. Disponível em: <http://www.livrosabertos.Sibi.Usp.Br/Portaldelivrosusp/Catalog/View/583/519/1975-1>

LAZARIN, L. Y; SLONGO, L. Mídia paga ou espontânea? Percepções de profissionais de marketing e comunicação sobre a importância de anúncios publicitários e notícias. **Revista Brasileira de Gestão e Inovação**, v. 3, n. 2, p. 1-24, Jan./Abr., 2016. Disponível em: <http://www.Ucs.Br/Etc/Revistas/Index.Php/Rbgi/Index>. Acesso em: 28 maio 2024.

LOPES, D. **O impacto dos owned e earned media no brand equity, intenção de compra e wom, em destinos turísticos**. 2020. Dissertação (Mestrado em Marketing). Universidade de Coimbra. Coimbra, 2020, p. 78. MATTKE, J.; MULLER, L.; MAIER, C. PAID. Owned and earned media: a qualitative comparative analysis revealing attributes influencing consumer's brand attitude in social media. **Proceedings of the 52nd hawaii international conference on system sciences**, 2019, p. 802-811. Disponível em: <https://ssrn.com/Abstract=3453881>. Acesso em: 01 jun. 2024.

MENDES, K.; SILVEIRA, R.; GALVÃO, C. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 17, n. 4, p. 758-764, dez. 2008.

Rafael **FOLETTTO**, Juliana Maria da Silva **LYRA**, Ana Cláudia Costa de **ARAÚJO**
e Juciano de Sousa **LACERDA**

PINTO, R.; SILVA, L.; VALENTIM, R.; OLIVEIRA, C.; LACERDA, J.; SILVA, R.; PAIVA, J.; VIVEKANANDAN, K. "Assessing the impact of public health campaigns through epidemiological, communication and education indicators." In 2020 **Ieee 20th International Conference On Advanced Learning Technologies** (Icalt), 2020, p. 147-149.

PINTO, R.; LACERDA, J.; SILVA, L.; ARAÚJO, A. C.; FONTES, R.; LIMA, T. S.; MIRANDA, A. E.; SANJUÁN, L.; OLIVEIRA, H. G.; ATUN, R.; VALENTIM, R. Text Mining analysis to understand the impact of online news on public health response: case of syphilis epidemic in Brazil. **Frontiers In Public Health**, v. 11, n. 1248121, 2023.

RIES, A. Y RIES, L. **Queda da propaganda: da mídia paga a mídia espontânea**. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 2023.

SIMON, A. **Retratos da real beleza: uma análise sobre a mídia espontânea na campanha da marca Dove**. 2013. Monografia (Graduação em Publicidade e Propaganda). Universidade De Passo Fundo. Passo Fundo, 2013, 94 p.

SOUZA, Marcela Tavares de; SILVA, Michelly Dias da; CARVALHO, Rachel de. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein** (São Paulo), v. 8, n. 1, p. 102-106, jan. 2010. <https://doi.org/10.1590/S1679-45082010RW1134>

WAN, A. **Effectiveness of a brand's paid, owned, and earned media in a social media environment**. 2019. Dissertation (Doctor of Philosophy in Mass Communications). University Of South Carolina, Estados Unidos da América, 2019. Disponível em: <https://Scholarcommons.Sc.Edu/Etd/5262>. Acesso em: 31 maio 2024.

XIE, K; LEE, Y. J. Quantifying the impact of earned and owned social media exposures in a two-stage decision making model of brand purchase. **Thirty Fifth International Conference on Information Systems**, Auckland, 2014, p. 1-17. Disponível Em:

**REVISÃO INTEGRATIVA PARA IDENTIFICAÇÃO E CLASSIFICAÇÃO DE NOTÍCIAS
ESPONTÂNEAS SOBRE A SÍFILIS ENTRE 2015-2019 NO BRASIL**

[Http://Citeseerx.Ist.Psu.Edu/Viewdoc/Download?Doi=10.1.1.867.2797&Rep=Rep1&Type=Pdf](http://Citeseerx.Ist.Psu.Edu/Viewdoc/Download?Doi=10.1.1.867.2797&Rep=Rep1&Type=Pdf). Acesso em: 29 maio 2024.

XIE, Q.; NEILL, M.; SCHAUSTER, E. Paid, earned, shared and owned media from the perspective of advertising and public relations agencies: comparing china and the united states. **International Journal of Strategic Communication**, v. 12, n. 2, p. 160-179, jan. 2018. Disponível em: <https://www.Tandfonline.Com/Doi/Full/10.1080/1553118x.2018.1426002>. Acesso Em: 01 jun. 2024.

ZHOU, P.; MICKUS, A.; GUO, X. **The role of paid and earned social media on consumer behavior for apparel brands in china's market: a quantitative method study**. 2020. Bachelor Degree Project (Business Administration). Jönköping University, Suécia, 2020. Disponível em: <https://www.sci-hub.se/10.1080/1553118x.2018.1426002>. Acesso em: 29 maio 2024.

A DESINFORMAÇÃO E O APROFUNDAMENTO DA VIOLÊNCIA POLÍTICA DE GÊNERO

DISINFORMATION AND THE DEEPENING OF GENDER POLITICAL VIOLENCE

Marinézia Gomes TONÉ¹
Laerte José Cerqueira da SILVA²
Universidade Federal da Paraíba | Brasil

Resumo

O debate sobre a desinformação tem crescido e, com o avanço tecnológico, as informações falsas e manipuladas têm causado graves problemas no mundo. Este artigo analisa como a desinformação, com foco no gênero, aprofunda a violência política, um dos principais entraves para a participação feminina na política. O percurso metodológico se deu através da pesquisa bibliográfica para entender os conceitos e relacioná-los, além da análise de conteúdo de três sites de jornalismo político da Paraíba, destacando dois fatos envolvendo uma deputada estadual e uma prefeita paraibana. Os resultados demonstraram que a desinformação de gênero no webjornalismo reforça a narrativa hegemônica de desqualificação das mulheres na política, causando danos não só a este grupo social, mas à democracia representativa.

Palavras-chave

Desinformação; Webjornalismo; Violência política de gênero; Participação política.

Abstract

The debate on disinformation is growing and, with technological advances, false and manipulated information is causing serious problems around the world. This article analyzes how disinformation, with a focus on gender, deepens political violence, one of the main obstacles to female participation in politics. The methodological approach was based on bibliographical research to understand the concepts and relate them, as well as content analysis of three political journalism websites in Paraíba, highlighting two events involving a state deputy and a female mayor from Paraíba. The results showed that gender disinformation in web journalism reinforces the hegemonic narrative of disqualification of women in politics, causing damage not only to this social group, but also to representative democracy.

Keywords

Disinformation; Web journalism; Political gender violence; Political participation.

RECEBIDO EM 9 DE DEZEMBRO DE 2024
ACEITO EM 23 DE DEZEMBRO DE 2024

¹ Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Graduada em Jornalismo e Rádio e TV pela UFPB. Experiência em gestão pública nas políticas de gênero, cultura e comunicação. Email: neziagomes@yahoo.com.br.

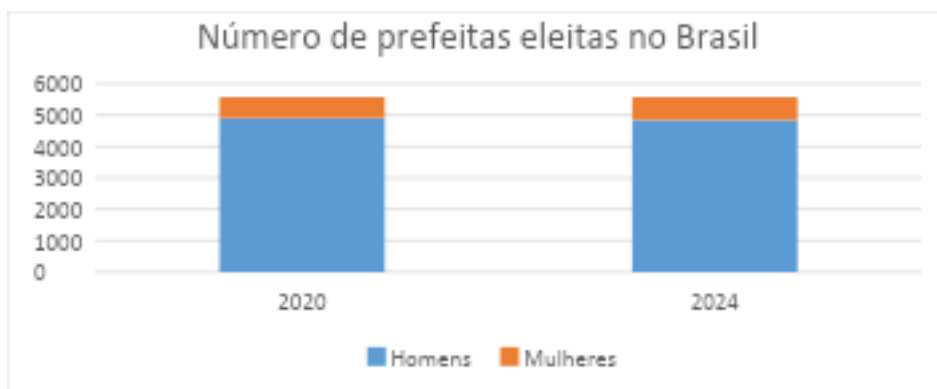
² Jornalista, professor do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFPB. Doutor em Comunicação pela UFPE. Email: laerte.cerqueira@academico.ufpb.br

Introdução

A arena política ainda é um espaço majoritariamente masculino e repleto de diversas violências. É neste ambiente que as principais decisões da sociedade passam, mas também é neste campo que as disputas por uma cadeira de poder, seja ela no Executivo ou no Legislativo, fazem da política um lugar de privilégios e de uma concorrência desigual. Chegar aos espaços de poder, até pouco tempo atrás na história, só era possível para homens e com condições sociais abastadas. Segundo Rabay e Carvalho (2010, p.11), as mulheres conquistaram o direito de votar e serem votadas no Brasil em 1932, mas “apenas nas últimas décadas começaram a ocupar espaços na direção e representação política”. Mas a garantia deste direito não possibilitou que elas chegassem em segurança e exercessem sua cidadania. Este sempre foi um campo minado, com desafios e violências.

Segundo dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), as mulheres representam 52% do eleitorado e, nas eleições de 2024, do total de candidaturas registradas, 155.000 foram de mulheres e 301.310 de homens, o que representa quase 34%. Dos 5.565 municípios do Brasil, 726 serão administrados por mulheres a partir de 2025. Destas, apenas duas capitais, Campo Grande/MS e Aracaju/SE. Na Paraíba, das 10.234 candidaturas registradas no pleito de 2024, tivemos a participação de 3.464 mulheres (34%) e 6.770 homens (66%). Comparado às eleições municipais de 2020, o percentual no estado teve um aumento de apenas um ponto, passando de 12% para 13%, como mostra o *gráfico 01*.

Gráfico 1 - Representação dos números de eleitos nos municípios da PB por gênero.



Fonte: TSE

Apesar de os números ainda apresentarem uma desigualdade na participação feminina e, comparando com as eleições municipais de 2020, os resultados das urnas trouxeram um avanço no número de mulheres eleitas no estado. Dos 223 municípios, 54 prefeituras serão administradas por mulheres, um aumento de 45% em relação à última eleição que deu a vitória a 37 candidaturas femininas (*gráfico 2*). Nas Câmaras municipais, houve também um aumento de 25% (Fechine, 2024), e das 2.565 cadeiras de vereadores espalhadas na Paraíba, 452 serão ocupadas por mulheres.

Gráfico 2 - Representação dos números de mulheres eleitas nos municípios da PB – eleições 2020 e 2024.



Fonte: TSE

O aumento da participação feminina na política paraibana segue uma tendência nacional, mas está longe de uma paridade. As mulheres têm buscado avançar na educação e no mercado de trabalho, mas continuam a passos lentos no que se refere à conquista de espaços na política. Um dos fatores para esta realidade é a violência política de gênero que, por décadas, foi naturalizada no universo político. Atos como interromper falas, silenciando microfones, adjetivando de desequilibrada num debate acalorado, excluindo de comissões importantes ou debates políticos, assédios e até ameaças de morte, são apenas algumas situações de violências que as mulheres sofrem na sua atuação política. Tavares e Borges (2023) ainda acrescentam a esta realidade a desinformação de gênero como um pilar da violência política, “que busca minar a liberdade de expressão e enfraquecer os fundamentos democráticos”.

Este artigo pretende analisar como a desinformação, com enfoque no gênero, pode aprofundar a violência política contra as mulheres e os impactos que têm na sociedade. A proposta metodológica é a análise de conteúdo, numa perspectiva de “exploração qualitativa de mensagens e informações” (Moraes, 1999, p.8). Outro percurso utilizado para a construção deste artigo foi a pesquisa bibliográfica, que possibilitou trazer alguns conceitos e reflexões sobre a desinformação e violência política de gênero.

A análise de conteúdo foi aplicada em dois fatos divulgados em sites jornalísticos paraibanos, que envolveram a deputada estadual Estela Bezerra e a prefeita de Conde, Márcia Lucena. As matérias foram escolhidas a partir de pesquisa nos portais que têm como foco a política paraibana, são eles: *Polítika*, *Blog Anderson Soares* e *Blog Helder Moura*. Esse caminho desenvolvido possibilitou entender como as informações falsas, criadas com o propósito de causar danos, têm sido um instrumento

constante de violência política de gênero, a fim de desmotivar as mulheres na participação política.

Violência política de gênero

A violência política de gênero é uma das consequências deixadas pela exclusão histórica que as mulheres vivenciaram na sociedade. Por décadas, atos violentos foram normalizados e muitas mulheres foram constrangidas, assediadas e até mortas por conta da ousadia de participar da política.

O Brasil, assim como outros países da América Latina, tem buscado avançar em legislações que possam diminuir a distância nos números de homens e mulheres na representação política do país. Por entender que a violência política de gênero favorece nos baixos números de representações femininas nos espaços de poder, a partir de 2000, o debate sobre a problemática foi ganhando espaço na pesquisa acadêmica, nos legislativos e na Justiça. “Nos últimos dez anos, vários países latinos começaram a tomar providências, no âmbito jurídico, para a erradicação desse tipo de violência de gênero que atinge os direitos políticos e humanos das mulheres” (Araújo, 2023).

Em 2021, no Brasil, foi sancionada a Lei nº 14.192, que criminaliza os atos de violência vivenciados por mulheres em todas as etapas do processo político. Segundo a lei, em seu artigo 3º, a violência política de gênero é definida como:

Art. 3º - Considera-se violência política contra a mulher toda ação, conduta ou omissão com a finalidade de impedir, obstaculizar ou restringir os direitos políticos da mulher.

Parágrafo único. Constituem igualmente atos de violência política contra a mulher qualquer distinção, exclusão ou restrição no reconhecimento, gozo ou exercício de seus direitos e de suas liberdades políticas fundamentais, em virtude do sexo (Brasil, 2021).

Para uma parcela importante das mulheres, a realidade é marcada pela violência doméstica, dupla jornada de trabalho, salários diferenciados e solidão na maternidade. Esta conjuntura, aliada às diversas violências na política, seja no partido, militância social e espaços de poder, se transformam em barreiras que impedem a participação feminina e sua permanência na vida pública. Para Biroli (2016), a violência que incide sobre as mulheres que ousam romper as barreiras convencionais e atuar na política institucional ou no ativismo. Violências que “sobrepõem-se e convergem nos seus objetivos, que são o de constranger a atuação política das mulheres e deslegitimar sua atuação no espaço convencionalmente masculino da política” (Biroli, 2016).

Todas as mulheres que adentram o universo político sofrem violências sutis ou ostensivas. Mas, se observarmos, as mulheres negras, lésbicas, transexuais, indígenas, quilombolas sentem a violência com mais força, pois vem associada a outros preconceitos, devido aos seus marcadores sociais.

A violência institucional contribui para manutenção de poder de um grupo dominante, através dela, as instituições, em contexto democrático, reproduzem desigualdades, desvantagens, discriminações propositalmente dirigidas a determinados grupos ou pessoas excluídas historicamente das estruturas de disputa de poder (Instituto Marielle Franco; Justiça Global e Terra De Direitos, 2020, p. 15)

Com a chegada da internet, a violência política de gênero teve seu alcance ampliado, passando a ser praticada no universo virtual e por pessoas de qualquer localidade eleitoral. Foi o que constatou, por exemplo, o Instituto Marielle Franco quando realizou uma pesquisa intitulada *Violência política de gênero e raça*, durante as eleições de 2020. O estudo revelou que 98,5% das entrevistadas afirmaram ter sofrido, ao menos, um tipo de violência política e deste total, 80% aconteceram na

internet, ambiente virtual. Lugar de proliferação rápida de “feridas da vida real”, mas que também deveria ser usado para o combate às violências, principalmente no webjornalismo.

O webjornalismo ou jornalismo digital, como preferiu chamar Ramón Salaverría (2019), em texto sobre os 25 anos do jornalismo na internet, é uma forma de jornalismo praticada no ambiente digital, caracterizada pela publicação e distribuição de conteúdos noticiosos em plataformas *online*. Em rápido resgate histórico, lembramos que o jornalismo tradicional era predominantemente impresso, com jornais e revistas sendo as principais fontes de informação. No entanto, a partir da segunda metade do século XX, a televisão e o rádio começaram a desempenhar papéis fundamentais na disseminação de notícias. Com a chegada da internet na década de 1990, o cenário midiático se expandiu ainda mais, possibilitando a criação de sites de notícias e, posteriormente, blogs e redes sociais.

Entre as principais características do webjornalismo, segundo João Canavilhas (2014), estão a hipertextualidade, multimídia, interatividade, ubiquidade, atualização contínua, memória e personalização. Esse tipo de jornalismo é fruto dos avanços significativos das tecnologias de informação e comunicação que modificaram a “forma como a informação é produzida, comunicada e distribuída” (Wardle; Derakhshan, 2023, p.30).

Para além das características, o webjornalismo permite a produção jornalística mesmo com recursos limitados e estruturas reduzidas, como: nenhum gasto com impressão e distribuição de conteúdo facilitada; plataformas acessíveis (redes sociais, sites e blogs), produção textual, audiovisual e transmissões ao vivo com equipamentos de pequeno porte, como *smartphones*; agilidade na publicação; resposta direta do público.

Para Salaverría (2019), por essas características, o webjornalismo permite a produção de uma narrativa rica e complexa. Abarca as

potencialidades de outros formatos de comunicação presentes em outras mídias e facilita o processo produtivo em novos arranjos jornalísticos.

A questão é que, neste contexto, a disseminação de informações falsas, produzida intencionalmente, tem se expandido, com consequências negativas para o mundo. Uma constatação não só na produção informativa, em geral, mas também - o que é mais grave - em espaços jornalísticos, onde a preocupação com as questões éticas, com a qualidade da informação e com combate às desigualdades e desequilíbrios sociais, deve ser uma questão fundamental.

Dos vários alvos da desinformação no ambiente digital, um deles são as mulheres que atuam nos espaços de poder. A presença delas representa um rompimento com a política conservadora, que busca disputar as narrativas, utilizando a desinformação como instrumento para fragilizar a participação feminina na arena política. Veremos adiante, o que entendemos por desinformação.

Desinformação

A desinformação é uma preocupação mundial, principalmente para os governos. O debate tem se fortalecido devido às consequências graves na sociedade, como, por exemplo, a divisão social, a falta de confiança nas instituições e as inseguranças nas políticas públicas. Segundo Wardle e Derakhshan (2023, p.30), vivemos uma “desordem informacional”, com três tipos de informações: a desinformação [disinformation], a informação falsa [mis-information] e a informação maliciosa [mal-information]. Para os autores, a desinformação trata da disseminação de “informação falsa e deliberadamente criada para causar danos a uma pessoa, grupo social, organização ou país”. Já a informação falsa acontece quando “compartilhada sem a intenção de causar dano”. E a informação maliciosa se diferencia quando a “informação genuína é compartilhada com a

intenção de causar danos, muitas vezes movendo informações destinadas a permanecer privadas para a esfera pública”. Todos os tipos de informações apresentadas trazem sequelas para a sociedade, mas neste artigo vamos trabalhar com a desinformação e como ela afeta, propositalmente, as mulheres no seu exercício político.

A desinformação não é um problema recente, mas com o advento das tecnologias, tem se apresentado como um desafio e preocupação para toda a sociedade, pois consegue impactar, de forma negativa, diferentes setores sociais.

A desinformação é um conceito antigo que nasce ligado a projetos militares de contra informação e espionagem, mas extrapola para os meios de comunicação e para aparelhos privados e estatais. A desinformação pode estar presente em livros de história ou em discursos políticos, em histórias em quadrinhos ou em jornais de ampla circulação. (Brisola; Bezerra, 2018, p. 3319).

Para Serrano (2010, p. 9), há uma finalidade nos meios de comunicação de massa que buscam “convencer o conjunto das populações de sua adesão às ideias das classes dominantes”. É uma ação intencional, que descontextualiza os fatos a serviço de interesses econômicos e/ou políticos. “A desinformação é um sistema informacional que molda a opinião pública de acordo com seus interesses, utilizando uma série de artifícios e mecanismos para manter a hegemonia, e isso não é nada novo” (Brisola; Bezerra, 2018, p. 3323).

A desinformação pode também se apresentar como uma distorção da verdade, onde a narrativa de um fato é distorcida para apresentar um ponto de vista, omitir detalhes importantes ou criar confusões duvidosas. Portanto, a desinformação “não é necessariamente falsa; muitas vezes, trata-se de distorções ou partes da verdade” (Brisola; Bezerra, 2018, p. 3319).

Na democracia representativa, a desinformação pode aprofundar a desigualdade na participação de representantes de grupos sociais nos espaços de poder, como, por exemplo, as mulheres. Para Acquolini e Sousa (2022, p. 2), a desinformação se apresenta como uma união estruturada em informações inverídicas com alvo em “determinados grupos sociais, com a intenção de acometer e prejudicar pessoas com base em seu gênero, buscando alcançar objetivos políticos, ideológicos, sociais ou econômicos”. Por tanto, a desinformação é um instrumento de violência política, com a finalidade de constranger e diminuir a participação das mulheres nos espaços de poder.

Desinformação de gênero e o avanço da violência política

Alguns autores têm trabalhado com o conceito de desinformação de gênero, apontando que as falsas e manipuladas informações contra as mulheres têm avançado, se apresentando como um caminho para limitar a participação e ativismo das mulheres na política.

Segundo os autores Belli, Zingales e Curzi (2021), a desinformação de gênero traz narrativas falsas e abusivas, carregadas de ódio e tentando influenciar o juízo de valor.

Desinformação de gênero é a disseminação de informações enganosas ou imprecisas contra mulheres líderes na política, jornalistas e figuras públicas femininas, seguindo linhas de história que se baseiam na misoginia, bem como estereótipos de gênero em torno do papel da mulher para minar suas percepções de sua participação em vida pública. (Belli; Zingales; Curzi, 2021, p.148, tradução nossa).

A divulgação intencional de uma informação falsa está ligada diretamente com o processo de conservação dos poderes estabelecidos na sociedade. “A classe dominante busca a manutenção do poder hegemônico não apenas por coerção, mas também pelo estabelecimento

do domínio através da criação de consenso usando a comunicação” (Silva; Alves, 2023, p. 135).

Tendo a desinformação como um instrumento que pode desmoralizar ou elevar uma situação e/ou pessoa, manipular e induzir as narrativas e, até influenciar no olhar coletivo para um consenso sobre determinada conjuntura, apresentaremos dois exemplos de situações em que a desinformação aprofundou a violência política de gênero visando perpetuar a invisibilidade e o desrespeito às mulheres nos espaços de poder. Para chegar nestes fatos, analisamos três sites que têm como pauta principal a política paraibana, são eles: *Polítika*, *Blog Anderson Soares* e *Blog Helder Moura*. Como personagens, para exemplificar, trabalhamos com Márcia Lucena e Estela Bezerra, duas mulheres ocupando espaços de poder, sendo uma no executivo e outra no legislativo, consecutivamente. De cada site, separamos cinco matérias contendo desinformação de gênero e destacamos duas para ilustrar esse artigo.

Imagem 1 – Fato 1 – Entrevista com a Deputada Estela Bezerra



Fonte: site *Polítika*

No dia 16 de maio de 2019, a então deputada estadual da Paraíba, Estela Bezerra, na época filiada ao Partido Socialista Brasileiro (PSB), participou do programa *Correio Debate*, do *Sistema Correio de Comunicação*. Durante a sua participação, o apresentador Nilvan Ferreira, tentava induzir a entrevistada, insinuando situações e afirmando inverdades sobre a vida política da entrevistada, como aponta o jornalista Wagner Lima, em um artigo publicado no site *Política Já*, intitulado *O silenciamento de Estela em um programa que traz a palavra "debate" no título*. "O que se viu e ouviu no ar foi uma clara demonstração do silenciamento da entrevistada, diga-se, uma mulher à frente de um mandato legítimo" (Lima, 2019).

Imagem 2 – Fato 2 – Tentativa de desqualificar Márcia Lucena



Fonte: site Anderson Soares

Márcia Lucena é professora e foi gestora de políticas públicas de educação, cultura e juventude, ocupando cargos na Prefeitura de João Pessoa e no Governo do Estado da Paraíba. Em 2016, foi escolhida pelo PSB para ser a candidata a prefeita de Conde, município litorâneo, próximo à capital paraibana e onde reside sua família desde a década de 1960. Desde a emancipação de Conde, a política se concentrou em torno de famílias tradicionais, ligadas aos donos de terras. Márcia surgia como um rompimento, trazendo em suas bagagens as experiências de gestões, acumuladas nos espaços por onde passou no poder executivo. Márcia foi eleita em 2016, assumindo a prefeitura do município em janeiro de 2017, ficando até dezembro de 2020.

Análise de conteúdo das matérias

Após a separação destes dois materiais, trabalhamos a categorização com base nas técnicas de Bardin (1977, p. 119), que orienta averiguar o que há de comum nos elementos, agrupar e separar em categorias. Nestes exemplos apresentados, chegamos a duas categorias de análise. Na primeira, intitulada “Desqualificação das mulheres”, analisamos como o texto das matérias traz informações falsas e adjetivos pejorativos contra as mulheres, com a intenção de prejudicá-las. Termos como “destemperada”, “sujeita vagabunda”, “arma barraco”, “participa de orgias”, “obscura”, “mediocre”, “persegue”, “só sabe mentir” são encontrados nas duas matérias. Um dos atos comuns na violência política de gênero é a tentativa de desqualificar as mulheres nos seus exercícios de poder. São formas violentas de constranger as mulheres e intimidá-las. “O propósito final da desinformação de gênero é reduzir a participação pública e limitar a diversidade de vozes e opiniões, inclusive na mídia” (Tavares e Borges, 2023). As informações divulgadas reforçam

as narrativas predominantes de que as mulheres não são qualificadas para estarem na política.

A segunda categoria, chamamos de “A imagem fala”, onde analisamos as fotos escolhidas para ilustrar as matérias, reforçando a narrativa de que a política é um lugar para os homens. Na *imagem 1*, temos a foto da deputada Estadual Estela Bezerra que ilustra a matéria e que, de forma proposital, foi escolhida para passar a impressão de uma mulher com a expressão tensa, nervosa e irritada. O que pode causar um desconforto ou antipatia em quem recebe a informação. Já na *Imagem 2*, temos a foto de Aluísio Régis, opositor político de Márcia Lucena, que, munido do discurso de ódio, desrespeita a prefeita utilizando da desinformação. A imagem apresenta um homem com postura séria, serena, imponente, com o microfone na mão, qualificado, passando a sensação de credibilidade.

Com o aumento da desinformação, é fundamental estar atento às narrativas disseminadas visando atingir direitos e excluir vozes da democracia. Combater a desinformação de gênero é dar base para que as mulheres busquem, ao menos, uma paridade no universo da política.

Considerações Finais

O tempo renegado às mulheres de vivenciarem sua cidadania, sendo excluídas de direitos civis e políticos, não possibilitou as mesmas oportunidades de acesso à formação política como tiveram os homens. Segundo Rabay e Carvalho (2010, p.33), o campo político é um espaço de interesses, "com regras e normas próprias de recrutamento e de treinamento político. Além disso, diferente do homem, os ciclos de vida da mulher segmentam sua vida, em particular, com o advento da maternidade". Essas questões apontadas reforçam que o espaço político foi construído, historicamente, para os homens. As poucas mulheres que

estão neste universo vivenciam constrangimentos, humilhações e preconceitos, como se estivessem num espaço proibido, não permitido ao sexo feminino.

Para legalizar essa narrativa, um dos caminhos é a desinformação de gênero. Essa prática de veicular informações falsas, criadas de forma premeditada, garante um discurso conservador e ostensivo, que oprime e exclui as mulheres. “A desinformação não deixa de ser uma ferramenta de violência de gênero, apenas se torna sua versão política” (Silva; Alves, 2023, p. 140). É importante frisar que tanto a desinformação quanto a violência política de gênero não atingem só as mulheres, mas atacam o regime democrático. Os poderes constituídos precisam representar a diversidade do seu povo, com pautas que garantam uma equidade social.

A partir deste passeio por essas reflexões, relacionando a problemática da desinformação com o aumento da violência política de gênero, apresentamos alguns resultados que são iniciais, podendo ser aprofundado e ampliado. Portanto, afirmamos que, a desinformação, que é uma informação produzida com conteúdo inverídico, criada com o propósito de causar danos, tem sido um instrumento frequente para desqualificar as mulheres, na tentativa de constranger, amedrontar, excluir dos espaços políticos, além de desestimular outras mulheres a participarem da política. Diante do exposto, podemos afirmar que a desinformação de gênero no webjornalismo, se não for enfrentada, contribuirá para uma distância maior dos números entre homens e mulheres na participação política.

Podemos constatar também que o jornalismo digital ou webjornalismo têm um papel fundamental não só nas apurações dos fatos, mas no compromisso de não divulgar conteúdos que reforcem a desinformação de gênero. Portanto, os meios de comunicação podem ser canais que visibilizem as leis que protegem as mulheres e que estimulam

A DESINFORMAÇÃO E O APROFUNDAMENTO DA VIOLÊNCIA POLÍTICA DE GÊNERO

a participação política, bem como podem garantir espaço para mostrar os resultados positivos da presença da mulher nos espaços de poder.

Por fim, observamos que as mulheres que ocupam os ambientes públicos, como o mercado de trabalho, instituições de ensino ou o campo político, precisam, na maioria das vezes, acumular as demandas da vida privada com o que elas escolheram viver fora de casa. Esta realidade traz obstáculos, colocando as mulheres numa arena desigual na sociedade. Trazendo para a reflexão política, além dos desafios da dupla jornada, a pequena parcela feminina que estão nos espaços de poder ainda enfrenta as violências políticas, que podem causar danos irreparáveis à sua vida. A desinformação de gênero não ataca somente o exercício político, mas também a moral e os valores, para minar a presença da mulher em sua totalidade.

Os desafios enfrentados pelas mulheres têm silenciado vozes que poderiam estar ampliando direitos e alargando a democracia. Por isso, debater e formular políticas públicas, ações e legislações adequadas são caminhos para combater estes problemas que têm alertado o mundo.

Referências

ACQUOLINI, Nicole Ttirello; SOUSA, Rodrigo Silva Caxias de. **Desinformação de gênero**: práticas informacionais que contribuem ao seu combate. Disponível em:

<https://enancib.ancib.org/index.php/enancib/xxienancib/paper/viewFile/1224/803>. Acesso em: 22 out. 2024.

ARAÚJO, Francieleide. Violência Política de gênero: conceitualização e tipificações. **Nexo Jornal**, 2023. Disponível em: <https://pp.nexojornal.com.br/bibliografia-basica/2023/02/27/violencia-politica-de-genero-conceitualizacao-e-tipificacoes>. Acesso em: 20 out. 2024.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BELLI, Luca; ZINGALES, Nicolo; CURZI, Yasmin **Glossary of platform law and policy terms**. Rio de Janeiro: FGV, 2021. Disponível em: https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/31365/0.%20MIOLO_Glossary%20of%20Platform%20Law_digital.pdf#page=148. Acesso em: 30 set. 2024.

BIROLI, Flávia. Violência política contra as mulheres. **Boi Tempo**. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2016/08/12/violencia-politica-contra-as-mulheres/>. Acesso 06 jun. 2024.

BIROLI, Flávia. Combater a violência política de gênero é dever da sociedade, defende Flávia Biroli. Entrevista concedida a Débora Brito. **Site Marco Zero**, Rio de Janeiro, novembro de 2020. Disponível em: <https://marcozero.org/combater-a-violencia-politica-de-genero-e-dever-da-sociedade-defende-flavia-biroli/>. Acesso em: 27 jun. 2024.

BRASIL. **Lei n. 14.192**, de 04 de agosto de 2021. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/lei/L14192.htm. Acesso em: 12 jun. 2023.

BRISOLA, Ana Cristina; BEZERRA, Arthur Coelho. Desinformação e circulação de “fake news”: distinções, diagnóstico e reação. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 19, 2018, Londrina. **Anais [...]**. Londrina: UEL, 2018. p. 3316-3330.

CANAVILHAS, João. **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. Colvilhã: Labcom Books, 2014.

CARDOSO, Márcia Regina Gonçalves; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; GHELLI; Kelma Gomes Mendonça. Análise de conteúdo: uma metodologia de pesquisa qualitativa. **Cadernos da Fucamp**, v.20, n.43, p. 98-111/2021.

FECHINE, Dani. Eleições 2024: número de mulheres prefeitas aumenta 45% na Paraíba e de vereadoras cresce 25%. **G1 Paraíba**. Eleições na Paraíba, 07/10/2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/pb/paraiba/eleicoes/2024/noticia/2024/10/07/eleicoes-2024-numero-de-mulheres-prefeitas-aumenta-45percent-na-paraiba-e-de-vereadoras-cresce-25percent.ghtml>. Acesso em: 01 nov. 2024.

INSTITUTO MARIELLE FRANCO; JUSTIÇA GLOBAL E TERRA DE DIREITOS. **A violência política contra as mulheres negras**: eleições 2020. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://www.violenciapolitica.org/2020#2>. Acesso em: 15 mar. 2024.

INSTITUTO MARIELLE FRANCO. **Violência política de gênero e raça no Brasil**: Dois anos da Lei 14.192/2021. Setembro, 2023. Disponível em: <https://www.violenciapolitica.org/2023>. Acesso em: 26 set. 2024.

LIMA, Wagner Hardman. O silenciamento de Estela em um programa que traz a palavra “debate” no título. **Paraíba Já**, 2019. Disponível em: <https://paraibaja.com.br/o-silenciamento-de-estela-em-um-programa-que-traz-a-palavra-debate-em-seu-titulo/>. Acesso em: 23 out. 2024.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, RS, v. 22, n. 37, p. 7- 32, 1999.

RABAY, Glória; CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. **Mulher e Política na Paraíba**: História de vida e luta. João Pessoa: Ed. Universitária da UFPB, 2010.

RÊGO, Ana Regina. A construção intencional da ignorância na contemporaneidade e o trabalho em rede para combater a desinformação. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, v. 15, n. 1, Março, 2021, doi:10.29397/reciis.v15i1.2293. Acesso em: 10 out. 2024.

SALAVERRRÍA, Ramón (2019). Periodismo digital: 25 años de investigación. artículo de revisión. **el profesional de la información**, v. 28, n. 1, e280101. <https://doi.org/10.3145/epi.2019.ene.01>. Disponível em: <https://revista.profesionaldelainformacion.com/index.php/EPI/article/view/69729/42172>. Acesso em: 22 dez 2024.

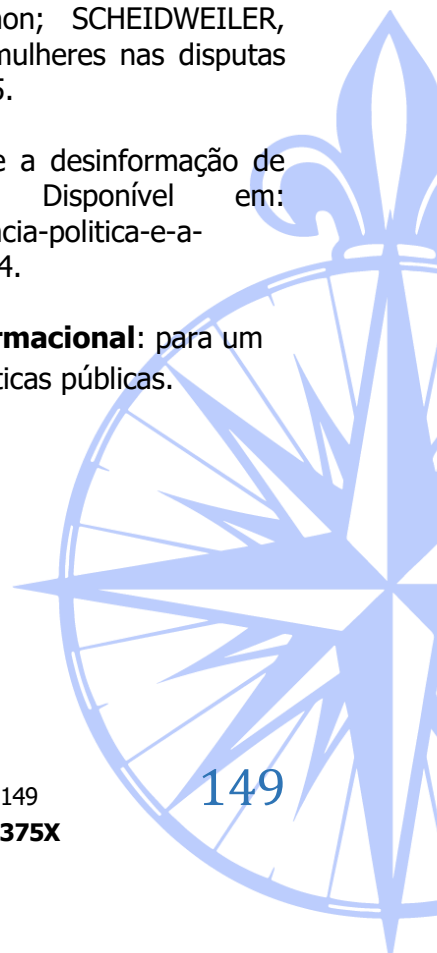
SERRANO, P. **Desinformação**: como os meios de comunicação ocultam o mundo. Rio de Janeiro: Espalhafato, 2010.

SILVA, Elisa Lacerda; ALVES, Gabriela Santos. A desinformação como ferramenta de violência política de gênero. **Revista Fapcom**, São Paulo, v.7, n. 14, jul./dez. 2023, p. 129-142.

SILVA, Laerte José Cerqueira da; TONÉ, Marinézia Gomes. Paraíba (ainda) masculina: uma radiografia das mulheres à frente das prefeituras e câmara de vereadores do estado. In: PANKE, Luciana; ARAGÃO, Elthon; SCHEIDWEILER, Gerson; QUEVEDO, Josemari (org). **Eleições 2020**: as mulheres nas disputas municipais. 1 ed, Campina Grande: EDUEPB, 2021. p. 47-65.

TAVARES, Paula; BORGES, Gustavo. A violência política e a desinformação de gênero no Brasil. **Nexo Jornal**, 2023. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/ensaio/2023/12/03/a-violencia-politica-e-a-desinformacao-de-genero-no-brasil>. Acesso em: 20 out 2024.

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. **Desordem Informacional**: para um quadro interdisciplinar de investigação e elaboração de políticas públicas. Campinas: Unicamp, 2023.



PROVOCAÇÕES PARA (RE)PENSAR O ENSINO DE ACESSIBILIDADE COMUNICATIVA NOS CURSOS DE JORNALISMO¹

PROVOCATIONS TO (RE)THINK THE TEACHING OF COMMUNICATIVE ACCESSIBILITY IN JOURNALISM COURSES

Felipe Collar BERNI ²

Universidade Federal de Roraima | Brasil

Resumo

O texto apresenta reflexões sobre a urgência de se pensar o ensino da acessibilidade comunicativa para pessoas com deficiência nos cursos de Jornalismo como pressuposto ético, cidadão e ontológico. Repercuta, assim, a deficiência dos currículos e projetos pedagógicos que excluem e corroboram para com a pobreza informacional desse coletivo, em consonância com o projeto capacitista de sociedade que descarta e segrega o corpo deficiente. São sinalizados elementos reflexivos para a incorporação de práticas e recursos de acessibilidade comunicativa na práxis jornalística desde o ensino.

Palavras-chave

Acessibilidade comunicativa; Ensino de Jornalismo; Pessoas com deficiência.

Abstract

This text presents reflections on the urgency of incorporating the teaching of communicative accessibility for people with disabilities in Journalism courses, highlighting it as an ethical, civic, and ontological presupposition. It addresses the shortcomings of curricula and pedagogical projects that exclude and contribute to the informational poverty of this group, in line with a ableist societal project that discards and segregates disabled bodies. Reflective elements are highlighted for the incorporation of communicative accessibility practices and resources into journalistic praxis from the educational stage.

Keywords

Communicative Accessibility; Journalism Education; People with Disabilities.

RECEBIDO EM 28 DE AGOSTO DE 2024
ACEITO EM 17 DE DEZEMBRO DE 2024

¹ Este texto é uma versão ampliada daquele apresentado no 22º Encontro Nacional de Professores de Jornalismo, organizado pela Associação Brasileira de Ensino de Jornalismo (Abej) e realizado na Universidade Federal do Amazonas, em Manaus (AM), em 2023.

² Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) e professor do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Roraima (UFRR). Integra o grupo de pesquisa Processocom (Unisinos/CNPq) e a Rede Amlat. E-mail: felipe.collar@ufr.br.

Introdução

Ao instigar um debate que tem como horizonte posicionar as pessoas com deficiência (PCD) como sujeitos(as) comunicantes, mobilizamos pressupostos da cidadania comunicativa e do direito à comunicação para contribuir no fortalecimento do Jornalismo na sua dimensão constitutiva: de instituição delegada e confiada o ordenamento da vida em comunidade. Isso, por que, ao compreender as PCDs como público, audiência, usuário, leitor, ouvinte etc. estamos mirando para um contingente populacional que representa 8,9% da população brasileira, ou seja, 18,9 milhões de pessoas, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD): Pessoas com Deficiência 2022, construída pelo Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania e Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)³. Embora não seja o numeral que justifique a reflexão e ações em prol da acessibilidade comunicativa, senão o próprio direito humano à comunicação (Guareschi, 2013), mobilizar a proporção de cidadãos afetado por essa argumentação, ajuda a dimensionar a urgência da construção de projetos e políticas de acesso.

Reconhecer as pessoas com deficiência como público passa, necessariamente, por garantir uma inter-relação autônoma e livre com os produtos e processos jornalísticos, sem a subordinação a terceiros ou gambiarras, e que assistam suas particularidades e especificidades para o

³ É importante destacar que os dados apresentados a partir da pesquisa de 2022 mostram uma redução significativa no número de pessoas com deficiência no Brasil, em comparação com os indicados pelo Censo de 2010, que alcançavam cerca de 24%. Essa redução está relacionada à nova metodologia adotada pelos realizadores da pesquisa, conforme a Nota Técnica IBGE 01/2018. Essa nota segue as orientações do Grupo de Washington sobre Estatísticas de Deficiência, vinculado à Comissão de Estatística da Organização das Nações Unidas (ONU), que introduziu um novo critério de corte.

Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/0a9afaed04d79830f73a16136dba23b9.pdf. Acesso em: 28 ago. 2024.

Felipe Collar **BERNI**

consumo e participação. Quando assumimos o *modelo biopsicossocial da deficiência* para compreendê-la, essa leitura ganha robustez. Essa perspectiva rechaça o modelo médico que individualiza a problemática da deficiência, para colocá-la noutra dimensão: estrutural e sociocultural. Assim, compreendemos a deficiência como *interação* entre pessoas e barreiras estruturais, comportamentais e culturais que impedem a participação plena daquele(a) sujeito(a) na sociedade de forma igualitária, promovendo limitações, desvantagens e exclusões. Temos, portanto, uma realidade alternativa sensorial manifestada por sujeitos(as) que não se adequam ao que foi convencionado como corpo padrão e projetado estruturalmente para sua experiência e usabilidade. Falta, portanto, sensibilidade dos contextos sociais em relação às manifestações corporais diversas como diferentes estilos de vida. Contextos, inclusive, comunicacionais. Essa “necessidade” por autonomia não pode ser encarada como utopia pelo campo e pelas instituições de comunicação. O Estatuto da Pessoa com Deficiência⁴ (Brasil, 2015) assegura o direito à acessibilidade, dentre outros fatores, para projetos de comunicação e informação; inclusive de sistemas e tecnologias da informação e comunicação (TICs).

Nosso objetivo é ancorar o direito à acessibilidade comunicativa desde os espaços e projetos formativos de futuros profissionais, introjetando técnicas e recursos de produção acessível desde o ensino, oxigenando e remodelando, por consequência, as rotinas produtivas e as corporações, que no contexto contemporâneo, majoritariamente, não assumem as PCDs como suas audiências, submetendo esses sujeitos(as) a pobreza informacional. Temos, portanto, *escolas de jornalismo deficientes*⁵ que nos fazem

⁴ A Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, nº 13.146, de 6 de julho de 2015, sancionada pela presidenta Dilma Rousseff, é “destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania” (Brasil, 2015, art. 1º).

⁵ Ao destacar essa realidade, não negligenciamos os modelos de negócios do Jornalismo que, por interesses múltiplos, ignoram as demandas de PCDs por conteúdos e práticas acessíveis. Por delimitação

PROVOCAÇÕES PARA (RE)PENSAR O ENSINO DE ACESSIBILIDADE COMUNICATIVA NOS CURSOS DE JORNALISMO

problematizar a (falta de) acessibilidade comunicativa nos currículos e processos formativos.

O jornalismo imerso numa sociedade capacitista

Inserido num contexto mais amplo, é presumido que o jornalismo tanto atravessa como é atravessado por códigos, sentidos, culturas, estruturas, contratos, acordos e desdobramentos mobilizados pela sociedade que compõe. O projeto contemporâneo de comunidade se alicerça no capitalismo, na concorrência e no produtivismo. Essa trinca de características fomenta outra: o capacitismo. Para nós, interessa compreender qual seria a função do jornalismo neste contexto: responder às demandas da sociedade capacitista ou ser instrumento de ruptura?

Diversas práticas de opressão são articuladas visando a domesticação dos corpos, a segregação do diferente, o apagamento de narrativas outras. São mecanismos que essa sociedade hegemônica mobiliza para sustentar seu projeto de poder. O capacitismo é o preconceito social contra pessoas com deficiência, visto a reverberação de um discurso que exclui e segrega as pessoas com deficiência, ao negligenciar o modo de vida desses(as) sujeitos(as), sua corporeidade e demandas, em detrimento daquilo que socialmente foi construído, numa perspectiva capitalista e produtivista, como o padrão, a normalidade e o desejável. O capacitismo “nega a pluralidade de gestos e de não gestos, sufoca o desejo, mata a vontade e retira, assim, a autonomia dos sujeitos que são lidos como *deficientes*” (Marco, 2021, p. 18, grifos no original), posiciona, portanto, a deficiência como algo negativo, ou seja, se nutre da opressão e do preconceito para diminuir e descartar o corpo deficiente. Fiona Campbell (2001, p. 44, tradução nossa) define como: “uma rede de crenças, processos e práticas que produz um determinado tipo de

necessária e aproximação como os interesses argumentativos, oportunizamos travar o debate a partir do processo de ensino do Jornalismo.

Felipe Collar **BERNI**

corpo (o padrão corporal) que é projetado como perfeito, típico da espécie e, portanto, essencial e totalmente humano”. Ocorre a construção de uma premissa da capacidade, a partir da comparação e submissão das performances corporais de pessoas com deficiência em razão das pessoas sem deficiência. Victor Di Marco (2020) aponta para o sistema capitalista que se codifica a partir das desigualdades de diferentes naturezas, sendo, dessa forma, fonte de propulsão da perspectiva capacitista, visto que instaura a lei do mais eficiente para “domar e inviabilizar” (2020, p. 18) corpos outros que operam com diferentes ritmos, nuances e temporalidades.

Temos, nesse contexto, a reafirmação da deficiência enquanto *construção social*, uma vez que, o corpo “não deficiente” só se delinea a partir daquilo que se aponta como o deficiente. A perspectiva antropológica da alteridade é mobilizada. Teríamos a invenção e exclusão da *alteridade deficiente* a partir dos significados construídos sobre a normalidade (Skilar, 2015). A alteridade seria sintomática da produção histórica e discursiva da invenção desses outros, que nos ancoramos para afirmar quem somos ou podemos ser.

A deficiência como *interação* entre sujeitos e barreiras de diferentes nuances – estruturais, comportamentais e culturais – que inibem a participação daquele sujeito(a) na sociedade de forma igualitária, promovendo limitações, desvantagens e exclusões, se imbrica com a leitura enquanto *construção social*. Em consonância com essa interpretação, Débora Diniz (2007) aponta para a falta de sensibilidade dos contextos sociais em relação às manifestações corporais diversas como diferentes estilos de vida. A deficiência visual, por exemplo, não significa isolamento ou sofrimento, não há uma sentença biológica para a exclusão, por sua vez, mobiliza outros ritmos e especificidades, o que temos é um modelo de sociedade hegemônica constituída para privilegiar videntes, em detrimento dos não-videntes.

PROVOCAÇÕES PARA [RE]PENSAR O ENSINO DE ACESSIBILIDADE COMUNICATIVA NOS CURSOS DE JORNALISMO

A relação corpo e sociedade torna-se central para pensar o conceito de deficiência: seria o “corpo com deficiência” que limitaria a participação do sujeito(a) na vivência comum ou os contextos opressores e poucas sensíveis às especificidades e diversidades que segregaria os “corpos deficientes”? A interpretação da deficiência como *interação* tem suas bases nesse dilema. Com essa lente, podemos refletir uma das entradas para pensar a deficiência dentro do campo da comunicação: teríamos os processos midiáticos, comunicacionais e jornalísticos deficientes? Uma vez que, majoritariamente, não garantem recursos de acessibilidade para que os sujeitos(as) nas suas especificidades e diversidades se inter-relacionem com os *meios* de forma autônoma e livre? Assim, deslocamos o debate da deficiência no individual de cada sujeito(a) e passamos a tensioná-lo na sua dimensão social, cultural e estrutural.

Evidente que são múltiplas as entradas possíveis pensando projetos pedagógicos e de ensino na inserção da interface *Mídia e Deficiência* nos currículos. Por exemplo, o debate de postura, trato e construção de narrativas envolvendo PCDs nas produções jornalísticas e comunicacionais que rompa com a perspectiva estigmatizante, capacitista, preconceituosa e seja aliada no projeto emancipatório e cidadão. Essa, também, é uma empreitada urgente e que sustenta o ideal da cidadania comunicativa (Mata, 2006).⁶ Nosso exercício, por hora, vai mobilizar aquilo que de maneira estrutural articula o direito à comunicação que é o acesso. A acessibilidade comunicativa vai além do simples alcance ou disponibilidade de um aparelho de televisão, um celular, computador, enfim. Não nos interessa o meio, senão o processo. São as práticas jornalísticas que modelam os produtos que carecem ser tecidas garantindo o direito à acessibilidade comunicativa.

⁶ Aqui entendida como prática ampla que envolve a participação democrática, influência nos processos e nos próprios usos da comunicação visando o exercício da cidadania, reivindicações e transformação.

Felipe Collar **BERNI**

Aprendizados e transformações: a acessibilidade pensada desde os currículos

Ao assumir a deficiência como *interação* entre pessoas e barreiras estruturais, comportamentais e culturais que inibem o envolvimento pleno e igualitário de PCDs junto a sociedade, promovendo limitações, desvantagens e exclusões, podemos deslocar a problemática da deficiência para o próprio jornalismo e afirmar que experienciamos um *jornalismo deficiente*. Essa mirada privilegia e se interessa em visualizar a própria deficiência (aqui pensada como falta/escassez) nas rotinas produtivas do jornalismo de construir conteúdos que garantam que as PCD possam consumir, se inter-relacionar e produzir sentido a partir desse contato com os produtos jornalísticos. Se voltarmos ainda mais, temos uma compreensão que imputa a deficiência também para as escolas e os currículos de jornalismo, que vai refletir no próprio ofício cotidiano do jornalista.

A pesquisa de Letícia Beilfuss (2016) ilustra bem essa relação e sinaliza questões inevitáveis para o campo. Ao investigar o Grupo RBS⁷, se depara com um jornalismo deficiente e sem acessibilidade comunicativa nas suas *práxis*. Buscando compreender as relações que configuram tal cenário, um argumento mobilizado de maneira excessiva pelos trabalhadores reportava o desconhecimento e a falta de preparo para se valer das técnicas e recursos de acessibilidade.

Embora utilizado de maneira demasiada, o conceito de acessibilidade merece reflexão e não pode ser assumido como pronto ou único. Cada campo ou segmento pensa e o (re)constrói de maneira particular. Evidente que percepções se atravessam. O Estatuto da Pessoa com Deficiência corrobora com sua configuração ao considerar acessibilidade como

⁷ Maior empresa de comunicação do estado do Rio Grande do Sul.

PROVOCAÇÕES PARA (RE)PENSAR O ENSINO DE ACESSIBILIDADE COMUNICATIVA NOS CURSOS DE JORNALISMO

possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como de outros serviços e instalações abertos ao público, de uso público ou privados de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida (Brasil, 2015, art. 3º-I).

A própria etimologia da palavra *acessibilidade* repercute sua origem do Latim *accessus*, que compreende “aproximação, chegada”, ou seja, atributo daquilo que é fácil de acessar, facilidade de aproximação, de procedimento ou de obtenção. Assumindo junto a definição da legislação temos alguns pressupostos que configuram e dimensionam o que é ser acessível: alcançar de maneira livre, autônoma e segura e poder fazer uso.

Na comunicação, poderíamos agrupar o debate da acessibilidade a partir de dois desdobramentos majoritários. A *acessibilidade comunicacional* tem caráter pedagógico, de transmissão de informações, sendo findada com o acesso do sujeito ao meio e conteúdo. Já a *acessibilidade comunicativa* avança de maneira mais qualificada ao se preocupar com a produção de sentidos durante o processo de adaptabilidade de um conteúdo para que o torne acessível às especificidades e sensorialidades outras.

Assim, entendemos a acessibilidade comunicativa como recursos, estratégias, práticas, processos, métodos de linguagem e comunicação – Audiodescrição, Legendas, Libras, Braille, por exemplo – que maximizem a autonomia, mobilidade e qualidade de vida de pessoas com deficiência, rompendo com as barreiras informativas que os impedem, independentemente de qual seja sua deficiência, de consumirem os conteúdos midiáticos e comunicacionais de forma livre e autônoma. Compreensão que não pode se deslocar do debate legal, a vista disso, Marco Bonito e Larissa Santos (2019, p. 134) chamam atenção para o fato de que a acessibilidade comunicativa, também, “se configura a partir das leis promulgadas, que representam a luta histórica das PCD por seus Direitos

Felipe Collar **BERNI**

Humanos e sua cidadania”. Ou seja, não pode ser assumida como uma discussão utópica ou assistencialista, quiçá secundária, mas tratada com altivez, prontidão e celeridade.

A problemática do ensino da acessibilidade comunicativa e, conseqüentemente, da introjeção desses recursos e técnicas desde a formação do profissional, é algo que se apresenta como desafio para o campo da comunicação. A *Carta de Teresina*⁸, publicada pela Associação Brasileira de Ensino de Jornalismo (ABEJ) ao final do 21º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo, organizado pela Universidade Federal do Piauí em abril de 2022, dentre outras coisas, ecoa esse debate e propõe: “desenvolver ações de sensibilização de professores e instituições e difundir técnicas no sentido de promover a inclusão e a acessibilidade, considerando a diversidade dos alunos de jornalismo”. É nítido que se sobressai uma preocupação em oferecer aos/as estudantes com deficiência um ambiente acessível para sua formação que, por sua vez, indiretamente, se ampliará as próprias práticas e processos de produção jornalística. Um imbricamento que se retroalimenta.

Reportando, ainda, aos achados da pesquisa de Beilfuss (2016), temos que a falta de acessibilidade comunicativa está, também, intrinsecamente ligada à ignorância dos profissionais em relação às demandas das pessoas com deficiência, ou seja, uma formação acadêmica deficiente que não prepara, tampouco estimula ações garantidoras do direito humano à comunicação, do cumprimento da Lei nº 13146/2015 (Brasil, 2015) e, sobretudo, do exercício do jornalismo na sua essência, como regem seus códigos deontológicos.

Não temos sistematizado um levantamento que reúne e aponte a quantidade de Instituições de Ensino Superior que tratam em seus currículos a relação *Comunicação & Acessibilidade*. Essa ausência alimenta a

⁸ Disponível em: <https://abejor.org.br/carta-de-teresina/>. Acesso em: 02. fev. 2023.

PROVOCAÇÕES PARA (RE)PENSAR O ENSINO DE ACESSIBILIDADE COMUNICATIVA NOS CURSOS DE JORNALISMO

compreensão da grande lacuna que o campo da comunicação tem para a interface com a deficiência. Em estudos que buscaram tensionar as estruturas curriculares na formação do jornalista (Antonioli 2018; Bernardo; Leão, 2012), embora com diferentes objetivos, é possível notar uma semelhança: não se encontra menção a expressões que sinalizam para a acessibilidade comunicativa dentro dessa estrutura pedagógica.⁹ Temos, indiretamente, um dado que potencializa o sentimento da ausência de espaços na formação dos jornalistas que repercutem, debatem e operacionalizam os recursos e práticas de acessibilidade.

Para tecer proposituras, uma autocrítica das Escolas de Comunicação deve ser feita. Novamente, não estamos delegando toda a culpa da experiência deficiente do jornalismo a elas, há um conjunto de corresponsáveis por essa prática, inclusive que reporta a questões estruturais da própria sociedade, porém, a provocação se nutre da compreensão do protagonismo dessas instituições nas transformações estruturais que o Jornalismo passou ao longo de sua história. Diante da burocracia universitária, quais esforços podem ser empreendidos para transformar essa realidade? Construir disciplinas eletivas? Reformular o currículo? Promover palestras e oficinas que repercutem o debate? Organizar grupos de estudos e pesquisa?¹⁰ Fato é que os futuros profissionais precisam estar qualificados para exercer de forma digna a profissão. Joana Belarmino de Sousa (2014), quando debate acessibilidade para sujeitos com deficiência visual, sinaliza para a necessidade de sua incorporação à formação universitária dos jornalistas, para assim darmos condições para que os profissionais corrijam as rotinas produtivas deficientes, construindo conteúdo sem barreiras de acessibilidade. Percepção comum à de Marco Bonito (2016) ao defender a acessibilidade comunicativa como característica conceitual do jornalismo

⁹ Aqui, buscadas a partir das palavras-chave: acessibilidade, inclusão, deficiência.

¹⁰ Em relação às pesquisas envolvendo comunicação e pessoas com deficiência, é importante sinalizar para o protagonismo dos grupos como o *GJAC* (UFPB), *Afetos* (UFMG), *Processocom* (UNISINOS), *t3xto* (UNIPAMPA) e *Biblioteca Falada* (UNESP) na interface mídia e deficiência.

Felipe Collar **BERNI**

digital. Por conta de experiências ainda insipientes e isoladas, é cedo apontar qual melhor estratégia para o ensino da acessibilidade. Um espaço único, como disciplina, por exemplo, tem suas potencialidades ao permitir uma imersão e aprofundamento da reflexão e da técnica. Ao mesmo tempo, aflora o perigo de isolar um debate que atravessa toda a dimensão do exercício comunicacional e jornalístico apenas num determinado momento da formação. Oxalá tenhamos no futuro espaços conquistados dentro de cada formação pormenor, tensionando a acessibilidade desde as próprias características de seus produtos. Não podemos ignorar que a própria deficiência que sinalizamos, muito provavelmente, aparece na formação dos próprios professores(as). Por isso, a construção de espaços próprios de aprendizado seja uma estratégia que melhor se adequa ao cenário do campo, ressaltando seus desafios.

Dito isso, ao ampliar nosso olhar, temos que essas provocações e urgências se dão num contexto de crises: de representatividade, legitimidade, financeira e de qualificação. É justamente nessa ambiência que o jornalismo precisa reafirmar seu compromisso social e democrático. Enquanto muitos buscam apresentar soluções para eventuais problemas contemporâneos, o campo carece de experiências de ensino, prática e pesquisa que busquem fortalecer a problemática elementar: garantir que cidadãos tenham acesso ao jornalismo. Possibilitar que uma parcela da população usufrua do serviço jornalístico, fortalece não só o próprio jornalismo, como a dinâmica social, a partir de uma cidadania plena. O ensino da acessibilidade comunicativa torna-se um chamado em defesa do jornalismo e da cidadania.

Experimentações e horizontes

PROVOCAÇÕES PARA (RE)PENSAR O ENSINO DE ACESSIBILIDADE COMUNICATIVA NOS CURSOS DE JORNALISMO

No tópico que fecha o texto, ampliamos seu conteúdo retomando uma experiência que resultou da convocatória que este debate abraça. Convocados à ação — na condição de docente — construímos o “Espaço Livre de Experimentação em Comunicação e Acessibilidade” como uma ação de extensão ofertada pelo curso de Jornalismo da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat).¹¹ Seu formato livre buscou repensar as hierarquias do conhecimento, convidando os coparticipantes a assumirem o protagonismo na formulação e criação do espaço. O curso teve como objetivo contribuir para a mudança da conjuntura abordada no texto, oferecendo uma formação que capacitasse especialmente estudantes, professores e profissionais da área de Comunicação no ensino e no uso de recursos de acessibilidade comunicativa, reconhecendo as pessoas com deficiência como público que interessa e sujeitos de direitos.

A primeira oferta do curso privilegiou o debate sobre *Audiodescrição*¹², considerando a transversalidade do audiovisual em produções jornalísticas e comunicacionais. Foram reservados três encontros para discussões e exercícios práticos: *Introdução ao conceito de Acessibilidade Comunicativa e à Audiodescrição*; *#ParaTodosVerem: Audiodescrição aplicada às redes sociais*; e *Audiodescrição e Jornalismo*. O objetivo geral foi apresentar a Audiodescrição como uma técnica viável para promover a comunicação acessível a pessoas cegas ou com baixa visão. Os resultados esperados incluíam a compreensão teórica e prática do conceito de acessibilidade comunicativa, alcançada por meio da experimentação (Collar Berni, 2024).

¹¹ Institucionalizado sob o parecer 439/2023 da Pró-Reitora de Extensão e Cultura (PROEC/Unemat). O curso contou com a colaboração das professoras Amanda Noletto e Lilian Juliana Martins.

¹² Audiodescrição, segundo Livia Motta, é uma atividade de mediação linguística, uma modalidade de tradução intersemiótica, que transforma o visual em verbal, abrindo possibilidades maiores de acesso à cultura e à informação, contribuindo para a inclusão cultural, social e escolar. Além das pessoas com deficiência visual, a audiodescrição amplia também o entendimento de pessoas com deficiência intelectual, idosos e disléxicos. Disponível em: <http://www.vercompalavras.com.br/home>. Acesso em: 29 fev. 2024.

Felipe Collar **BERNI**

Do vislumbre com a novidade do conhecimento, do uso crítico da técnica e dos relatos compartilhados sobre as vivências como pessoas cegas, o Espaço Livre de Experimentação em Comunicação e Acessibilidade germinou, no coletivo de 40 coparticipantes, uma atenção voltada para produções jornalísticas acessíveis, o desejo de aprendizagem sobre outros recursos de acessibilidade e a defesa pela reformulação de estruturas e rotinas capacitistas e inacessíveis no jornalismo.

Ao problematizar a invenção da deficiência e sua construção social, o grupo, majoritariamente formado por pessoas videntes, foi provocado a consumir uma obra audiovisual utilizando apenas a audiodescrição. O desconforto foi generalizado, exceto entre os coparticipantes cegos, que já possuíam uma habilidade sensorial mais desenvolvida por meio da audição. Esse desconforto surgiu da dificuldade em compreender o filme apenas pelos elementos sonoros — como fala, sons, música e a própria tradução das imagens em texto. A partir dessa experiência, foi possível tensionar o que é convencionalmente aceito como norma, regra ou padrão. Naquele espaço e contexto, os "deficientes" eram os videntes.

Outra situação envolveu uma estudante vidente que, influenciada pelas discussões do curso, se aproximou de uma colega de turma não vidente. Em um Seminário Temático apresentado conjuntamente, relataram que todo o estudo e preparação foram realizados a partir de elementos de acessibilidade: todos os slides foram audiodescritos e transcritos para o Braille, permitindo que a estudante cega pudesse acompanhar, intervir e participar integralmente da apresentação. Como coparticipante do curso e tendo vivenciado de perto a experiência de uma pessoa cega, essa estudante, até então alheia às particularidades das deficiências, tornou-se *ledora-escrevente* — uma modalidade de assistência estudantil articulada pela instituição para minimizar as desvantagens impostas pela dinâmica estrutural e pedagógica aos estudantes com deficiência.

PROVOCAÇÕES PARA (RE)PENSAR O ENSINO DE ACESSIBILIDADE COMUNICATIVA NOS CURSOS DE JORNALISMO

É comum ouvir relatos de colegas que foram questionados em sala por estudantes a respeito da acessibilidade dentro de disciplinas específicas. Também há registros de estudantes que manifestam interesse por novos desdobramentos e espaços voltados à experimentação. O que relatamos constrói uma memória coletiva vivenciada junto à comunidade da Unemat, celebrando as tentativas de *aleijar*¹³ o campo da Comunicação e o ensino de Jornalismo, frequentemente regidos pelos *modus operandi* do capacitismo (Collar Berni, 2024).

Para além do ensino, a discussão nos leva a outras reflexões que de maneira breve sinalizamos. O jornalismo imerso numa sociedade capitalista, que descarta o corpo deficiente por não se enquadrar dentro do que se convencionou como performance e rendimento padrão, e que comunga com seus ideais, operacionaliza (mesmo que indiretamente) recursos para sustentação desse projeto ao negar ou obstaculizar o acesso à informação às pessoas com deficiência (Collar Berni; Bianchi, 2023). Informação que se apresenta como direito mediador para a consciência, reivindicação e conquista dos demais. Para Victor Gentili (2005), o direito à informação seria um pressuposto necessário para o gozo pleno dos direitos políticos e sociais. Por meio dele haveria a possibilidade de reivindicar e fiscalizar o poder político, bem como exercer o conjunto dos direitos sociais.

O jornalismo pode, também, ser instrumento de ruptura. Está na sua essência. Talvez o primeiro passo seja, ainda numa sociedade capitalista e capacitista, reconhecer as pessoas com deficiência como seu público, garantindo a elas o exercício do direito à informação e à comunicação e a plenitude da sua cidadania. Comungamos do entendimento do jornalismo como um direito essencial para a conquista, exercício e manutenção da cidadania. A cidadania não é um conceito universal, mas sim um conceito em disputa, o qual cada período histórico e visões políticas vislumbram de uma

¹³ A teoria aleijada oferece um “modelo cultural” da deficiência, se opõe aos modelos médico e social, rechaçando a ideia de que não ter uma deficiência seja um estado “natural” de todo ser humano.

Felipe Collar **BERNI**

maneira. María Cristina Mata o articula como participação e intervenção no espaço público, influenciando a apropriação de direitos e possibilidades, ou seja, “práctica que implica la capacidad de ser sujeto en todos los ámbitos en que se construye el poder” (Mata, 2006, p. 08). Nesse contexto, compreendemos

a cidadania comunicativa como um ‘espaço’ em que as PCD, ao mesmo tempo em que exercem o seu direito à comunicação e à informação, fortalecem-se num processo de (re)conhecimento em ações concretas, ao permitir a construção de novas relações com o mundo (Bonito, 2016, p. 188).

Portanto, uma dimensão que potencializa o seu autorreconhecimento como cidadão(ã), que aposta no uso das comunicações para o protagonismo social e que instiga mudanças estruturais à luz de uma vivência plena das PCD.

Note que a caminhada é longa, muitas são as tarefas. Ao mirar para o ensino da acessibilidade comunicativa nos cursos de Jornalismo, apostamos na potência da Educação como aliada de primeira hora para as transformações sociais. Para finalizar, reportamos o pensamento freiriano, “se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda” (Freire, 2000). É junto ao ensino do jornalismo que podemos nos aproximar dos nossos horizontes.

Referências

ANTONIOLI, Maria Elisabete. Diretrizes Curriculares e cursos de Jornalismo: a formação do jornalista à luz da legislação educacional. **Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**, v. 4, n. 15, p. 6, 2018.

BEILFUSS, Letícia Paola. **Acessibilidade Comunicativa na práxis jornalística cotidiana**. 2016. 79 f. TCC (Graduação) - Curso de Comunicação Social - Jornalismo, Universidade Federal do Pampa, São Borja, 2016.

PROVOCAÇÕES PARA [RE]PENSAR O ENSINO DE ACESSIBILIDADE COMUNICATIVA NOS CURSOS DE JORNALISMO

BERNARDO, Cristiane Hengler Corrêa; LEÃO, Inara Barbosa. Análise das matrizes curriculares dos cursos de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo no Brasil: um retrato da realidade nacional. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 35, n. 1, p. 253-274, 2012.

BONITO, Marco. A problematização da acessibilidade comunicativa como característica conceitual do jornalismo digital. **Âncora – Revista Latino-Americana de Jornalismo**, v. 3, n. 1, p. 175-193, 2016.

BONITO, Marco; SANTOS, Larissa Conceição dos. Repensar os processos e as práticas jornalísticas pela ótica da acessibilidade comunicativa. **Revista Alterjor**, [S. l.], v. 20, n. 2, p. 133-147, 2019.

BRASIL. Lei nº 13146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 02 fev. 2023.

CAMPBELL, Fiona Kumari. "InciPng Legal FicPons: Disability's Date with Ontology and the Ableist Body of the Law." **Griffith Law Review**, London, v. 10, n.1, p. 42-62, 2001.

COLLAR BERNI, Felipe; BIANCHI, Graziela Soares. O direito humano à comunicação de pessoas com deficiência: questionamentos e perspectivas no campo do jornalismo. **Eptic - Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação da Comunicação e da Cultura**, v. 25, n. 1, p. 45–62, 2023.

COLLAR BERNI, Felipe. Espaço de Experimentação em Comunicação e Acessibilidade: relato do vivido junto ao curso de Jornalismo da Unemat. **Anais do 22º Encontro Nacional de Professores de Jornalismo**. Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2024.

DINIZ, Debora. **O que é deficiência?** São Paulo: Brasiliense, 2007.

GENTILLI, Victor. **Democracia de massas: jornalismo e cidadania**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Unesp, 2000.

GUARESCHI, Pedrinho. **O direito humano à comunicação: pela democratização da mídia**. Petrópolis: Vozes, 2013.

MARCO, Victor Di. **Capacitismo: o mito da capacidade**. Belo Horizonte: Letramento, 2020.

Felipe Collar **BERNI**

MATA, María Cristina. Comunicación y ciudadanía: problemas teórico-políticos de su articulación. **Fronteiras – Estudos Midiáticos**, São Leopoldo, v. 8, n. 1, pp. 5-15, 2006.

SKLIAR, Carlos. A Invenção e a Exclusão da Alteridade "deficiente" a partir dos Significados da Normalidade. **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 24, n. 2, 2015.

SOUSA, Joana Belarmino de. Jornalismo e Acessibilidade: Apontamentos sobre Contratos de Leitura para Efeitos de Reconhecimento de Leitores Especiais de Jornais Online. **Anais do 5º Simpósio Internacional de Ciberjornalismo**. Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2014.



INVISÍVEIS E SOLITÁRIOS: O JORNALISMO INVESTIGATIVO PRATICADO POR JORNALISTAS DE RÁDIOS COMUNITÁRIAS NO INTERIOR DO BRASIL

INVISIBLE AND ALONE: THE INVESTIGATIVE JOURNALISM MADE BY JOURNALISTS FROM COMMUNITY RADIOS IN THE INTERIOR OF BRAZIL

Matheus Dias Galdino SOARES¹

José Carlos FERNANDES²

Universidade do Estado do Rio de Janeiro | Brasil

Resumo

Rádios comunitárias tendem a ocupar espaço abandonado pela grande imprensa na cobertura local e o fazem em sintonia com os princípios do jornalismo cidadão - num processo nem sempre consciente. Esse localismo elaborado coloca os jornalistas das emissoras num processo de "frontalidade" com as fontes e numa escala de tensões próxima das enfrentadas por quem faz jornalismo investigativo - termo que não mais lhes causa estranheza. Estudo de caso com entrevistas estruturadas com seis radialistas em atividade no interior do Paraná.

Palavras-chave

Jornalismo Investigativo; Rádios Comunitárias; Jornalismo no Interior; Frontalidade; Rádios do Paraná.

Abstract

Community Radios tend to be left on an abandoned space by the mainstream press on local coverage, which they do in tune with citizen journalism principles - not always aware of it. This labored localism put the journalists from these broadcasters in a process of "frontality" with the sources and in a scale of tensions close to those faced by the professionals that work with investigative journalism - a term that no longer brings strangeness to them. This is a study of case featuring structured interviews with six radio professionals working in the interior of Paraná state.

Keywords

Investigative Journalism; Community Radios; Journalism on the Interior; Frontality; Radios from Paraná.

RECEBIDO EM 20 DE AGOSTO DE 2021
ACEITO EM 13 DE SETEMBRO DE 2024

¹ Jornalista, mestre em Comunicação pela UFPR. Pesquisa rádios comunitárias. Atuou como repórter, assessor e redator. Email: aomatheusao@gmail.com.

² Jornalista profissional com 30 anos de atividade. É doutor e mestre em Estudos Literários. Trabalha com ensino, pesquisa e extensão no curso de Jornalismo da UFPR. Email: zecafernandes1964@gmail.com



Introdução

A mudança profunda no modelo de negócios do jornalismo (Fígaro, 2018), somada aos ataques contínuos contra a imprensa (Mello, 2020), desencadearam um movimento – ainda em seus inícios – de observação benevolente dos chamados “pequenos veículos”, a exemplo de jornais de baixa circulação, sites hiperlocais, rádios e tevês comunitárias. Vistos tradicionalmente com desconfiança, por sua baixa capacidade de cumprir protocolos técnicos do jornalismo profissional – como checagem exaustiva, edição cuidadosa e investimento em reportagem – e pela manipulação flagrante que tendem a sofrer, por parte de políticos e empresários, esses veículos quase invisíveis, à revelia de suas limitações estruturais e escassos recursos humanos, passam, de forma paulatina, a ser reconhecidos como parceiros dos jornalistas da grande mídia. Não raro, são base silenciosa para investigações jornalísticas.

Some-se a esse quadro de indicativos guardarem uma aura romântica da imprensa *in loco*, valorizado agora sobremaneira, por estar em oposição à massiva instalação de baias, nas quais jornalistas solitários são apartados do contato com as ruas, vendo-se imobilizados pelas exigências tecnicistas do jornalismo de dados e dos expedientes digitais (Marcondes Filho, 1993).

Ainda que de forma empírica, pode-se afirmar que o movimento de redução contínua das redações, fenômeno agravado na última década, disponibilizou para o mercado repórteres mais experientes, treinados nas grandes corporações. Muitos encontraram postos de atuação nas assessorias e em projetos solo, mas também em pequenas empresas de comunicação,

INVISÍVEIS E SOLITÁRIOS: O JORNALISMO INVESTIGATIVO PRATICADO POR JORNALISTAS DE RÁDIOS COMUNITÁRIAS NO INTERIOR DO BRASIL

como rádios comunitárias³. Pode-se supor que lhes alteraram o status, ampliando-lhes as redes e, por extensão, reduzindo o isolamento ao qual pareciam fadadas. Realizam, ali, o sonho do jornalismo hiperlocal (Meyer, 2007), sem abrir mão, por certo, da ambição de assinar coberturas de impacto. Essa é uma variante ainda em vias de ser estudada.

Em tese, no cenário de crise e reação à crise instala na imprensa uma perspectiva de interesse tanto para pesquisadores quanto para profissionais de mercado: jornalistas dos veículos “nanicos” – para usar aqui um termo caro aos jornais de resistência ao regime civil-militar instalado em 1964 – desafiam as condicionantes do “terceiro escalão” a que pareciam limitados e tendem a colaborar na construção de informações de grande interesse público (Bucci, 2000). Quando não, antecipam-se a elas, oferecendo dados seminais sobre desrespeito às leis ambientais, violência praticada no interior do país e desmandos políticos.

A título de ilustração, empresas familiares, camicases ou administradas por lobos solitários foram fundamentais na cobertura de tragédias ambientais como as de Mariana (MG), em 2015, e Brumadinho (MG), em 2019, tendo formado uma força tarefa ao lado da mídia mais estruturada. E mesmo antes dela, quando acenavam para o perigo eminente do rompimento da barragem, sem que fossem creditados⁴. Com base nessas evidências, deve-se considerar que, ainda que envoltos em precariedades e vícios de cobertura, os pequenos

³ Há um “lugar difícil” na categorização dos jornalistas que atuam em rádios comunitárias, tanto quanto em captar os movimentos da categoria - altamente líquida. A pesquisa *Perfil do jornalista brasileiro* (Mick, Lima, 2013) oferece parâmetros para pensar essa invisibilidade. Em sua amplitude, o estudo nomina os radialistas - no genérico - e considera que há sobreposições de algumas atividades nos grupos “jornalistas na mídia” e “jornalistas fora da mídia”, o que indica que os “comunitários” se encontram num vácuo conceitual. Resta que se autodeclararem, a partir de como se enxergam.

⁴ Informação dada pela jornalista Elvira Lobato, no 14.º Congresso Internacional de Jornalismo Investigativo da Abraji, em São Paulo, 2019, ao falar de seu projeto, junto ao Observatório da Imprensa, de cartografia nacional dos pequenos veículos. Pesquisa nasceu na esteira do livro-reportagem *Antenas da floresta: a saga das TVs na Amazônia* (Objetiva, 2017), sobre o desaparecimento anunciado das tevês sem sinal digital, na Região Norte. A investigação levou Lobato a perceber a rede biodiversa que essas emissoras formavam com outros veículos e a importância que têm para a afirmação do trabalho da imprensa no interior do Brasil.

Matheus Dias Galdino SOARES, José Carlos FERNANDES

veículos se firmam como peças de resistência e contribuem sobremaneira na afirmação da imprensa como um dos esteios da democracia (Kovach, Rosenstiel, 2003).

Nessa direção, o presente artigo explora de que maneira rádios comunitárias em atuação no estado do Paraná desenvolvem – mesmo que numa medida incipiente – as práticas do jornalismo investigativo (Fortes, 2005), se as reconhecem como tal, se problematizam o termo e que tipo de obstáculos costumam enfrentar, por estarem próximos em demasia das comunidades – logo, mais sujeitos a pressão, em caso de conflito de interesses. Some-se a esse elenco de questões a percepção dos profissionais das rádios pesquisadas acerca das contingências de não contar com o aporte empresarial, em caso de haver impasses jurídicos numa determinada cobertura. O “medo de processos” inibe os pequenos ao se verem diante de uma pauta investigativa? Há um jornalismo investigativo latente, porém inviabilizado, nos rincões do país?

O jornalista investigativo de veículo alternativo/comunitário em atuação no interior ou em periferias de grandes centros urbanos enfrenta alta vulnerabilidade diante de figuras públicas, como empresários, fazendeiros e políticos, que porventura se sintam atingidos por uma reportagem que lhes desagrade. A esse embate, que ocorre sem as “paredes” e sem aparato jurídico (Machado, 2018) das grandes corporações de comunicação, chamaremos de “frontalidade”. Importa à pesquisa tanto constatar a falta de aparato entre fonte e jornalista como listar estratégias encontradas por comunicadores de rádio do interior para fazer valer o jornalismo de investigação.

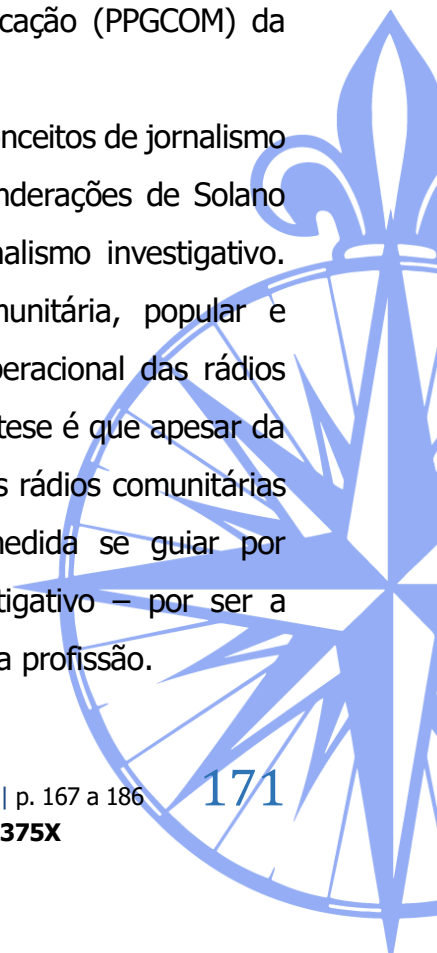
Servem de suporte para essa empreitada as pesquisas de Roseli Fígaro, da Universidade de São Paulo (USP), sobre o que chama de “arranjos” dos jornalistas para se manterem na profissão na última década; o levantamento da jornalista Elvira Lobato, que mapeia a imprensa fora do eixo, numa parceria com o Observatório da Imprensa; e o projeto de pesquisa “Jovens e consumo

INVISÍVEIS E SOLITÁRIOS: O JORNALISMO INVESTIGATIVO PRATICADO POR JORNALISTAS DE RÁDIOS COMUNITÁRIAS NO INTERIOR DO BRASIL

mediático em tempos de convergência: Brasil Profundo”, capitaneado pela pesquisadora Nilda Jacks (2018), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), cujo objetivo é mapear modos de conexão e informação juvenil nos pontos mais distantes do país. Nos três casos, emergem registros em torno da ação e interação de veículos de comunicação diminutos, comprovando ser um foco da imprensa - em pulsação e a ser observado.

O presente artigo se alinha aos temas “A teoria e a prática do jornalismo investigativo no Brasil” e “Jornalismo investigativo e segurança no trabalho”, no qual se busca constituir um vínculo entre práticas de Jornalismo Investigativo e rotinas produtivas nos veículos comunitários. A coleta de dados se deu por meio de entrevistas semiestruturadas (Duarte, Barros, 2011; Bardin, 2016) com seis jornalistas de rádios comunitárias atuantes em regiões diferentes do Paraná. Os profissionais contatados responderam perguntas fechadas e abertas, com liberdade para narrar episódios da rotina de trabalho, dos quais se pode extrair elementos para a continuidade do estudo. Este artigo é o primeiro desdobramento do projeto de pesquisa sobre as emissoras de radiodifusão comunitária no estado, de Matheus Dias Galdino Soares, para o Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Utilizamos as investigações de Elvira Lobato; os conceitos de jornalismo investigativo elencados por Mauri König (2019); as ponderações de Solano Nascimento (2010) sobre a atual performance do jornalismo investigativo. Paralelo, explorou-se temas como comunicação comunitária, popular e alternativa (Peruzzo, 2006); e a situação política e operacional das rádios comunitárias (Rosembach, 2006; Moreira, 2013). A hipótese é que apesar da invisibilidade e da fragilidade jurídica e financeira que as rádios comunitárias enfrentam, seus profissionais buscam em alguma medida se guiar por diretrizes jornalísticas e realizar algum trabalho investigativo – por ser a investigação da natureza do jornalista no exercício de sua profissão.



Matheus Dias Galdino **SOARES**, José Carlos **FERNANDES**

Referencial teórico

Os elos estreitos entre comunicação e comunidade estão fartamente documentados na literatura – encontrando corolários em Muniz Sodré (2006) e na obra do sociólogo Richard Sennett: “O que significa, de maneira mais genérica, que o que ganhamos com tipos mais exigentes de cooperação é a compreensão de nós mesmos” (2012, p. 17). No bojo da poética da comunicação comunitária ou da comunicação popular vem, contudo, o cipoal semântico das palavras que formam essas expressões – usadas à exaustão, prestando-se a todo e qualquer sentido, um debate do qual aqui se deve desviar, tamanhas suas obrigações.

Adotamos a formulação de Pena (2007, p. 185), para quem “o jornalismo comunitário atende às demandas da cidadania e serve como instrumento de mobilização social”; e tem como base a disposição para levar informações importantes para as comunidades que precisam dela. Essa fórmula – diretiva e pragmática – foi construída paripassu com a comunicação popular, termo não menos impreciso e problemático, com fôlego para nos catapultar rumo a seus capítulos passados, o da imprensa operária das primeiras décadas do século XX, da Ação Católica nos anos 1950 e mesmo às Comunidades Eclesiais de Bases, as Cebs, na década de 1970. Envolve, igualmente, os princípios da Folkcomunicação, os “modos” de ser, viver e dizer dos povos tradicionais, mas, não sem menos importância, remete às práticas comunicativas direcionadas a grupos determinados – não raro os mais vulneráveis e isolados (Miani, 2007). Este sentido politizado se faz presente nas definições tanto da comunicação comunitária, como na comunicação alternativa e popular. Contudo, na realidade brasileira, tais definições têm adquirido um sentido mais sistemático e menos politizado, voltado para a definição técnica e estatística dos meios, especialmente com a consolidação legal de sua regulamentação (Peruzzo, 2008).

De qualquer maneira, o “popular”, o “comunitário” e o “cidadão” trazem na sua epistemologia a resistência civil (Motta, 2008). São, por natureza, uma reação à máquina niveladora da indústria cultural, que impõe à massa sua lógica, sua estética, com onipresença e onipotência. Uma rádio comunitária – ainda que sujeita a toda sorte de fragilidades, inclusive a de coerência com sua natureza – existe para refrear a centralidade dos grandes meios de comunicação, ainda que não se deva negar sua importância para a construção da sociedade democrática.

Os termos em questão ganham ainda mais força – em seu caráter de resistência – quando se considera estar firmado o divórcio entre o conceito de “povo” e o de “nação”, que quando tratados de forma indissociada, se prestam a discursos épicos e autoritários. Há um movimento no sentido de entender o povo como uma pluralidade de identidades (Canclini, 2015), disposição que inibe a domesticação da palavra “comunitário”, valorizando-a por sua alta temperatura simbólica. O quanto as rádios comunitárias se engajam nesse movimento – no recorte deste artigo – é algo que só será possível dizer com desdobramentos da pesquisa.

Por ora, resta acentuar que as rádios se constituem como territórios de reação à massificação, ao globalismo, e que nascem da crença da reciprocidade como elemento constitutivo das comunidades – o lugar em que a vida se dá. A comunicação radiofônica historicamente se mostrou uma espécie de platô privilegiado para a consolidação dessa experiência. A rádio é por tabela uma mediadora do popular – na técnica e na maneira como viabiliza os discursos orais (Martín-Barbero, 2015; Melo, 2008), ou seja, comunica na forma linguística daqueles que a ouvem.

A síntese política-popular contida na ideia do que seja uma rádio-comunitária, não por menos, é uma fonte de paixões e mesmo de complôs. Uma história do rádio na América Latina, por isso, vai ser uma história de disputa por esse poder ou de sua restrição – haja visto o crescimento contínuo das legislações (Moreira, 2013), quase sempre inibidoras. Para muitas

Matheus Dias Galdino SOARES, José Carlos FERNANDES

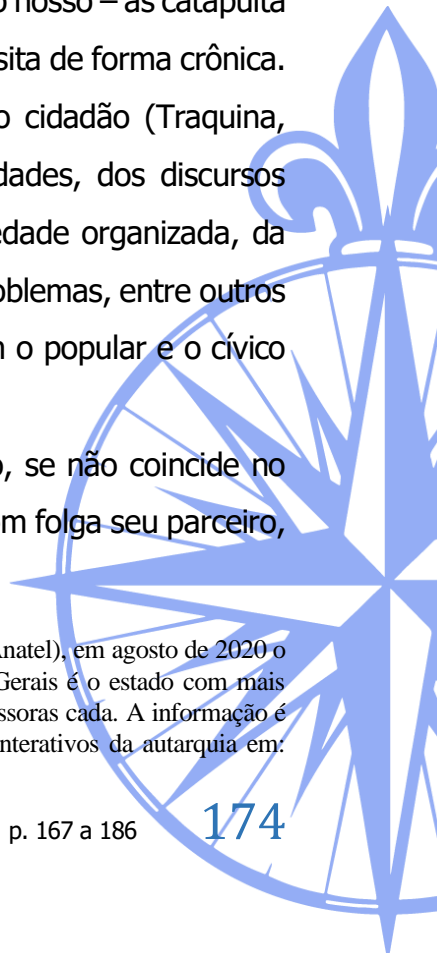
emissoras restou a clandestinidade, em núcleos silenciosos nos quais se articulou a luta pelo direito à comunicação. Negar a esses nichos participação direta no melhor do jornalismo equivale a faltar com a verdade.

No Brasil, essas reivindicações ganharam força paralelo à abertura política – tendo entre suas forças a Frente Nacional pela Democratização da Comunicação (FNDC), cuja atuação ganhou desdobramentos na Lei da Radiodifusão Comunitária de 1998, e no Código Brasileiro de Telecomunicações, de 2001 (Moreira, 2003). No país das estimadas 20 mil rádios comunitárias, da década de 1990⁵, as forças de regulação não foram nada santas, redundando na repressão à mídia comunitária – inclusive na forma legal, que lhe impõe limites burocráticos dracônicos.

Os saberes e fazeres do jornalismo popular e comunitário – ainda que transitem em zonas escuras das políticas de comunicação – ganharam releituras e articulações no jornalismo cidadão. Em sua sofisticação formal, essa formulação teórico-prática não só dialoga com um sem número de premissas da comunicação em comunidades, como – grifo nosso – as catapultas para além do engessamento da luta política, na qual transita de forma crônica. O caráter cívico, público e transformador do jornalismo cidadão (Traquina, 2005) é potente por força do vínculo com as comunidades, dos discursos contra-hegemônicos, das oitivas e participação na sociedade organizada, da proposição de saídas e não apenas da constatação de problemas, entre outros princípios dessa corrente que irmanam e redimensionam o popular e o cívico numa Contra-Reforma comunicacional.

O interesse crescente pelo jornalismo investigativo, se não coincide no tempo exato com o alvorecer do jornalismo cidadão, é com folga seu parceiro,

⁵ De acordo com os registros da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), em agosto de 2020 o Brasil todo possui 4.557 concessões de radiodifusão comunitária. Minas Gerais é o estado com mais outorgas (732). Com menos concessões, Roraima e Acre possuem seis emissoras cada. A informação é pública e pode ser obtida diretamente a partir da estrutura dos sistemas interativos da autarquia em: <https://sistemas.anatel.gov.br/easp/Novo/Consulta/Tela.asp?OP=E>



pois encontra nesse movimento um terreno propício para se desenvolver. Ao surgir, nos EUA da década de 1960, o jornalismo investigativo não foi só reação à crença religiosa na objetividade. Foi também um arcabouço crítico às práticas jornalísticas, o que contribuiu para depurá-las (Schudson, 2010) – e mesmo levá-las de encontro à “verdade” contida em outras práticas.

Esse potencial interativo e conceitual ganha fôlego na imprensa brasileira, onde tanto a investigação, quanto o popular e o comunitário habitam o imaginário das práticas jornalísticas. Contudo, o jornalismo investigativo, propriamente dito, é um trabalho pouco realizado dentro da realidade da profissão, como aponta König (2019). Esta atividade, segundo o autor, que também é um dos mais premiados jornalistas investigativos do país, exige um trabalho especial que está para além de *deadlines*, além de uma exploração estratégica das informações, das fontes e dos recursos disponíveis.

Quando essas forças se encontram, geram reação, pois são centradas no interesse público e no público (Nascimento, 2010). Tal encontro se deu em meio à redemocratização, nos anos 1980, provocando uma colagem de tendências que vai encontrar no jornalismo cidadão o seu ponto de equilíbrio. Ou pelo menos assim se quer crer.

Metodologia

Antes da realização das entrevistas que formam o corpo desta pesquisa, realizou-se um levantamento para estimar o estado da arte sobre jornalismo investigativo em rádios comunitárias - sem caráter conclusivo. Foram consultados repositórios SciElo e Google Scholar, além dos repositórios de teses e dissertações da Universidade de São Paulo (USP), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Universidade Federal do Paraná (UFPR), instituições com tradição nas pesquisas em comunicação comunitária, alternativa e arranjos do jornalismo cidadão. Nessas fontes foram encontrados

Matheus Dias Galdino SOARES, José Carlos FERNANDES

estudos que relacionam o jornalismo (teoria, prática, gêneros e padrões) às rádios comunitárias, porém não se obteve resultados que vinculem rádios comunitárias a jornalismo investigativo.

Paralelo à revisão bibliográfica sobre jornalismo cidadão, jornalismo comunitário e jornalismo investigativo, foram feitas entrevistas semiestruturadas com radialistas de emissoras comunitárias de todo o estado do Paraná. As perguntas – 17 no total – obedeceram a um questionário que alternava questões abertas e fechadas. O resultado tem valor de enquete, dada sua pequena extensão. A intencionalidade, entre outras, foi encontrar padrões e diferenças na atuação dos entrevistados, de modo a levantar dados que permitam balizar investigação jornalísticas e práticas de rádios comunitárias.

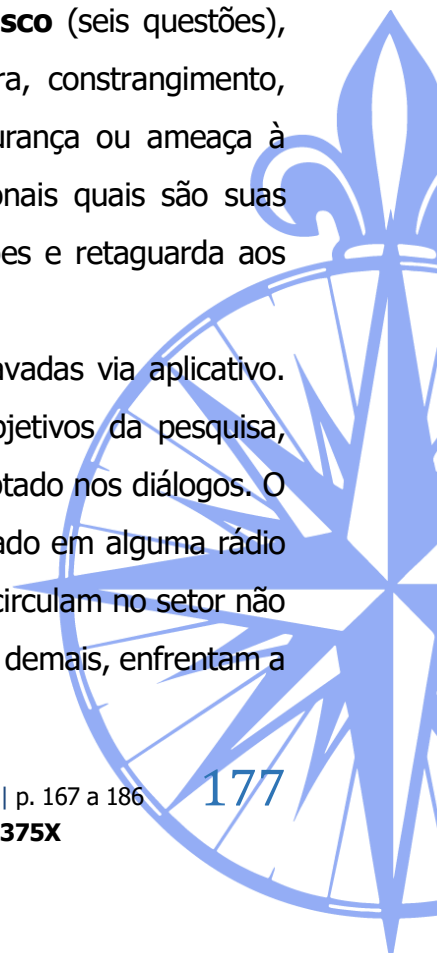
Foram consideradas as problematizações de Bardin (2016, p. 94) quanto ao método – seu caráter qualitativo e o risco de ao pinçar temas, do conjunto de entrevistas, em busca de similaridades e dissonâncias, reduzir a “equação particular do indivíduo”, no afã de alcançar o social. Entendemos que essas entrevistas serão reconsideradas nos desdobramentos da pesquisa, sendo retomadas, ampliadas e reanalisadas em seu sentido estrutural. Para esta etapa, a opção é a da divisão por sinopses, cuja organicidade, ainda que imperfeita, serve de base para futuros exercícios de decifração linguística das falas recolhidas.

Segundo a Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), há 307 concessões para a radiodifusão comunitária espalhadas pelos 399 municípios do estado do Paraná. As seis entrevistas traçam um vetor com o intuito de cobrir essa distribuição, de modo a dar início a um mapa, a ser aprofundado na sequência da pesquisa. O recorte geográfico se baseia nas mesorregiões do estado do Paraná, com as quais buscamos o registro da fala de profissionais de rádios comunitárias do Norte Pioneiro (Joaquim Távora), Norte Novo (Santa Mariana), Campos Gerais (Ponta Grossa), Centro (Guarapuava), Sul (São

Mateus do Sul), Oeste (Cascavel), Litoral (Paranaguá) e Sudoeste (Pato Branco). Apesar da insistência dos pesquisadores em contatar diferentes profissionais para a entrevista, radialistas do Sudoeste e do Sul do estado não puderam ser encontrados ou se recusaram a participar. Curitiba e Região Metropolitana (RMC) não entraram para o corpo de análise, pois o artigo se propõe a observar o interior do estado, além da concentração de emissoras na RMC - cuja área abriga 30% da população do estado - exige pesquisa em raia própria.

O questionário foi dividido em três blocos: 1) **Jornalismo investigativo** (seis questões), com o objetivo de registrar qual o grau de aproximação do profissional com o termo em si, bem como suas percepções críticas sobre o jornalismo praticado pelas rádios comunitárias, seguidas de análise sobre sua própria atuação no campo investigativo; 2) **Rotinas jornalísticas** (cinco questões), cujo intuito é captar detalhes sobre as condições de apuração na emissora na qual o profissional atua; listar recursos operacionais da empresa, se o jornalista sente fragilidade jurídica e possíveis riscos causados pela proximidade geográfica com as fontes, quando se sentem atingidas pelo conteúdo jornalístico; 3) **Práticas de risco** (seis questões), bloco que registra situações de censura e autocensura, constrangimento, humilhação, achaque ou outro tipo de afronta à segurança ou ameaça à liberdade de expressão. Buscou-se saber dos profissionais quais são suas práticas de autoproteção e se a emissora dá orientações e retaguarda aos profissionais.

As entrevistas se deram por telefone, sendo gravadas via aplicativo. Informou-se os entrevistados previamente sobre os objetivos da pesquisa, conforme consta no roteiro de perguntas e no áudio captado nos diálogos. O critério estabelecido para participar foi atuar ou ter atuado em alguma rádio comunitária, uma vez que muitos dos profissionais que circulam no setor não ficam muito tempo em um mesmo veículo e, tal como os demais, enfrentam a



Matheus Dias Galdino **SOARES**, José Carlos **FERNANDES**

desproletarização do ofício de jornalista (SERVA, 2014). Alguns trabalham voluntariamente.

Análise das entrevistas

A presente pesquisa pretende sugerir em que medida, condições e com quais consequências o jornalismo investigativo é praticado em seis das 307 emissoras comunitárias paranaenses. Segue uma **súmula dos resultados**, a partir das respostas mais urgentes e relevantes para responder à formulação deste artigo:

A) **Percepção do termo “jornalismo investigativo” e das práticas:** quatro dos seis profissionais pesquisados entendem o termo “jornalismo investigativo” como “válido” para definir uma forma específica de se fazer jornalismo em profundidade e dotado de técnicas de apuração diferenciadas das corriqueiras. Dois dos ouvidos acham redundante a expressão “jornalismo investigativo”, por ser a investigação inerente ao jornalismo. No conjunto, dois entrevistados afirmam ter conhecimento satisfatório sobre radiojornalismo e investigação; dois dizem ter conhecimento médio; dois afirmam ter baixo conhecimento em técnica jornalística no rádio.

Perguntados **“se as rádios comunitárias fazem jornalismo investigativo”**, dois profissionais responderam “não”. Outros quatro disseram “sim”, com ressalvas. Apontam como senões para a prática, a limitação de recursos humanos e financeiros, o envolvimento pessoal ou político dos diretores das rádios com grupos locais (mesmo que vetados por

INVISÍVEIS E SOLITÁRIOS: O JORNALISMO INVESTIGATIVO PRATICADO POR JORNALISTAS DE RÁDIOS COMUNITÁRIAS NO INTERIOR DO BRASIL

lei), as restrições técnicas e a legislação, embora a Lei de Radiodifusão Comunitária não impeça a realização de jornalismo por essas emissoras. Pelo contrário: em seu artigo 3º, a legislação diz:

O Serviço de Radiodifusão Comunitária tem por finalidade o atendimento à comunidade beneficiada, com vistas a:

I- Dar oportunidade à difusão de idéias, elementos de cultura, tradições e hábitos sociais da comunidade;

II- Oferecer mecanismo à formação e integração da comunidade, estimulando o lazer, a cultura e o convívio social;

III- Prestar serviços de utilidade pública, integrando-se aos serviços de defesa civil, sempre que necessário;

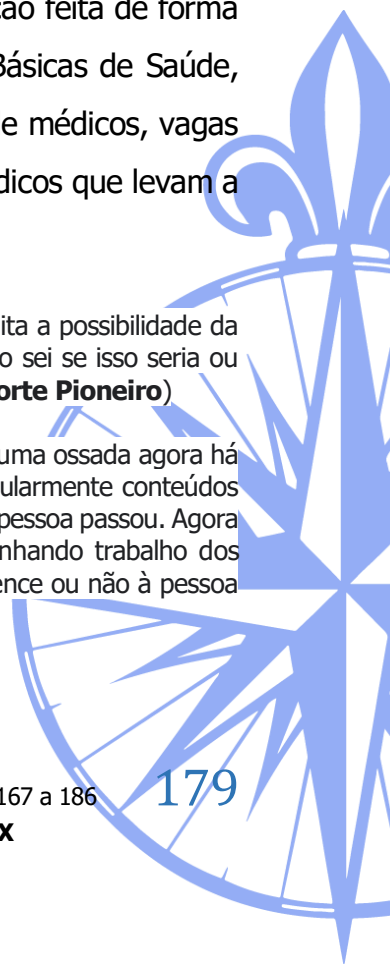
IV- Contribuir para o aperfeiçoamento profissional nas áreas de atuação dos jornalistas e radialistas, de conformidade com a legislação profissional vigente;

V- permitir a capacitação dos cidadãos no exercício do direito de expressão da forma mais acessível possível; (BRASIL, 1998)

Os exemplos mais citados de prática de jornalismo investigativo nas rádios comunitárias têm como exemplo material jornalístico que atingiu prefeitos, vereadores e servidores municipais das cidades onde a rádio atua. A técnica mais citada foi a consulta a dados oficiais divulgados por portais de transparência a fim de averiguar os recursos utilizados em obras públicas. Também foi citada como “jornalismo investigação” a apuração feita de forma presencial em espaços públicos, em especial as Unidades Básicas de Saúde, alvo constante de denúncias às emissoras, acusando falta de médicos, vagas insuficientes para consultas, mau atendimento ou erros médicos que levam a complicações, sequelas e óbitos.

Acredito que a Lei das Rádios Comunitárias limita a possibilidade da emissora em fazer jornalismo investigativo. Não sei se isso seria ou não jornalismo investigativo. **(radialista do Norte Pioneiro)**

Há dois anos uma pessoa sumiu. Encontraram uma ossada agora há pouco. Durante esse tempo a rádio trouxe regularmente conteúdos sobre o caso: amigos, relatos, locais por onde a pessoa passou. Agora que a ossada apareceu, a rádio está acompanhando trabalho dos legistas e da PM para divulgar se o corpo pertence ou não à pessoa desaparecida. **(radialista do Norte Novo)**



Matheus Dias Galdino **SOARES**, José Carlos **FERNANDES**

B) Rotinas: Cinco dos seis radialistas entrevistados afirmaram que as condições de apuração na emissora em que trabalham são “razoáveis”. Um dos profissionais disse que as condições são precárias. Enquanto rotinas, a maioria dos jornalistas comunitários afirmam que possuem alguma liberdade para trabalhar, mas falta tempo, apoio de mais funcionários na emissora e outros recursos que dependem de dinheiro. Dois dos radialistas disseram que não realizam trabalho investigativo pois o diretor da rádio prefere evitar que a emissora se envolva em assuntos relacionados à política. A maioria dos profissionais afirma já ter desistido de pautas jornalísticas por falta de condições de apurar. Cinco dos seis radialistas entrevistados dizem nunca terem repassado para outros veículos de maior porte denúncias investigativas.

Não passamos denúncias adiante porque sabemos que os demais veículos noticiosos da região não irão apurar. Especialmente se forem assuntos relacionados à política regional. Todos eles têm algum tipo de laço com governador, deputado ou prefeito. (**radialista dos Campos Gerais**).

A rádio em que eu trabalhava era de um pastor evangélico e o público era majoritariamente religioso (...). Na época em que eu trabalhei lá havia um jornal diário, mas ele [o pastor] nos orientava a não entrar no tema da política ou qualquer assunto que fosse polêmico. (**radialista do Centro**)

C) “Frontalidade”: Todos os entrevistados afirmam terem sofrido ou saberem de algum colega que sofreu assédio ou algum tipo de represália por parte dos que se sentiram atingidos por matérias veiculadas nas rádios. Além de ligações com reclamações e queixas diretas ao proprietário da emissora, o principal tipo de represália está relacionada ao financiamento da rádio comunitária. Restringidas a receber verba na forma de apoio cultural, os entrevistados mencionam pressões políticas oriundas das cúpulas da administração municipal, que ameaçam usar de sua influência para barrar apoiadores culturais da rádio.

Foram mencionadas ainda represálias na forma de denúncias falsas de irregularidades nas rádios, esboçadas por fontes atingidas por matérias.

INVISÍVEIS E SOLITÁRIOS: O JORNALISMO INVESTIGATIVO PRATICADO POR JORNALISTAS DE RÁDIOS COMUNITÁRIAS NO INTERIOR DO BRASIL

Segundo os radialistas que narraram esses episódios, as denúncias vazias são feitas em várias esferas e escalas - podendo se dirigir tanto ao Ministério das Comunicações quanto à Vigilância Sanitária local. Ninguém relatou o efeito prático dessas investidas.

Soube de casos nos quais denunciaram a emissora para a Vigilância Sanitária, que chegou a ser fechada pela administração municipal alegando que o lugar era insalubre. A rádio entrou com mandado de segurança e pode voltar a operar. **(radialista do Oeste).**

Acredito que a proximidade pode gerar autocensura sim. Podemos nos sentir acuados pela falta de recursos para encarar uma matéria. **(radialista do Litoral)**

Um dos profissionais de emissoras comunitárias mencionou ter sido acionado na Justiça em decorrência de matérias veiculadas pela rádio. Segundo ele, o atingido processou toda a equipe da rádio comunitária, perdendo a causa em todos os litígios. O jornalista, entretanto, afirma ter arcado com os honorários de sua própria defesa, sem apoio da emissora. Outra forma de assédio mencionada partiu da Polícia Militar. Ao se sentirem criticadas, autoridades policiais passaram a recusar o repasse de ocorrências na cidade. O motivo seria a insatisfação dos militares com a abordagem dada pela emissora comunitária, ao apontar erros na performance dos agentes.

A maioria dos radialistas entrevistados acredita que a proximidade que as emissoras comunitárias têm, seja sob o ponto de vista geográfico, político ou social, com as fontes que podem ser atingidas pelas matérias servem como um fator inibidor para a realização de pautas investigativas. A fragilidade jurídica desses meios também foi apontada como ponto frágil para a execução do jornalismo investigativo.

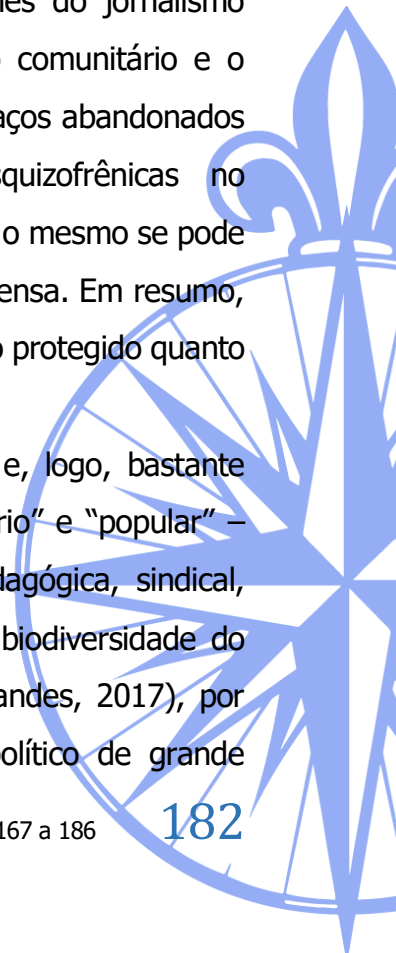
Considerações Finais

Matheus Dias Galdino SOARES, José Carlos FERNANDES

São outras – e não necessariamente melhores – as rotinas, o modelo de negócio, a hierarquia das redações e a compreensão da própria notícia trazidas ao jornalismo pela chamada era digital. Para bem, na ordem presente o fenômeno se sobrepõe ao fato bruto (Sodré, 2006), projetando o jornalismo como prática de transformação social que participa da construção de políticas públicas, perspectiva que o coloca para além do impacto momentâneo de uma manchete. Mesmo em meio ao campo minado aberto pela crise, a percepção fenomenológica – o que está “acontecendo” concorre na escala de valores ao “acontecido” (SODRÉ, 2012) – permite com que floresçam teorias e práticas salutares, a exemplo do jornalismo cidadão, nas suas diferentes denominações e matrizes (Traquina, 2005).

É na esteira dessa “novidade” – que atualiza para o século XX e XXI a ecologia humana do sociólogo Robert Park (Marocco, Berger, 2006) – que outras práticas e teorias do jornalismo se hibridizam, o que lhes permite quebrar paredes às quais estavam limitadas (Martino, 2007). Paripassu com o “processo civilizatório” trazido à imprensa pelos cânones do jornalismo cidadão, pode-se dizer que seus “vizinhos”, o jornalismo comunitário e o jornalismo popular, alargam suas fronteiras e ocupam espaços abandonados pela grande imprensa. As alterações não raro esquizofrênicas no gerenciamento da comunicação as atingem tanto quanto, e o mesmo se pode dizer que as tocam as mudanças de pensares sobre a imprensa. Em resumo, rompe-se a cápsula em que o “jornalismo de vila” estava tão protegido quanto limitado.

A presente pesquisa, ainda que tenha lastro inicial e, logo, bastante limitado, oferece indícios de que as esferas do “comunitário” e “popular” – imantados desde a origem de uma atmosfera rural, pedagógica, sindical, religiosa e bairrista – ganham mais e mais interação na biodiversidade do jornalismo. O “localismo” ou “hiperlocalismo” (Lima, Fernandes, 2017), por exemplo, apagados frente a onipresença do noticiário político de grande



INVISÍVEIS E SOLITÁRIOS: O JORNALISMO INVESTIGATIVO PRATICADO POR JORNALISTAS DE RÁDIOS COMUNITÁRIAS NO INTERIOR DO BRASIL

audiência, encontram seu espaço em veículos de pequeno porte, como as rádios comunitárias, aqui objetificadas. O lugar onde as pessoas vivem, o ônibus que pegam, a violência que sentem – entre outras pautas que atingem diretamente o cidadão – ficam cada vez mais relegadas aos pequenos veículos, que por força “do tempo em que estamos” tendem a tratá-los como fato, mas sobretudo como fenômeno.

Nesse cenário de redefinições de papéis, a relação dos “comunitários” e “populares” com a notícia tende a se tornar “investigativa” e sem filtros. Não há, nessas divisas, barreiras de proteção. Os achaques que sofrem não lhes chegam de forma mediada, ou apenas pelas redes sociais, mas com a mão que bate à porta.

Nas seis entrevistas-enquetes realizadas com radialistas comunitários para este artigo, há pouca estranheza com o termo e com jornalismo investigativo, o que indica que estudaram mais (Mick, Lima, 2013) e haver proximidade com um fazer até então circunscrito aos veículos de porte ou ao protagonismo de alguns jornalistas corajosos e iluminados. O mínimo que se pode dizer é que para os profissionais que começam seu trabalho com um “bom dia, comunidade”, há um desacato à origem paroquiana de suas atividades. Investigar e interferir se tornou um desejo. Resta saber como atravessam a ponte entre o recalque imposto pelas limitações estruturais e a realização dessa vontade. Resta como parâmetro considerar que tal disposição é inerente ao jornalismo, do qual – pelo que tudo indica – as rádios comunitárias deixam de participar como meras coadjuvantes.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Ed. revista e ampliada. São Paulo: Ed. 70, 2016.

BRASIL, LEI Nº 9.612, DE 19 DE FEVEREIRO DE 1998. **Institui o Serviço de Radiodifusão Comunitária e dá outras providências**. Brasília, 1998. Disponível: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9612.htm. Acesso em 30 ago 2020.

Matheus Dias Galdino **SOARES**, José Carlos **FERNANDES**

BUCCI, Eugênio. **Sobre ética e imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. 8.ª ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2015.

DUARTE, Jorge. BARROS, Antonio (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2.ª ed. São Paulo: Ed. Atlas, 2011)

FIGARO, R. (org.). **As relações de comunicação e as condições de produção no trabalho de jornalistas em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia**. São Paulo: ECA-USP, 2018.

FORTES, L. **Jornalismo investigativo**. São Paulo: Contexto, 2005.

JACKS, N. TOALDO, M. MARQUES, J.A. Jovens urbanos: consumo midiático no “Brasil Profundo”. **Alaic - Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**. São Paulo, 2018. V. 15, N. 29.

KÖNIG, M. **Limites éticos e legais no jornalismo de infiltração em reportagens do GDI do Grupo RBS**. Dissertação de Mestrado em Jornalismo. UEPG. Ponta Grossa, 2019.

KOVACH, Bill. ROSENSTIEL, Tom. **Elementos do jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir**. São Paulo: Geração Editorial, 2003.

LOBATO, E. **Antenas da Floresta: a saga das tvs da Amazônia**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2017. MACHADO, C. **O jornalismo no banco dos réus: análise de indenizações por dano moral julgadas pelo TJSC entre 2010 e 2017**. Dissertação de Mestrado em Jornalismo. UFSC. Florianópolis, 2018.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Jornalismo fin-de-siècle**. São Paulo: Scritta Editorial, 1993.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2015. 7.ª ed. MELO, José Marques de. **Mídia e cultura popular: história, taxonomia e metodologia da folkcomunicação**. São Paulo: Paulus, 2008.

MIANI, R. A. Cultura popular. In: GADINI, S. WOITOWICZ, K. (orgs.). **Noções básicas de folkcomunicação: uma introdução aos principais termos, conceitos e expressões**. Ponta Grossa (PR): Ed. UEPG, 2007.

INVISÍVEIS E SOLITÁRIOS: O JORNALISMO INVESTIGATIVO PRATICADO POR JORNALISTAS DE RÁDIOS COMUNITÁRIAS NO INTERIOR DO BRASIL

MOREIRA, Gislene. É legal? A regulação da comunicação comunitária na esquerda latino-americana. **Intercom - Revista brasileira de ciências da comunicação**. São Paulo, v. 36, n.1, jan/jun 2013.

MAROCCO, B. BERGER, C. **A era glacial do jornalismo**: teorias sociais da imprensa. Vol. 1. Porto Alegre: Sulina, 2006.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Estética da comunicação**: da consciência comunicativa ao “eu” digital. Petrópolis (RJ): Vozes, 2007.

MELLO, Patrícia Campos. **A máquina do ódio**: notas de uma repórter sobre fake news e violência digital. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MEYER, Philip. **Os jornais podem desaparecer?**: como salvar o jornalismo na era da informação. São Paulo: Contexto, 2007.

MICK, Jacques (coord.). LIMA, Samuel. **Perfil do jornalista brasileiro**: características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012. Florianópolis (SC): Insular, 2012.

MOTTA, L. G. Crítica da mídia: da resistência civil ao desenvolvimento humano. In: CHRISTOFOLETTI, R. MOTTA, L.G. (orgs.) **Observatórios da mídia**: olhares da cidadania. São Paulo: Paulus, 2008.

NASCIMENTO, S. **Os novos escribas**: o fenômeno do jornalismo sobre investigações no Brasil. Porto Alegre: Arquipélago, 2010.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2007.

PERUZZO, C. Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados e as reelaborações no setor. In: **XXIX Congresso Brasileiro de**

Matheus Dias Galdino **SOARES**, José Carlos **FERNANDES**

Ciências da Comunicação, 2006. Brasília. Paper do Núcleo de Pesquisa "Comunicação para Cidadania". Brasília: INTERCOM/UnB, 2006. p. 46-61.

ROSEMBACH, C. J. **O jornalismo nas rádios comunitárias**. Dissertação de Mestrado em Comunicação e Semiótica. PUC-SP. São Paulo, 2006.

SENNETT, Richard. **Juntos: os rituais, os prazeres e a política da cooperação**. Rio de Janeiro: Record, 2012)

SCHUDSON, Michael. **Descobrimo a notícia: uma história social dos jornais nos Estados Unidos**, Petrópolis (RJ): Vozes, 2010.

SERVA, Leão. **A desintegração dos jornais**. São Paulo: Ed. Reflexão, 2014.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2006.

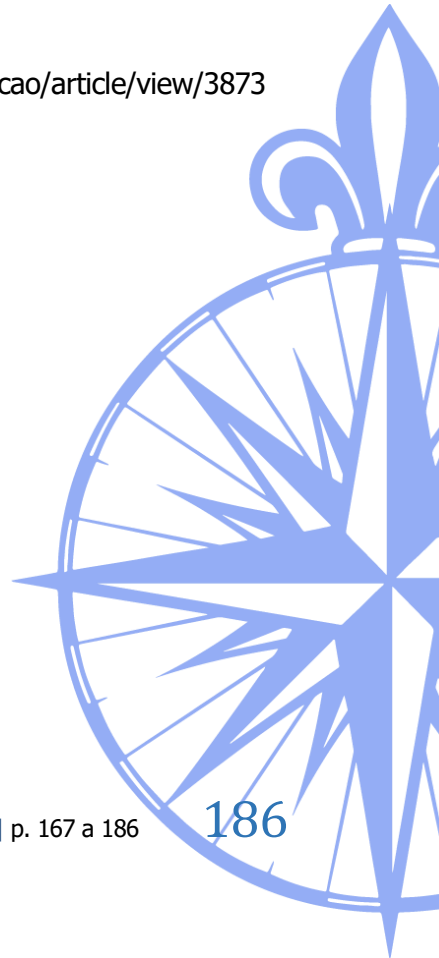
SODRÉ, Muniz. **A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento**. 2.^a ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2012.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são**. 2.^a ed. Florianópolis (SC): Insular, 2005.

LIMA, M.R. del Vecchio de. FERNANDES, J.C. Conexões entre o hiperlocal e o jornalismo investigativo: algumas reflexões e observações. **Comunicação & inovação**. Vol. 18. São Caetano do Sul (SP): USCS, 2017.

Disponível:

http://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/3873



SYLVIA SERAFIM E ALBERTINA, REFLEXÕES SOBRE DUAS ASSASSINAS CÉLEBRES: uma Resenha *Crime da galeria de cristal*, de Boris Fausto

SYLVIA SERAFIM AND ALBERTINA, REFLECTIONS ON TWO FAMOUS MURDERERS: a review of *Crime da galeria de cristal*, by Boris Fausto

Sergio SCHARGEL¹
Universidade de São Paulo | Brasil

Resumo

O Crime da Galeria de Cristal e os dois crimes da mala, de Boris Fausto, oferece uma reconstrução de dois crimes históricos que marcaram época no Brasil. Fausto revisita os crimes com foco nas disputas midiáticas e políticas que os envolveram. A proposta desta resenha é colocar em diálogo o livro de Fausto com outro caso que ocorreu mais ou menos na mesma época: o assassinato de Roberto Rodrigues por Sylvia Serafim. Os três crimes, além de terem acontecido em um espaço-tempo próximo, lançam luz sobre dinâmicas de gênero, processos de desumanização feminina e disputas na imprensa.

Palavras-chave

Sylvia Serafim. Roberto Rodrigues. *O crime da Galeria de Cristal*. Boris Fausto.

Abstract

O Crime da Galeria de Cristal e os dois crimes da mala, by Boris Fausto, offers a reconstruction of two historical crimes that marked the history of Brazilian press. Fausto revisits these crimes with a focus on the media and political disputes surrounding them. The aim of this review is to bring Fausto's book into dialogue with another case that occurred around the same time: the murder of Roberto Rodrigues by Sylvia Serafim. These three crimes, in addition to taking place within a similar time and space, shed light on gender dynamics, processes of female dehumanization, and disputes within the press.

Keywords

Sylvia Serafim. Roberto Rodrigues. *O crime da Galeria de Cristal*. Boris Fausto.

RECEBIDO EM 29 DE DEZEMBRO DE 2023
ACEITO EM 26 DE DEZEMBRO DE 2024

¹ Doutor em Comunicação pela UERJ, doutorando em Letras pela USP. Venceu o Prêmio Abralic de melhor dissertação do biênio 2020-2021, que se transformou no livro *O fascismo infinito, no real e na ficção* (Bestiário, 2023). Também é autor de *Bolsonarismo, Integralismo e Fascismo* (Folhas de Relva, 2024). Sua pesquisa e produção artística são focadas na relação entre literatura e política, tangenciando temas como teoria política, literatura política, fascismo, extrema direita, judaísmo, antissemitismo e a obra de Sylvia Serafim. Contato: sergioschargel_maia@hotmail.com / sergioschargel@gmail.com.

Uma de suas últimas obras antes de falecer, *O Crime da Galeria de Cristal e os dois crimes da mala, São Paulo, 1908-1928*, de Boris Fausto, capitaliza com sucesso o crescente interesse sobre o gênero *true crime*. Como um dos historiadores de maior renome no país, Fausto reconstrói dois crimes de época que abalaram não só São Paulo, como o Brasil inteiro, sempre com olhar atento às idiossincrasias de uma metrópole embrionária, ainda provinciana. Com uma narrativa que beira um romance, traz a São Paulo do início do século XX como protagonista, com três crimes bizarros como pano de fundo e elo de ligação entre os personagens.

O primeiro deles, o "Crime da Galeria de Cristal", como ficou conhecido. Não tanto pelo crime em si — uma mãe abandonada que assassinou o pai de sua filha, quatro anos depois de seu nascimento —, mas pela repercussão que teve. O crime gerou uma disputa na imprensa que anteciparia em quase vinte anos o que ocorreu quando Sylvia Serafim, jornalista e intelectual, assassinou Roberto Rodrigues, irmão de Nelson Rodrigues (Schargel, 2023). Não apenas uma disputa política, mas também regional, entre a imprensa carioca e paulista.

Apenas para contextualizar, dado que o caso do assassinato do irmão de Nelson aparecerá como efeito de comparação por toda essa resenha, um resumo do acontecido: no dia 26 de dezembro de 1929, Sylvia Serafim entrou na redação de *Crítica*, pediu uma audiência com Mário Rodrigues, dono do jornal, que não estava. Então, entrou com um gabinete com seu filho, Roberto, e atirou em sua barriga. Durante aquele minuto prolongado no gabinete, o teor da conversa entre Sylvia e Roberto permanece envolto em mistério.

No dia anterior, o jornal *Crítica*, dos Rodrigues, estampava em sua manchete uma suposta traição de Sylvia com um médico. Não se pode afirmar com certeza se o ato de infidelidade de fato aconteceu, porém, naquele momento, Sylvia estava em meio ao processo de separação e passava por um procedimento depilatório realizado pelo médico Manuel de Abreu. Infelizmente, algo deu errado durante o procedimento, resultando em queimaduras em suas pernas. Esse incidente foi o suficiente para ganhar destaque na primeira página do jornal.

O destaque e a disputa que o Crime da Galeria de Cristal recebeu, em muito lidou com a mesma influência do assassinato de Roberto Rodrigues. Isto é, como sugere Marialva Barbosa (2023), embora esses crimes tenham lidado com o inusitado e mobilizado uma série de fatores particulares como o empenho político e econômico, o que faz com que permaneçam relevantes e discutidos no contemporâneo reside em parte no caráter social tanto das vítimas quanto dos perpetradores. Casos semelhantes ocorriam em profusão no Brasil do início do século XX — Barbosa (2023) cita, por exemplo, o de um idoso em Inhaúma, mas uma busca simples na imprensa revela a importância que as páginas policiais desempenhavam —, mas não envolviam um bacharel ou o filho do dono de um grande jornal. Em comum entre eles, além dos efeitos já destacados, aparece a absolvição de ambos os perpetradores por legítima defesa da honra. Uma inversão, pois era uma tese que servia para absolver majoritariamente homens.

Não é coincidência que a imprensa ocupe papel de destaque na estrutura do livro de Fausto. São capítulos inteiros dedicados ao tema do folhetim ou ao jornalismo de sensações. Da mesma forma, para Barbosa (2023), o jornalismo de sensações é protagonista no caso de Roberto Rodrigues. É por meio da imprensa — e da disputa que se desenvolve no seio dela — que os crimes entram na memória popular e permanecem ainda

Sergio **SCHARGEL**

hoje mobilizando paixões. Utilizando o jornalismo como pano de fundo, Fausto constrói ampla visão do Crime da Galeria de Cristal, mas também de dois outros crimes relacionados entre si que ficaram conhecidos como Crimes da Mala. Reconstituindo o melhor da tradição da narrativa policial, o autor perpassa e reconta cronologicamente a sucessão de eventos, as motivações, as consequências e os aspectos sociais dos crimes.

O imaginário da imprensa, vale chamar atenção, bebe por si de uma tradição narrativa literária. Barbosa (2023) lembra que a separação entre Literatura e Jornalismo nunca se deu por completo, e no início do século XX era praticamente inexistente. Jornalistas, antes de tudo, desejavam ser escritores e enxergavam a sua profissão como extensão das belas letras. Não à toa, o imaginário midiático trabalha com epítetos e nomenclaturas, principalmente quando lidam com crimes chocantes, que parecem retirados de uma obra de ficção. De “Chico Picadinho” e “Fera da Penha”, passando pelo “Crime da Galeria de Cristal” e os “Crimes da Mala”, o imaginário sobre assassinatos trabalha com o sensacional em sua própria essência.

É entre o final do século XIX e início do XX que o jornalismo de sensações encontra seu espaço mais profícuo. Seu “lado B”, a imprensa marrom, se dissemina por todo o planeta envolvendo grandes narrativas sobre crimes, despertando a paixão do público pela violência estetizada. Surgem grandes manchetes, intencionalmente mobilizando sensações de acordo com a conveniência. A imprensa cresce não somente em termos econômicos, mas em importância social, palco de grandes disputas empresariais e políticas. O caso de Sylvia Serafim, por exemplo, foi capturado por um combate entre progressistas/feministas, que defendiam que a ré agiu em defesa de sua honra, e conservadores/reacionários, que argumentavam que ela havia não apenas ceifado um pai de família, como também abandonado o seu papel materno para se dedicar à degenerada arte da literatura (Crítica, n. 556, 23 ago. 1930). Já no caso do Crime da

Galeria de Cristal, jornais do Rio de Janeiro e São Paulo entraram em embate, com a então capital ironizando a violência paulista (Fausto, 2019, p. 57-58).

Ainda que não seja excepcional, uma assassina do sexo feminino despertava curiosidade por sua raridade no início do século XX. E, tanto mais, por contradizer a imagem canonizada sobre a mulher. Vista como frágil e delicada, um crime como assassinato rompia os papéis tradicionais de gênero, trazendo uma aura inédita à mulher, como percebeu a chilena Alia Trabucco Zerán (2023). Seja no caso de Sylvia ou de Albertina, a suposta contradição foi responsável em parte pelo interesse levantado.

Interesse e imagem que podem, inclusive, ter contribuído para a absolvição das duas assassinas. Ambas receberam o parecer de defesa da honra, e suas defesas ganharam força quando conseguiram construir uma imagem de mulher ultrajada. Para Sylvia, por exemplo, foi fulcral o depoimento de seu ex-marido negando que ela fosse adúltera — no exercício do contrafactual, pode-se pensar qual seria o desfecho do julgamento se ela fosse adúltera confessada. Como notou Michel Foucault (2010), mecanismos sociais punem transgressores antes da avaliação jurídica, que em geral apenas corrobora o veredito popular.

Nesse aspecto, Fausto é revelador:

Do lado positivo, amplamente majoritário, ela era pintada como uma professorinha dedicada, que contraíra um casamento decente, com um companheiro de trabalho a quem amava, e, num ímpeto, assassinara o homem que lhe trouxera infelicidade. Em algumas reportagens dos jornais, ao longo de seu processo, ela chegou a ser qualificada como heroína, uma jovem cercada de um meio hostil, que recusou a alternativa de prostituição e se lançou a um trabalho árduo, mas de muito valor social [...]. Se não lhe faltava determinação, ela teria ainda o mérito do recato, ao desprezar exhibições de luxo, aliás não condizentes com seus hábitos e seus ganhos (Fausto, 2019, p. 60-61).

Sergio **SCHARGEL**

Por outro lado, Eliziário é descrito como uma “figura arrogante”, supostamente responsável por desvirtuar Albertina para o assassinato (Fausto, 2019, p. 61). O sexismo assume papel central no julgamento, a assassina recebe carga moralizante de indefesa, enquanto o assassino é tomado como verdadeiro culpado. Porém, se Albertina foi canonizada por aqueles que a defendiam, os que a atacavam também faziam semelhante: deslocavam para ela todos os vícios possíveis, e não faltaram epítetos. Novamente, semelhante ocorreu no caso Sylvia Serafim, em que a jornalista foi demonizada por conservadores e sacralizada por progressistas.

Entre outros, Sylvia foi chamada de “Cadela das Pernas Felpudas”, “Literata do Mangue” e “Útero dos Apaziguados por Assis Chateaubriand”. Albertina, por sua vez, de “messalina de baixo estofa” e “rameira vulgar” (Fausto, 2019, p. 62). Novamente ecoando as noções de Foucault (2010), as supostas transgressões sexuais da assassina atuam para condená-la — da mesma forma que sua imagem de imaculada — no social antes do jurídico.

Como dito, assim como o caso de Serafim, o Crime da Galeria de Cristal foi apropriado como palco de disputas políticas, econômicas e regionais. Grupos opositores absorveram o assassinato como método para atacar uns aos outros. Júlia Lopes de Almeida, por exemplo, uma das poucas escritoras com espaço na época², entrou em conflito com Carmen Dolores, outra intelectual reconhecida na época. Almeida, em *O Paiz*, e Dolores, em *Correio da Manhã*, concentraram esforços respectivamente em inocentar e absolver a assassina (Fausto, 2019, p. 67).

² Ainda assim reduzido, quando em comparação com seus pares, chegando ao ponto de não ter sido eleita para a própria Academia Brasileira de Letras (ABL) que ajudou a criar. Como a ABL não aceitava mulheres, elegeram o seu marido, Filinto de Almeida, apelidado de “acadêmico com sorte” (Fausto, 2019, p. 67).

Para Almeida, antes de Albertina existiam diversos outros culpados, inclusive o próprio assassinado. Desonrada, privada da liberdade por conta da maternidade, a perpetradora seria a verdadeira vítima, em uma inversão de papéis. Chega a dizer: “cuidado agora, moços sedutores de meninas ingênuas. O exemplo está aberto e, como vedes, os astros protegem o ódio das mulheres...” (Fausto, 2019, p. 70).

Embora o caso de Serafim seja bem mais complexo, ambos são exemplos de assassinatos interpretados de forma leviana e simplista pela mídia, com disputas maniqueístas que não levaram em consideração os tons de cinza e as dinâmicas sociais de poder. A preocupação em condenar ou inocentar Albertina, e por extensão o lado ideológico oposto, era maior do que compreender o que ocorreu e prevenir que casos semelhantes se repetissem no futuro. Contudo, Almeida lembra, não sem razão, o quanto a tese de legítima defesa da honra era aplicada para absolver homens em casos de feminicídio impulsionados por adultério, enquanto o oposto quase nunca ocorria:

este crime de São Paulo merece mais a benevolência do júri que todos os assassinatos cometidos por homens, por motivo de adultério e em que eles têm sido quase que invariavelmente absolvidos. [...] Que alegam os assassinos de mulheres em face dos tribunais? Alegam que foi por afronta da sua honra que puniram à faca ou à bala a esposa delinqüente. Que pode alegar esta desgraçada? Que foi por afronta da sua honra, do seu passado de agonias, do seu filho ignorado, do seu futuro para sempre perdido, que ela puniu à faca e à bala o homem que a traiu (Fausto, 2019, p. 69).

Dolores, também escritora feminista, por outro lado, rejeita a tese de legítima defesa da honra e afirma que o gênero do perpetrador é irrelevante para o crime. Independente de ser mulher ou homem, nenhum assassinato deveria ser justificado. A violência masculina não deve ser usada para legitimar semelhante lado oposto, e sim todo ato de agressão deve ser combatido (Fausto, 2019, p. 70) Ambas as autoras se

Sergio **SCHARGEL**

aproximavam na luta dos direitos femininos, principalmente na defesa da educação como método para emancipação, mas o Crime da Galeria de Cristal é exemplo de como um caso pode gerar disputas mesmo entre pessoas com posições ideológicas similares.

Em parte ao contrário de Serafim, Albertina não se calou sobre o caso. Ao contrário, deixou claro que não se arrependia do acontecido, e que havia agido em plena consciência de seus atos. Serafim baseou sua defesa na ideia de rompante emocional e descontrole, demonstrando arrependimento e negando que tivesse intenções assassinas, mas reforçando que a culpa da tragédia fora de *Crítica* ao publicar as particularidades de sua vida. Já Albertina argumentava que o que fizera fora necessário para defender a sua honra, e que o pai de seu filho plantara a semente da violência ao abandoná-la. Em uma carta em *O Commercio de São Paulo*, a assassina se desloca para o papel de justiceira, declarando que teve coragem de agir quando outras se acovardaram a “despedaçar todo o seu futuro para vir dar uma lição de moral como eu fiz, dando uma prova de que a minha dignidade não morre nem no cárcere” (Fausto, 2019, p. 64). Por ironia, embora levando em consideração o tempo em que a carta foi escrita, incorre a clichês de gênero ao atribuir-se de uma “coragem máscula” (Fausto, 2019, p. 64). Vai além, e chega a propor que os “sedutores” é que deveriam ser punidos com a prisão, e não aquelas que lavam a sua honra com sangue.

O Crime da Galeria de Cristal se utiliza de três crimes que abalaram São Paulo no início do século para levantar tópicos que permanecem mais atuais do que nunca. No melhor da tradição de Carlo Ginzburg, Fausto se apropria da microhistória para trabalhar tônicas essenciais como jornalismo de sensações e o papel de gênero. Desta forma, seu livro aparece como excelente opção não somente para os aficionados na criminologia, mas também àqueles interessados nas dinâmicas sociais e políticas que

decorrem de crimes célebres. Por meio de uma comparação com outro caso conhecido, o de Sylvia Serafim, a intenção desta resenha foi destacar e trabalhar justamente como alguns desses elementos aparecem em seu livro, por meio de uma escrita que beira a prosa policial.

Referências

BARBOSA, M. Entrevista com Marialva Barbosa: Uma discussão sobre o jornalismo de sensações e a era de ouro do jornalismo carioca. Entrevistador: Sergio Schargel. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados De História**, n. 77, pp. 378–394. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/59774>. Acesso em: 18 set. 2023. <https://doi.org/10.23925/2176-2767.2023v77p374-395>.

CRÍTICA. **No conselho de sentença que dictou a iníqua absolvição de Sylvia Serafim, ex-Thibau, houve dois homens dignos que condenaram a covarde assassina**. N. 556, 23 ago. 1930. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=372382&pasta=ano%20193&pesq=%22Por%20vezes%20sorria%22&pagfis=4188>. Acesso em: 18 out. 2022.

FAUSTO, Boris. **O Crime da Galeria de Cristal**. E os dois crimes da mala, São Paulo, 1908-1928. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

FOUCAULT, M. **Os anormais**: curso no Collège de France. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

GINZBURG, C. **O fio e os rastros**: verdadeiro, falso, fictício. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SCHARGEL, S. Minha bisavó matou um cara. **Revista Piauí**. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/minha-bisavo-matou-um-cara/>. Acesso em: 24 dez. 2023.

ZERÁN, A. T. **As homicidas**. São Paulo: Fósforo, 2023.

